

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Poliamor: um estudo sobre conjugalidade, identidade e gênero

Antonio Cerdeira Pilão

2012



Poliamor: um estudo sobre conjugalidade, identidade e gênero

Antonio Cerdeira Pilão

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Sociologia (com concentração em Antropologia).

Orientadora: Mirian Goldenberg

Rio de Janeiro,
Maio, 2012

Poliamor: um estudo sobre conjugalidade, identidade e gênero

Antonio Cerdeira Pilão

Mirian Goldenberg

Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Sociologia (com concentração em Antropologia).

Aprovada por:

Presidente, Prof. Mirian Goldenberg

Prof. Terezinha Féres-Carneiro

Prof. Yvonne Maggie

Rio de Janeiro
Maio de 2012

Pilão, Antonio Cerdeira.

Poliamor: um estudo sobre conjugalidade, identidade e gênero/
Antonio Cerdeira Pilão. Rio de Janeiro: UFRJ / IFCS, 2012.

xi, 113f; 30 cm.

Orientadora: Mirian Goldenberg.

Dissertação (mestrado) – UFRJ: Instituto de Filosofia e Ciências
Sociais / Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia, 2012.

Referências Bibliográficas: f. 121-125.

1. Conjugalidade. 2. Identidade. 3. Gênero. 4. Sexualidade. 5. Poliamor. I
Pilão, Antonio. II Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de
Filosofia e Ciências Sociais, Programa de Pós-Graduação em Sociologia e
Antropologia. III Poliamor: um estudo sobre conjugalidade, identidade e
gênero

RESUMO

Poliamor: um estudo sobre conjugalidade, identidade e gênero

Antonio Cerdeira Pilão

Orientadora: Mirian Goldenberg

Resumo da Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Sociologia (com concentração em Antropologia).

O objetivo deste trabalho é analisar as representações e os discursos de “poliamoristas” brasileiros sobre amor e sexualidade. “Poliamor” é um nome nativo dado à possibilidade de estabelecer mais de uma relação amorosa ao mesmo tempo com a concordância de todos os envolvidos. A escolha pelo “Poliamor” é fundamentada na afirmação de que ele é mais “honesto”, “livre” e “igualitário” que a monogamia. A fim de converter-se “poliamorista” é necessário enfrentar seus principais desafios: assumir publicamente a opção, encontrar parceiros, combater os ciúmes e desenvolver “compersão”. O conflito básico analisado nesta dissertação se dá na articulação dos valores de igualdade, reciprocidade e identidade, de um lado, e liberdade, espontaneidade e singularidade, de outro. Os “poliamoristas” divergem entre uma concepção de “superioridade” ou de “igualdade” em relação a outras formas de relacionamento. Entre os que enfatizam sua superioridade é defendido que o “Poliamor” substitua a monogamia como a nova forma de relacionamento amoroso legítima. Já entre os que enfatizam a igualdade, defende-se apenas o fim da “imposição” da monogamia. A relação “bissexual” em grupo é o arranjo mais valorizado entre os pesquisados, uma vez que rompe mais significativamente com a monogamia, o “amor romântico” e a “heteronormatividade”. A pesquisa foi realizada a partir da análise de quatro redes virtuais “poliamoristas”, de cinco entrevistas em profundidade com adeptos e da observação participante em “poliencontros”.

Palavras-chave: Conjugalidade, Identidade, Gênero, Sexualidade, Poliamor.

Rio de Janeiro
Maio, 2012

ABSTRACT

Poliamor: um estudo sobre conjugalidade, identidade e gênero

Antonio Cerdeira Pilão

Orientadora: Mirian Goldenberg

Abstract da Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Sociologia (com concentração em Antropologia).

The purpose of this paper is to analyze the representations and the discourses of Brazilian "polyamorists" about love and sexuality. "Polyamory" is a native name given to the possibility of establishing more than one loving relationship at the same time with the knowledge of all the involved. The choice of "Polyamory" is based on the assertion that it is more "honest", "free" and "egalitarian" than monogamy. In order to become a "polyamorist", it is necessary to surpass its main challenges: assuming the option publicly, finding partners, overcoming jealousy and developing "compersion." The basic conflict examined in this work takes place in the articulation of the values of equality, reciprocity and identity on the one hand, and freedom, spontaneity and uniqueness on the other. "Polyamorists" also diverge between a conception of "superiority" or "equality" in relation to other forms of relationship. Among those who emphasize their superiority, it is argued that "Polyamory" should replace monogamy as the legitimate form of intimate relationship. Those who emphasize equality only defend the end of the "imposition" of monogamy. The "bisexual" group relationship is the most valued arrangement among the researched as it represents the most significant rupture with monogamy, "romantic love" and "heteronormativity." The research was conducted based on the analysis of four virtual "polyamory" networks, five interviews with adepts and participant observation in "poly meetings".

Key-words: Intimate relationship, Identity, Gender, Sexuality, Polyamory.

Rio de Janeiro
Maio, 2012

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, por ter financiado este trabalho com uma bolsa de pesquisa paga regularmente durante os dois anos de vigência.

Agradeço a Mirian Goldenberg, por quem nutro grande admiração e gratidão, não apenas por ter orientado esta dissertação com extrema dedicação e eficiência, acompanhando de perto cada etapa do trabalho, mas, principalmente, pela oportunidade de testemunhar a forma séria e prazerosa com que se dedica à pesquisa e a todos os seus alunos.

Agradeço aos professores do PPGSA, em especial a Pedro Paulo Martins de Oliveira, Otávio Bonet, Karina Kuschnir, Bila Sorj e Elsje Lagrou, cujas aulas ajudaram muito no processo de reflexão e construção deste trabalho.

A todos os meus familiares, pelo carinho e apoio recebidos, especialmente a minha mãe, que muitas vezes abdicou de suas atividades para me ouvir falar de Poliamor.

Aos amigos de colégio, Antonio, Maurício, Carol, Babi, Fernanda, Leo e Celso pelos momentos inesquecíveis, pelas ricas discussões que contribuíram para a minha formação pessoal e para a escolha do curso de Ciências Sociais.

A todos que participaram da pesquisa “Corpos envelhecimento e identidades culturais”, Marisol, Verônica, Fernanda, Beatrice, Maurício, Vinícius e, principalmente, Olívia, a quem devo os primeiros passos da minha formação.

A todos os “ifcsianos”, especialmente Frodo, Danilo, Juliana, Rafaela, Dário, Sofia e “equipe”, pelas conversas de corredor e de bar, festas, viagens e reuniões do CACS.

Agradeço também a todos os amigos do PPGSA que contribuíram diretamente com esta dissertação com palavras ou leituras, Bárbara, Maíra, Emmanuel, Alana, Thaís e Mayara.

A Juliana, minha companheira, por tanto prazer, amor e carinho proporcionados.

A todos os poliamoristas que diretamente ou indiretamente possibilitaram a realização desta dissertação, pelos ensinamentos, pela coragem com que lidam com seus amores e principalmente pelo acolhimento com que me receberam ao longo da pesquisa.

Finalmente, agradeço pelos elogios e sugestões recebidas no exame de qualificação por Yvonne Maggie e Bernardo Jablonski, a cuja memória é dedicada esta dissertação.

Sumário

Introdução	10
-------------------------	----

CAPÍTULO I: Apresentação

1.1- Pesquisa	12
1.2- Fontes de pesquisa analisadas	
1.2.1- Site Poliamor Brasil	13
1.2.2- Blog Poliamores	15
1.2.3- Comunidade Poliamor Brasil no Orkut	16
1.2.4- Grupo Pratique Poliamor Brasil no Facebook	18
1.3- Perfil dos pesquisados	18
1.4.1- O que é o “Poliamor”?	22
1.4.2- Os tipos de relacionamentos poliamoristas	24

CAPÍTULO II: Prática e carreira poliamorista

2.1- “Conversão” poliamorista	
2.1.1- Quando os poliamoristas foram monogâmicos	26
2.1.2- Rompendo com a monogamia	
2.1.2.1- “Relacionamento aberto” – Entre a monogamia e o Poliamor	28
2.1.2.2- Conhecendo o Poliamor	32
2.1.3- Desafios para viver o Poliamor	
2.1.3.1- Declarar-se “poli” e enfrentar o preconceito	35
2.1.3.2- Monogamia: um “fantasma” permanente	41
2.1.3.3- Como encontrar parceiros(a)(s)?	45
2.2- Vivendo poliamores	
2.2.1- A difícil gestão das autonomias	
2.2.1.1- Criando regras e “rótulos”	47
2.2.1.2- Sobre segredos	50
2.2.1.3- Coabitação e distância	52
2.2.1.4- Filhos	54
2.2.2- Questionando o limite do amor a dois	55
2.2.3- A carreira poliamorista	58

CAPÍTULO III: Percepções de si e construções de identidades

3.1- Identidades poliamoristas	
3.1.1- O nome “liberta” ou “aprisiona”?	59
3.1.2- Definindo o Poliamor a partir de oposições e aproximações	
3.1.2.1- Poliamor x swing	66
3.1.2.2- Poliamor e “relação aberta”	67
3.1.2.3- Poliamor x poligamia	67
3.1.2.4- Poliamor e “amor livre”	68
3.1.3- Identidade “poli”: entre o relativismo, o estigma e a superioridade	69

3.2- Identidades de gênero: igualdade ou extinção?	72
3.3- Identidades sexuais	
3.3.1- “Bissexualidade” como ideal	78
3.3.2- Repressão ou libertação da sexualidade?	83
3.4- Liberdade e igualdade na (des)construção da identidade de gênero e sexual	84

CAPÍTULO IV: Ideologia poliamorista

4.1- Honestidade	
4.1.1- Honestidade ao(s) parceiro(s)	87
4.1.2- Honestidade a “si mesmo”	92
4.2- Liberdade e igualdade: conciliáveis ou contraditórios?	97
4.2.1- Conjugalidade x individualidade	98
4.2.2- Liberdade x reciprocidade	99
4.3- Amor “poli”: livre, horizontal e honesto	102
4.3.1- (Re) Definindo fronteiras entre amor, sexo e amizade	
4.3.1.1- Amor e amizade	104
4.3.1.2- Amor e sexo	106
4.3.2- Duração das relações poliamoristas	110
4.3.3- O amor romântico e o Poliamor	113
4.4- Poliamor (igualdade x liberdade) x monogamia	119
Considerações finais	120
Referências bibliográficas	124

Introdução

O objetivo deste trabalho é analisar as representações e os discursos de “poliamoristas” brasileiros sobre amor e sexualidade. Para tanto, proponho discutir as seguintes questões: Por que determinados homens e mulheres se tornam “poliamoristas”? O que se busca no “Poliamor”? Como chegam até ele? O que muda ao se tornarem “poliamoristas”? Qual a articulação que se estabelece entre os ideais do “Poliamor” e as práticas de seus adeptos? Quais são os principais desafios e conflitos apresentados? Quais são as concepções e práticas de gênero e sexualidade defendidas? Pretendo investigar também a forma como os poliamoristas se organizam e se estruturam como grupo social, buscando entender quais são os seus objetivos, os discursos que fundamentam sua unidade, quais as práticas e grupos aos quais se contrapõem, bem como os conflitos e divergências encontrados entre seus membros. Analiso, ainda, como os “poliamoristas” se veem, como acham que são vistos e como querem ser vistos.

A pesquisa foi realizada a partir da análise de quatro redes sociais de “poliamoristas” na internet: o site <http://Poliamorbrasil.org/>, o blog <http://Poliamores.blogspot.com/>, a comunidade “Poliamor Brasil”, na rede de relacionamentos Orkut e a Pratique Poliamor Brasil no Facebook, assim como das cinco entrevistas em profundidade realizadas com adeptos e da observação participante em três “polienccontros”.

Início o trabalho apresentando como foi desenvolvido o processo de pesquisa, as redes sociais analisadas e o perfil de seus usuários. Em seguida, exponho algumas definições de “Poliamor” e os diferentes arranjos poliamoristas existentes.

No segundo capítulo, apresento os processos necessários para a “conversão poliamorista”, dentre eles, a insatisfação com as limitações da monogamia, a tentativa frustrada de vivenciar “relacionamentos abertos”, o conhecimento da filosofia do “Poliamor” e o enfrentamento de seus principais desafios: encontrar parceiros adeptos da prática, combater os ciúmes e o sentimento de posse, declarar-se “poli” e lidar com o preconceito. Analiso, ainda, a prática conjugal “poliamorista”, dando destaque aos conflitos relatados para a manutenção das autonomias nos vínculos amorosos.

As tensões para a construção da identidade “poliamorista”, de gênero e sexual são abordadas no terceiro capítulo. Entre os pesquisados que enfatizam a “igualdade” defende-se a utilidade das categorias de identidade: “homem”, “mulher”, “gays” “héteros”, “bi” e “poli” como formas de identificação necessárias para se combater o “machismo”, a “heteronormatividade” e a “mononormatividade”. Entre os que priorizam a “liberdade”,

afirma-se que essas categorias são “prisões”, padronizações perigosas e desnecessárias. Ainda neste capítulo, são analisadas as contraposições feitas entre os ideais e práticas “poliamoristas” e os de outras formas de conjugalidades, assim como são expostas as duas estratégias de construção da identidade poliamorista, a primeira que enfatiza a “superioridade” e a segunda a “igualdade”. Finalmente, analiso a valorização da “bissexualidade” e a consideração de que se trata de uma forma de libertação e expansão das possibilidades de amar.

No último capítulo, mostro que a busca dos pesquisados pelo “Poliamor” se fundamenta basicamente em quatro ideais: “liberdade”, para se relacionar afetiva e sexualmente com quem desejar; “igualdade”, para que as mesmas possibilidades sejam dadas a todos os envolvidos; “sinceridade” entre os parceiros e “amor” que expressa a prevalência de vínculos íntimos e profundos sobre os superficiais e sexuais. O argumento central da dissertação de que o ideal de “liberdade” entra em conflito com o de “igualdade”, gerando divergências e tensões entre os pesquisados, é detalhadamente discutido neste capítulo.

CAPÍTULO I: Apresentação

1.1- Pesquisa

Minha pesquisa de dissertação iniciou-se a partir do desejo de entender a construção sócio-histórica do sentimento amoroso, comparando as representações e as trajetórias afetivo-sexuais de homens e mulheres de duas gerações cariocas. Para tanto, realizei 12 entrevistas em profundidade. Havia, entretanto, uma desafiadora diversidade de temáticas no trabalho, referentes às diferentes modalidades de relacionamento afetivo relatados pelos entrevistados. Tendo em vista a necessidade de um recorte temático mais bem delimitado e de um grupo mais homogêneo, interessei-me, em junho de 2011, por uma das modalidades encontradas: os “relacionamentos abertos”.

Pesquisando sobre o assunto no site de relacionamentos Orkut, obtive meu primeiro contato com o grupo “Poliamor” e concluí ter encontrado um tema bem delimitado, por tratar-se de uma modalidade de conjugalidade específica, além de um grupo que se reconhece como tal. A descoberta do “Poliamor” foi impactante não apenas pelo desconhecimento do termo, mas, sobretudo, pela organização de seus adeptos, da padronização dos termos utilizados, tais como: “polifidelidade”, “mundo poli”, além das redes internacionais de defesa da causa “poliamorista”, da existência do dia internacional do “Poliamor” (20 de novembro), e até de uma bandeira simbolizando o grupo.

Após o conhecimento da comunidade Poliamor Brasil do Orkut, tive acesso – a partir de buscas no Google - ao site Poliamor Brasil e ao Poliamores, definindo, em seguida, que o conteúdo das mensagens compartilhadas nessas redes sociais seria o meu objeto de pesquisa. Durante os meses de junho e julho li todas as mensagens divulgadas (em torno de 4 mil) e classifiquei as discussões em diferentes temas. Ainda, nesse período, estabeleci contato com alguns poliamoristas sendo convidado a participar do XII Poliencontro do Rio de Janeiro. O encontro teve como tema “Afetividade e Competitividade” e contou com aproximadamente 10 participantes. O lugar escolhido foi um tradicional bar do centro da cidade.

Em agosto de 2011, defendi o projeto de qualificação, apresentando as discussões que se mostraram mais relevantes: ciúmes, exclusividade, amor, sexo, visibilidade poliamorista, divergências entre os membros, orientação sexual, concepções de gênero, desafios para a prática etc. Expus, também, algumas reflexões sobre o que acabou se tornando o principal argumento deste trabalho, de que o discurso nativo se estrutura a partir da tensão entre dois

grupos de ideais: de um lado, diferenciação, liberdade, singularidade e espontaneidade, e, de outro, igualdade, reciprocidade, identidade e negociação.

Ao final da apresentação, a banca, composta pelos professores Yvonne Maggie, Bernardo Jablonski e Mirian Goldenberg, fizeram suas considerações e sugestões, dentre elas a da professora Yvonne Maggie que sugeriu que o argumento do trabalho fosse exposto no início da dissertação e a do professor Bernardo Jablonski que aconselhou que se enfatizasse a busca poliamorista pela “diferenciação” e pelo processo de “desidealização” amorosa.

Nos meses de setembro e outubro de 2011 debruicei-me sobre os fóruns de discussão do grupo Pratique Poliamor Brasil no Facebook. Realizei, ainda, quatro entrevistas em profundidade, três com praticantes presentes no “Poliencontro” pesquisado e uma com uma “namorada” de um dos entrevistados¹. As entrevistas enfatizaram as experiências amorosas e tiveram roteiro semi-estruturado, apresentado para apreciação da banca de qualificação. As entrevistas duraram de uma a quatro horas e foram transcritas por mim.

Nos meses seguintes dediquei-me à leitura de trabalhos relacionados ao tema. Não encontrei artigos brasileiros que se referissem a pesquisas sobre “Poliamor”, concentrando-me nas produções estrangeiras. Participei, também, de outros encontros promovidos por “poliamoristas” no Rio de Janeiro e realizei uma entrevista com a autora do site Poliamor Brasil.

O resultado final deste trabalho é fruto de reelaborações que partiram de críticas e sugestões da minha orientadora e da banca de qualificação, assim como das sugestões recebidas durante a apresentação dos trabalhos: “Entre a Liberdade e igualdade: Um estudo sobre o grupo Poliamor Brasil”, na XII Jornada Interna do PPGSA/UFRJ e “Poliamor: Uma reflexão sobre identidade e gênero”, na X semana de Pós da Sociologia da UNESP (campus Araraquara).

1.2- Fontes de pesquisa analisadas

1.2.1- Site Poliamor Brasil

O site <http://poliamorbrasil.org/> tem como título de abertura “Pratique Poliamor Brasil, apoio, autoconhecimento e militância”. A foto de entrada é de dois homens se beijando. Há, ainda nesta página, uma opção de contato telefônico, por Skype, com a autora do site, além de

¹ A descrição dos entrevistados será feita no segundo capítulo.

sua apresentação: “Helô, poli, vegetariana, atea, simples. Agora anarcomamãe to be. São Paulo.”²

O site funciona desde 2008 e totaliza 70 postagens subdividas em 12 temas.³ As mensagens são escritas por Helô em primeira pessoa do plural (“nós poliamoristas”) ou do singular – outras são depoimentos enviados ao site. É possível inserir comentários, desde que aprovados por ela. A periodicidade das mensagens varia, mas foi aproximadamente quinzenal, até o ano de 2011, que teve apenas 7 mensagens. Em entrevista, a autora do site mencionou a intenção de tirá-lo do ar, pois acredita que o mesmo perdeu sua funcionalidade tendo em vista a praticidade do grupo do Facebook.

Além das postagens, o site possui 12 entradas permanentes. A primeira chama-se “sobre” e apresenta o objetivo do site: “Entender as relações poliamorosas. Assim a gente vai destruindo, pouco a pouco, o preconceito. E aí, quem sabe, poderemos viver mais livremente cada um de nossos amores. Sem mentiras para com nossos parceiros, sem hipocrisia perante a sociedade.” A segunda entrada é intitulada “glossário poliamoroso” e apresenta os significados de 13 termos associados ao Poliamor⁴:

-AGAMIA: o não casamento.

-AMOR IRRESTRITO: crença na possibilidade de amar mais de uma pessoa ao mesmo tempo.

-BIGAMIA: dois casamentos.

-CO-HABITAR: morar junto.

-COMPERSÃO: Sentimento agradável provocado pelo prazer de saber que o parceiro [se interessa] por terceiros, alheios ou não ao relacionamento.

FAMÍLIA EXPANDIDA OU INTENCIONAL: Grupo formado por três ou mais pessoas que se reconhecem mutuamente como membros da mesma unidade familiar primária.

MONOGAMIA: Estado marital de quem tem apenas um consorte.

NÃO-MONOGAMIA RESPONSÁVEL: Contrário de monogamia podendo assumir, em função dos arranjos feitos entre os interessados, vários formatos como Poliamor, Swing etc.

POLIFIDELIDADE: Própria de relacionamento poliamoroso no qual outros parceiros são admitidos somente a partir do consentimento de todas as pessoas interessadas.

POLIGAMIA: Contrário de monogamia.

² As descrições do site foram realizadas nos meses de junho e julho de 2011, tendo o mesmo sofrido alterações nos meses seguintes. Todos os nomes utilizados foram substituídos. Já as descrições dos usuários não sofreram alterações, sendo baseadas nas informações divulgadas no perfil do Orkut ou do Facebook.

³ Entre os temas de organização das postagens destaco: “Agenda”, que congrega eventos e encontros ligados ao Poliamor; “Definições”, que apresenta uma dimensão mais teórica do Poliamor e sua contraposição a outros grupos e práticas; “Depoimentos”, que reúne tanto relatos extraídos de sites estrangeiros, quanto dos enviados por brasileiros ao próprio site; “Opinião” que tem discussões sobre temas ligados ao Poliamor, como ciúme e solidão.

⁴ Apesar de se tratar de uma categoria nativa optei por não utilizar aspas durante o texto. O termo é escrito nas redes sociais tanto com maiúscula quanto com minúscula. Optei por utilizar a primeira opção, mais recorrente no site e no blog analisado.

RELACIONAMENTO ABERTO: Relacionamento que permite, a ambas as partes, o relacionamento com terceiros.

RELACIONAMENTO PRIMÁRIO: Relacionamento que, comparado aos demais, apresenta um maior grau de comprometimento.

RELACIONAMENTO SECUNDÁRIO: Relacionamento que, comparado aos demais, apresenta um menor grau de comprometimento.

A terceira entrada chama-se “participe” e solicita ajuda para a expansão do Poliamor, com a formação de grupos locais (“pratique Poliamor Minas, pratique Poliamor Ceará”), de voluntários para trabalharem na divulgação e suporte do site, na criação de textos e até ajuda financeira. O item “feed” organiza todas as postagens em temas e possibilita a pesquisa por data ou termo de busca. A quinta entrada, “comunidade”, se refere a uma rede social usada por poliamoristas, a rede NING. No item seguinte, há uma agenda com eventos poliamoristas no Brasil. A sétima entrada chama-se “podcast” e apresenta um debate sobre Poliamor em áudio, de duração de 50 minutos, com as participações de Helô, Brenda, autora do blog Poliamores, e João, moderador da comunidade Poliamor Brasil no Orkut. Finalmente, os cinco itens restantes divulgam outras redes poliamoristas: Twitter, grupo de discussão do MSN, Facebook, Orkut e Formspring.

1.2.2- Blog Poliamores

O texto de apresentação do site <http://poliamores.blogspot.com/> é: “Um blog criado para falar de Poliamor, um relacionamento que afirma ser possível não somente se relacionar, mas também amar mais de uma pessoa ao mesmo tempo de maneira fixa, responsável e consensual entre todos os membros”. O site teve 11.121 acessos até 29 de junho de 2011. Possui 22 postagens, sendo uma no mesmo ano, 18 em 2010 e 3 em 2009. Nele, são expostos vídeos relacionados ao Poliamor, além de indicações de outros sites de língua portuguesa e inglesa (“polyamory”). O blog apresenta um item “quem sou eu”, onde Brenda divulga outros quatro blogs de sua autoria. Finalmente, é possível encontrar em destaque todos os comentários feitos pelo público e aprovados por ela, além das atualizações do Twitter da autora.

A divisão das postagens é feita em 10 temas. Brenda destina um espaço para depoimentos de relacionamentos poliamorosos e convida os leitores a enviarem suas histórias. Aparentemente não recebeu nenhuma, tendo em vista a publicação de apenas dois relatos traduzidos de sites de língua inglesa. Um deles é uma tradução do blog “the Road taken” escrito por uma mulher casada que namora um casal:

- Há muito mais encontros: encontros com ele, encontros com ela, encontros entre somente os dois, encontros entre os três.
- Brigas entre duas pessoas nunca são somente entre duas pessoas. Elas são igualmente dolorosas para a terceira.
- Algumas vezes você se sente de fora. Outras vezes você faz com que alguém que gosta se sint de fora.
- Coordenar três cronogramas é desafiador.
- Você tem que ter tempo no relacionamento para cada pessoa e um outro para todas juntas.
- Você não tem com nenhum o que eles têm um com o outro... ainda.
- Você recebe ajuda de um sobre estar em relacionamento com o outro.
- Você aprende com o relacionamento deles, observando de perto como funciona.
- Dedicar seu tempo a uma pessoa é ótimo, mas só conta para aquela pessoa. Você tem muito mais trabalho a fazer!
- Divertido é mais divertido. Feliz é mais feliz. Excitante é mais excitante.
- Estar sozinha pode significar ainda mais sozinha se os outros dois estão juntos.
- Eles têm uma história da qual você não faz parte, e isso precisa fazer você feliz.
- Mais amor.

1.2.3- Comunidade Poliamor Brasil no Orkut

Existem 26 comunidades com o título Poliamor no Orkut⁵. A “Poliamor Brasil”, criada em maio de 2004, é a mais antiga e a que tem maior número de usuários, totalizando (no dia 22 de junho de 2011) 1.791 membros. Seu conteúdo é disponibilizado para todos os usuários da rede, não sendo necessário cadastro e/ou aprovação para acessá-lo. A comunidade possui um dono (seu criador) e um moderador, que é escolhido pelo dono. O moderador é responsável pela organização do conteúdo compartilhado, da eliminação de mensagens ofensivas e inapropriadas, além da expulsão de membros que apresentem comportamento inadequado. O dono, além dessas funções, é o único que pode incluir ou trocar moderadores ou ainda acabar com a comunidade.

A mensagem de descrição da comunidade é uma crítica à concepção da monogamia como algo natural, traduzida do Honolulu Polyamory network:

“60% dos homens e 40% das mulheres têm relacionamentos extra-conjugais. Se a monogamia é nosso estado natural porque ela não é fácil? Atualmente mais de 50% dos casamentos termina em divórcio (...) Desde a infância somos ensinados que em algum lugar do mundo, existe um único parceiro amoroso a nossa espera. Como nós podemos encontrá-lo(a) dentre os 6 bilhões de pessoas do planeta? Se você encontrar a sua alma gêmea, você irá rapidamente parar de se sentir atraído por

⁵ O Orkut é uma rede social criada em janeiro de 2004. No Brasil é a mais popular, totalizando 54 milhões de usuários, segundo reportagem publicada pelo jornal Estado de São Paulo (Quem está aí? - Caderno Link - pág L1 - 14/02/2011). Para participar do Orkut é necessário ser convidado por um usuário da rede. Seus integrantes possuem um perfil de apresentação, com nome, foto principal, fotos em álbuns, descrições sobre si, página para receber recados e amigos com os quais compartilham estas informações. No Orkut é possível criar comunidades virtuais a fim de congregar pessoas para compartilharem opiniões, gostos e curiosidade por determinados temas.

outras pessoas? O que acontecerá se você encontrá-la e com o passar dos anos você crescer e mudar?”

No dia 22 de junho de 2011 permaneciam abertos 242 fóruns de discussão, totalizando 3.818 mensagens. Tendo em vista que alguns tópicos e postagens foram apagados pelo moderador ou pelos próprios autores, analiso, apenas, as mensagens disponíveis nesse período.

Dos 1.000 perfis analisados, 35% eram falsos⁶ ou coletivos e 65% pessoais. Estimo, entretanto, que considerando o total dos membros da comunidade, esse número deva ser de aproximadamente 50% para ambos os tipos. Essa estimativa deve-se ao fato de o número de acessos de perfis falsos e coletivos ser bem menor do que os pessoais, o que favoreceu a concentração dos “fakes” nas últimas páginas. Do total de membros com perfis pessoais, 67,3% são masculinos e 32,6% femininos.

Em uma enquete no Orkut é perguntado o estado de origem dos usuários, sendo obtidas 99 respostas. 34% responderam morar em São Paulo, 17% no Rio de Janeiro, 8% no Rio Grande do Sul, 5% em Minas Gerais e Distrito Federal. Os estados do nordeste juntos somaram 16%, os 15% restantes correspondiam aos demais estados do Sul e do Norte do país.

A idade dos membros é tema de um fórum de discussões, e tem a participação de 16 usuários. A idade média dos homens foi de 30,6 anos. A das mulheres 26,2 anos. Uma enquete que perguntou a idade dos membros da comunidade teve 256 participações. As idades foram agrupadas em 5 faixas etárias, e os resultados encontrados foram:

- 12 a 14 anos (0%)
- 14 a 18 anos (8%)
- 18 a 24 anos (35%)
- 24 a 35 anos (31%)
- 35 a 50 anos (24%)

É importante destacar a ausência da opção de mais de 50 anos. Percebe-se ainda que 66% dos participantes disseram ter entre 18 e 35 anos de idade.

⁶ Perfis “falsos” se referem a nomes de personagens de ficção (gladiador, homem de ferro) ou sem nome próprio (ama da noite, casadinha, cara liberal).

1.2.4-Grupo Pratique Poliamor Brasil do Facebook

O grupo Pratique Poliamor Brasil foi criado no Facebook⁷ em 22 de maio de 2011 e passou a ser o principal veículo de troca entre poliamoristas brasileiros. Helô, criadora do site Poliamor Brasil, Brenda, do blog Poliamores e João, moderador da comunidade Poliamor Brasil no Orkut, são alguns dos administradores do grupo e responsáveis pelo controle do conteúdo disponibilizado e pela aprovação e exclusão de membros. Além do compartilhamento de mensagens, fotos e vídeos há, ainda, um chat para conversas instantâneas. O grupo é “fechado”, seu conteúdo é disponibilizado apenas para seus membros.

No dia 25 de agosto de 2011, 108 pessoas participavam do grupo, sendo o crescimento aproximado de um usuário por dia. Há mais mulheres do que homens no grupo - elas totalizam 60 (56%) e eles 47 (44%). A idade dos membros é divulgada apenas no perfil de 30 usuários, sendo 16 mulheres. A mediana feminina é de 24 anos e a masculina é de 27 anos e meio^{8 9 10}.

1.3-Perfil dos poliamoristas

Foram mapeados os perfis dos 81 poliamoristas do Orkut e do Facebook cujas mensagens constituem a base deste trabalho. Todos os gráficos apresentam números absolutos.

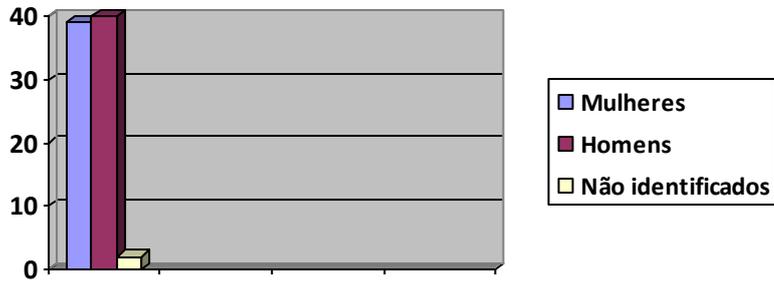
⁷ O Facebook é uma rede social lançada em 2004 e que tem, segundo a revista Veja (21-07-2010), mais de 500 milhões de usuários, sendo 4,6 milhões brasileiros. Cada usuário tem um perfil com apresentações pessoais e profissionais, uma lista de amigos e de grupos temáticos com os quais é possível compartilhar mensagens, vídeos e fotos.

⁸ As idades relatadas por elas foram: 19 (3 vezes), 23 (3 vezes), 24 (3 vezes), 25, 26, 28, 30, 32, 36, 62 Por eles: 18, 19, 23, 24 (2 vezes), 25, 26, 29, 30, 31, 36 (2 vezes), 48 e 50.

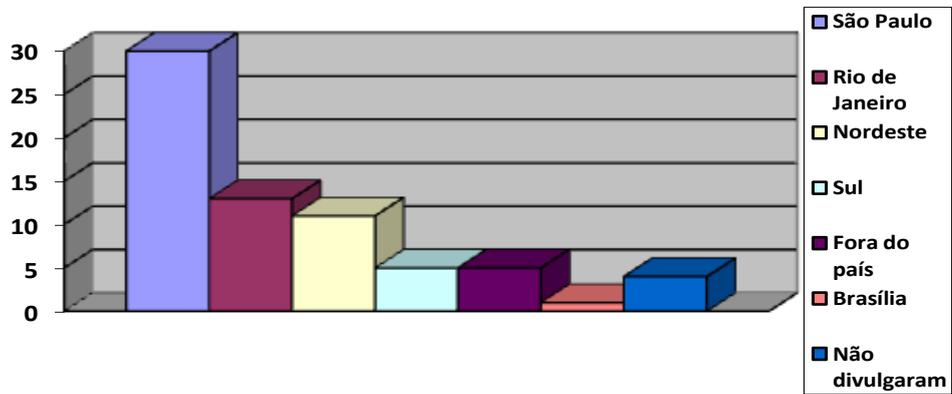
⁹ A cidade ou estado de moradia são declarados por 84 usuários. O estado do Rio de Janeiro conta com o maior número, 27, sendo 21 na capital. Destes, 14 são homens e 13 mulheres. O estado de São Paulo tem 22 usuários, sendo 16 na capital. Destes, 10 são homens e 12 mulheres. Brasília tem 8 usuários, destes, 7 são mulheres. O Rio Grande do Sul tem 5 participantes, 4 na capital. Destes, 3 são homens e 2 mulheres. Os estados do nordeste têm 10 usuários, 4 em Natal (RN); sendo 7 mulheres e 3 homens. O estado do Paraná e Santa Catarina têm 4 cada, o mesmo número de homens e mulheres. Manaus, Belo Horizonte, Porto (Portugal) e Belém (PA) têm somente 1 participante.

¹⁰ O status de relacionamento foi divulgado por 23 usuários. 9 disseram estar em um relacionamento sério; 4 em uma amizade colorida; 3 casados; 3 solteiros; 2 noivos; 1 relacionamento enrolado e 1 separado. O status pode referir-se a uniões homoafetivas - é o caso de duas noivas e de dois relacionamentos sérios entre mulheres.

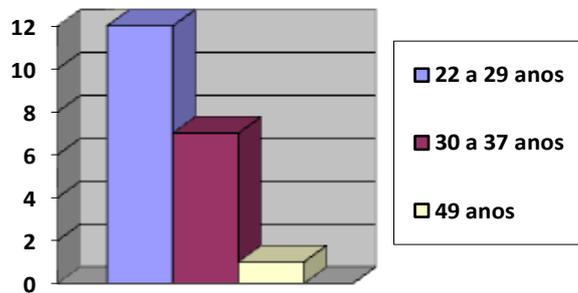
1-Sexo.



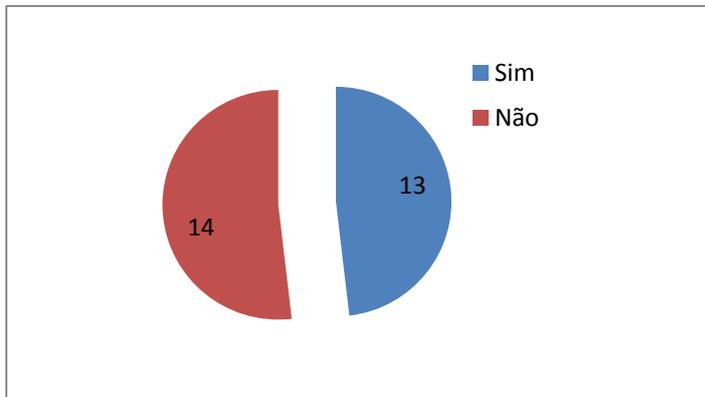
2-Estado ou região de moradia.



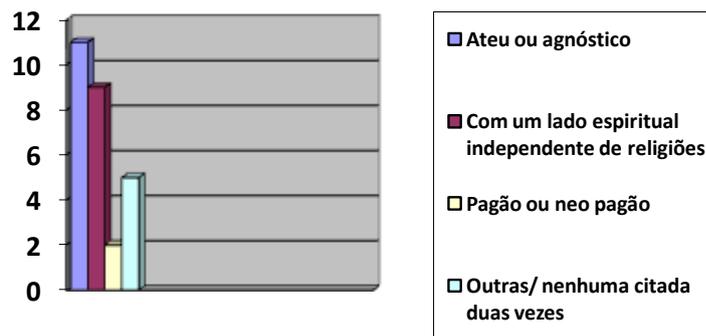
3- Idade. A informação foi disponibilizada por 20 pesquisados, tendo variado entre 22 e 49 anos.



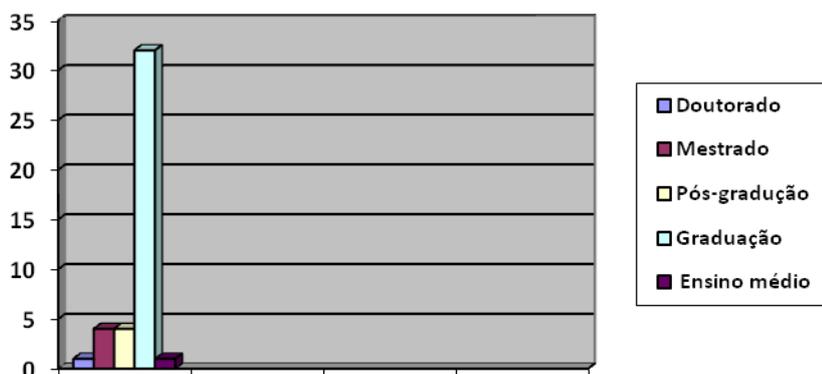
4- Sobre “ter filhos”. A informação foi disponibilizada por 27 pesquisados.



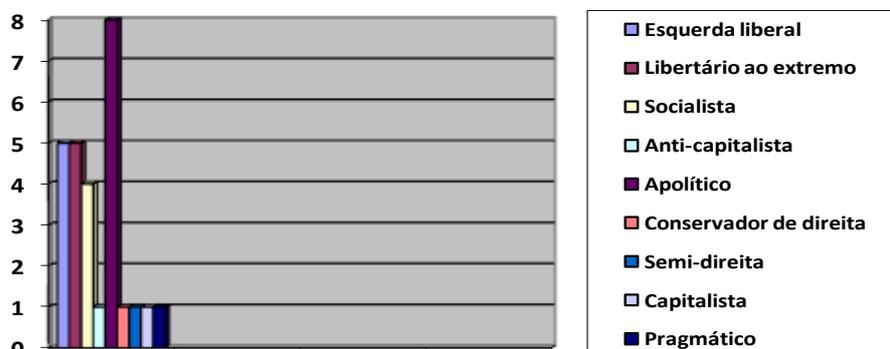
5-Religião. A informação foi divulgada por 28 pesquisados.



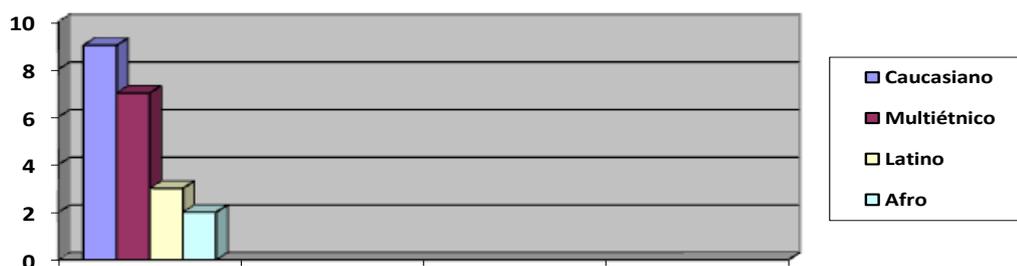
6-Nível educacional. A informação foi divulgada por 42 pesquisados. Os dados a seguir se referem tanto ao nível completo quanto os em curso.



7-Visão política. A informação foi divulgada por 27 pesquisados.

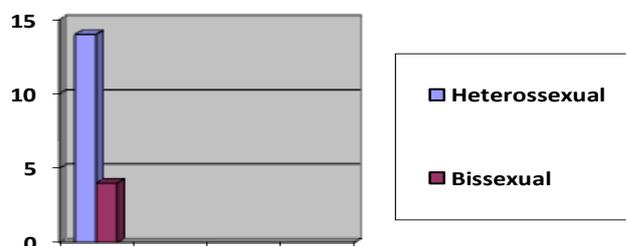


8-Raça. A informação foi divulgada por 21 pesquisados.

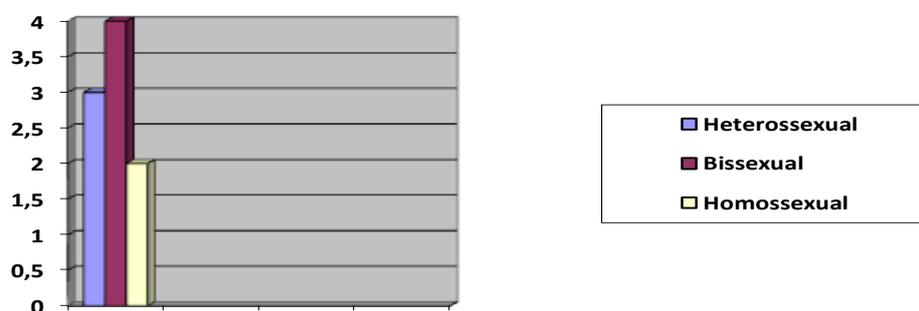


9-Orientação sexual.

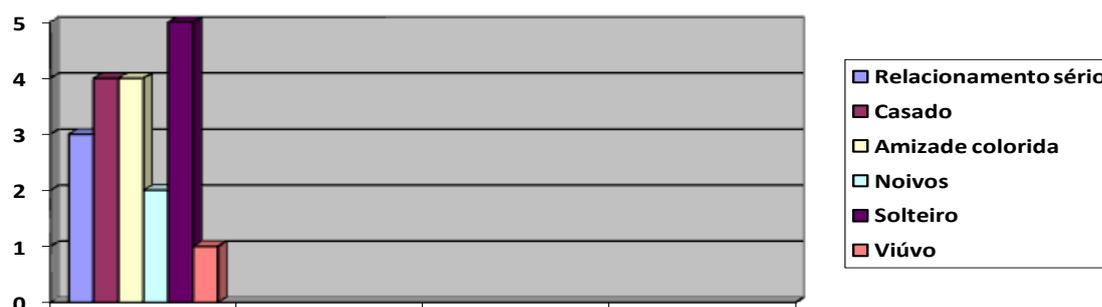
A-18 homens divulgaram em seus perfis sua orientação sexual.



B- 9 mulheres divulgaram em seus perfis sua orientação sexual.



10-Relacionamento em curso. A informação foi divulgada por 17 pesquisados.



1.4.1- O que é o “Poliamor”?

De acordo com Cardoso (2010), a palavra “poliamor” (polyamory) surgiu em dois momentos durante a década de 1990. O primeiro teria ocorrido em agosto de 1990, em um evento público em Berkeley (Califórnia) - composto por “neopagãos” pertencentes à “Igreja de todos os mundos” - e que destinava-se a criar um “Glossário de Terminologia Relacional”. Esta é considerada pelo autor como a primeira vertente poliamorista, com bases espiritualistas e pagãs. Um dos livros mais conhecidos sobre o Poliamor: “*Polyamory: The New Love Without Limits*”, escrito por Deborah Anapol e publicado em 1997, faria parte desta primeira tendência.

Cardoso argumenta que não houve grande circulação do termo neste momento favorecendo um segundo surgimento, desta vez com um viés menos “transcendentalista” e

mais “cosmopolita”, pretendendo ajudar a solucionar problemas práticos dos relacionamentos amorosos¹¹. Em 20 de Maio de 1992, Jennifer Wesp, em um grupo de discussões pela internet, empregou o termo como sinônimo de “não monogamia”, construindo, em seguida, o primeiro grupo de emails destinado a discutir “Poliamor”, o *alt.polyamory*. A substituição do termo “não monogamia” por “Poliamor” ocorre, segundo Cardoso (2010), Rust (1996) e Klesse (2006), por considerar-se que o primeiro traz conotações negativas já que afirma apenas aquilo que não é.

No Brasil, a distinção entre vertente “esotérica” e “autoajuda” não parece ser significativa, sendo muito pequena a circulação de livros estrangeiros e as menções sobre o Poliamor fora do país. As maiores influências observadas são o “amor livre” (em especial os livros de Roberto Freire), o feminismo e os movimentos LGBT. Proponho, ao longo do trabalho, outras distinções para o contexto brasileiro, procurando mostrar as especificidades do Poliamor praticado e idealizado no Brasil e os resultados obtidos de pesquisas de outros países, assim como mapear as controvérsias encontradas nas redes sociais brasileiras.

O primeiro registro da palavra “poliamorista”¹² é bem anterior a de “poliamor”, datando de 1953. Já o termo “poliamoroso” (*polyamorous*), ainda segundo Cardoso, teria surgido associado ao fim da instituição familiar, na obra de ficção *Hind's Kidnap*, de Joseph McElroy de 1969. Outra utilização do termo teria acontecido em 1975, nos resumos do 7º encontro anual da Associação Americana de Antropologia, onde Carol Motts se referiria a um futuro da humanidade no século XXIII dominado pelo *homo pacifis*, um ser “individualístico, livre-pensador, poliamoroso, vegetariano”.

O termo Poliamor é uma combinação do grego [*poli* (vários ou muitos)] e do latim (*amor*). Klesse (2006) e Cardoso (2010) apontam inúmeras variações das definições do Poliamor, na Europa e nos Estados Unidos, sendo que o mesmo ocorre, também, nas redes virtuais brasileiras. As divergências encontradas mostram um dado importante no meio “poli”: a difícil conciliação entre a valorização das singularidades e a busca por unidade. Este tema será explorado ao longo do trabalho. Neste capítulo, apresento algumas definições que têm aspectos consensuais.

¹¹ A divisão do Poliamor em duas vertentes é compartilhada por Haritaworn e outros (2006) que as denominaram “esotérica” e “autoajuda”.

¹² A expressão “determined polyamorist” foi encontrada na *Illustrated History of English Literature, Volume 1*. Cardoso (2010) dispõe um link onde o termo pode ser encontrado: http://books.google.com/books?ei=WzwcTcCYNofCsAP1z-3rCg&ct=result&id=T_5ZAAAAMAAJ&dq=%22polyamorist%22&q=polyamorist#search_anchor

No site Poliamor Brasil, Helô descreve o Poliamor como uma recusa da monogamia como princípio e necessidade, o que possibilita a vivência de “muitos amores” simultâneos de forma profunda e duradoura. Na comunidade do Orkut, Elina¹³ define como: “a plena consciência de que podemos amar mais de uma pessoa ao mesmo tempo” e acrescenta uma indagação: “Pode-se amar de maneira igual o pai e a mãe, os filhos sem se fazer diferença, mas não pode amar mais de um parceiro?”. A definição do blog Poliamores é: “um relacionamento que afirma ser possível não somente se relacionar, mas também amar mais de uma pessoa ao mesmo tempo de maneira fixa, responsável e consensual entre todos os membros”.

Há diferentes formas de vivência poliamorosa, apresento a seguir alguns dos modelos mais conhecidos.

1.4.2- Os tipos de relacionamentos poliamoristas

No blog Poliamores, Brenda apresenta algumas possibilidades de relações poliamoristas. O “casamento em grupo” ou “relação em grupo”, quando todos os membros têm relações amorosas entre si. A “rede de relacionamentos interconectados”, quando cada um tem relacionamentos poliamoristas distintos dos parceiros - ou seja - os namorados de uma pessoa não o são entre si. Há, ainda, as “relações mono/poli”, quando um dos parceiros é poliamorista e o outro é monogâmico. O poliamorista mantém relacionamentos paralelos enquanto o monogâmico, por opção, tem só um parceiro.

Os três modelos acima citados se dividem em “aberto” e “fechado”. No primeiro caso, está colocada a possibilidade de novos amores e, no segundo, é praticada a “polifidelidade”, restringindo as experiências amorosas.

Segundo Brenda, os relacionamentos poliamorosos podem ser entendidos a partir de formas geométricas. O envolvimento amoroso em trio é chamado de “triângulo”, quando os três têm relações iguais entre si. O formato em “V” é quando uma pessoa tem relacionamento com outras duas (esta pessoa é chamada de “pivô”), mas elas não mantêm relação entre si (estas duas são os “braços”). Há ainda o formato em “T”, em que três namoram, mas duas têm um relacionamento mais forte entre si: ocorre, em geral, quando um casal agrega uma pessoa.

¹³ Utilizarei aspas apenas para as informações que são opções dadas pelas redes sociais a fim de diferenciar das descrições que são escritas pelos próprios usuários. Elina declara morar e trabalhar na Holanda. Não divulga a idade e diz não ter filhos. Define-se como “caucasiana”, com posição política “muito liberal de esquerda” e religiosa “agnóstica”. Sua orientação sexual é definida como “curioso”. Declara ter mestrado em Business e viver um “relacionamento aberto”.

Há também os “quartetos”, ou “quadras”, compostos por quatro membros. As quadras em “N” envolvem dois homens e duas mulheres e apenas elas são bissexuais e se relacionam entre si. O quadrado é quando todos se relacionam diretamente.

Brenda diz que há ainda a possibilidade de demarcar o formato das relações a partir das letras F para feminino e M para masculino. Uma relação FMMF ocorre quando as mulheres se relacionam cada uma com um homem, e estes se relacionam entre si. No formato FMFM, os homens se relacionam com as duas mulheres e não há relações homossexuais. Outros formatos possíveis são o MMFF e o MFFM.

Capítulo II: Prática e carreira¹⁴ poliamorista

Este capítulo está dividido em duas partes. Na primeira, analiso os processos para a “conversão” poliamorista a fim de entender como se dá, entre os pesquisados, a passagem de uma conjugalidade e identidade “monogâmica” para uma “poliamorista”. Na segunda, investigo a prática conjugal poliamorosa. Para tanto, analisarei as redes sociais poliamoristas e enfatizarei as quatro entrevistas em profundidade realizadas com dois homens e duas mulheres adeptos da prática:

Rodrigo, 24 anos de idade, estudante universitário, mora com os pais na zona oeste do Rio de Janeiro.

Lucas, 37 anos, funcionário público, mora com a mãe e a irmã na zona norte do Rio de Janeiro.

Roberta, 26 anos, estudante universitária, mora com os pais em Niterói, município do estado do Rio de Janeiro.

Alice, 30 anos, professora, mora com a filha na região serrana do Rio de Janeiro.

2.1- “Conversão” poliamorista

2.1.1 - Quando os poliamoristas foram monogâmicos

“A monogamia na nossa sociedade é muito mais complexa que um contrato numérico, prevê que há uma demanda de tempo obrigatória, investimento afetivo obrigatório, privilégios, uma hierarquização no qual a pessoa que você ama é mais importante que todas as outras.” (Entrevista de Roberta.)

A crítica à monogamia fundamentada sobre a “mentira” e a falta de “liberdade para amar” é, em geral, precedida por uma autocrítica - quando se considerava que os problemas enfrentados na relação eram de responsabilidade dos envolvidos - a falta de amor e de respeito, por exemplo. O primeiro passo na carreira poliamorista requer a passagem da responsabilização dos envolvidos para uma crítica à estrutura - à “monogamia” - que, de uma categoria pouco relevante ou inexistente, se torna uma realidade a ser superada.

¹⁴ Becker (2008) e Goffman (2001) utilizaram este conceito ao estudarem sequências de mudanças necessárias para que um indivíduo se torne, respectivamente, um usuário de maconha e um doente mental.

Como nos fóruns analisados não ficam evidenciados os processos de construção das críticas à monogamia, farei, a seguir, um incursão nas descrições das trajetórias amorosas dos quatro entrevistados que, além de serem participantes dos fóruns, viveram relacionamentos poliamoristas.

Rodrigo teve um único namoro monogâmico até o período em que ingressou na faculdade. Naquele momento ele considerava ser a monogamia a “coisa certa”:

“Terminei o namoro achando que a restrição que a moralidade impunha era positiva, porque estava mais perto do que Deus queria, que para justiça entre os sexos o homem tinha que reprimir sua sexualidade para viver monogamicamente com a mulher, e também acreditava que só existia amor na monogamia.”

A entrada na faculdade é descrita por ele como um momento de rupturas:

“As bases que justificavam a monogamia, discursos biologizantes e religiosos caíram, teve todo um processo de desnaturalização, de relativização (...) Aí fui perceber que a moralidade só podia ser algo que atrapalhava ao invés de ajudar, não tinha justificativa, se eu poderia ter mais satisfação tendo mais experiências, fazendo mais sexo, tendo outras formas de afetividade, não teria por que me restringir, aí eu comecei a entender essas restrições como negativas e a defender relações abertas.”

Roberta conta que o seu primeiro envolvimento emocional ocorreu com três pessoas ao mesmo tempo, mas que nesse momento ainda achava viver uma “confusão emocional”. Algum tempo depois, aos 14 anos, também se apaixonou por três pessoas:

“Eu era apaixonada por meu namorado, por um menino da escola e uma menina. Uma psicóloga da escola chegou até mim e disse que era muito comum nessa idade ficar confuso, que o que eu sentia pela amiga era diferente do que eu sentia pelo meu namorado, ela nem sabia que eu gostava de uma terceira pessoa (...) Comecei a questionar aquela psicóloga, isso não é um obstáculo, se ela acha que é errado ou antinatural, eu não tô confusa, tenho clareza do que quero, eu gosto dessa menina, como eu gosto do meu namorado, como eu gosto daquele outro menino ali.”

Desde então, Roberta passou a viver consecutivos “relacionamentos abertos” com homens e mulheres.

Lucas, ao longo de sua vida, teve relacionamentos quase que exclusivamente sexuais, tanto com homens quanto com mulheres, em sua maioria prostitutas. Ele declara ser uma pessoa “fria”, que nunca amou. Namoros não eram bem vistos por ele, por envolverem muitos conflitos e limitarem a “liberdade”. Ele diz que foi a partir do conhecimento da filosofia poliamorista que o desejo de se envolver emocionalmente se aflorou, já que poderia

fazê-lo em liberdade. Aos 33 anos teve seu primeiro namoro, com um homem e uma mulher simultaneamente.

Alice foi, entre os entrevistados, a que teve a trajetória monogâmica mais longa. Aos 15 anos iniciou um relacionamento, chegou a ficar noiva, mas rompeu cinco anos depois. Nesse período ingressou na faculdade e se apaixonou por Fernando, com quem casou e teve uma filha. Ao longo dos 10 anos de casamento concluiu que não se adequava à monogamia:

“Sempre tive uma vontade de viver o Poliamor sem saber o que era o Poliamor. Ao mesmo tempo em que eu introjetei muito fortemente a moral da monogamia, não conseguia ser monogâmica. Minha única solução era me casar, construir uma família, viver um relacionamento de margarina e eu me esforcei muito para isso, só que meio que fui derrotada por mim mesma. Porque não era natural, me sentia culpada, frustrada, tentava ser, sofria e fazia meu marido sofrer. Eu traía ele, eu me apaixonava por outras pessoas. Também era uma violência contra mim, não fazer o que o meu coração mandava.”

Apesar das elaborações da crítica à monogamia apresentarem diferenças, há um processo básico comum - também presente nas descrições dos fóruns analisados - a percepção da inadequação pessoal a esse modelo de relacionamento, basicamente fundamentado sobre interesses por mais de uma pessoa ao mesmo tempo. Essa percepção de inadequação é acompanhada pela crença de que não se deve reprimir os desejos ou trair, sendo, portanto, evocados os valores de “liberdade” e “sinceridade” e considerando-os contrários à monogamia. Só Rodrigo diz não ter vivido experiências monogâmicas frustrantes, tendo apenas ponderado que a exclusividade afetiva não produzia nenhum benefício. Procurei descrever nesse item, o que considero ser o primeiro passo da carreira poliamorista: a crítica à “mononormatividade”¹⁵.

2.1.2- Rompendo com a monogamia

2.1.2.1- “Relacionamento aberto” (RA)¹⁶ – Entre a monogamia e o Poliamor

A passagem de relacionamentos monogâmicos a poliamoristas é feita de forma lenta e gradual e, em geral, envolve uma série de riscos e sofrimentos. Trata-se de um processo onde o “fim” - o Poliamor - não está colocado, uma vez que, em geral, não se tem conhecimento

¹⁵ Termo originalmente cunhado por Pieper e Bauer (2005).

¹⁶ A forma como utilizo o termo “relacionamento aberto” (RA) se refere ao vínculo entre um casal que permite relações “extraconjugais”, desde que restringindo ao âmbito sexual e mantendo a parceria original como a única baseada em amor. O termo “relacionamento aberto”, entretanto, também é utilizado nos fóruns, referindo-se à possibilidade de viver outros amores, tal qual a acepção poliamorista.

dele. Já o RA é uma modalidade amplamente conhecida e praticada há algumas décadas nos setores médios urbanos¹⁷. A seguir busco entender a forma como esse tipo de conjugalidade se insere na carreira poliamorista.

Alice conta que sempre se interessou por mais de uma pessoa ao mesmo tempo e que acreditava que ao se casar essa vontade passaria. Entretanto não foi isso o que aconteceu. Após muito sofrimento em seu casamento sugeriu que “abrissem o relacionamento”: “Concluimos que seria melhor abriremos nosso relacionamento do que acabar com ele. Resolvemos que poderíamos ter outro relacionamento, só que tínhamos que preservar nossa relação acima das outras e preservar nossa família.”

O percurso para romper com a monogamia não foi fácil. Alice disse que ambos não estavam preparados para viver um relacionamento em outros moldes, pois, além de terem uma filha e de morarem em uma cidade pequena, havia o ciúme que sentiam um do outro. Antes de propor um RA declarou ter tentado o swing:

“Antes chegamos a tentar coisas mais fáceis como o swing e não deu certo. A gente conheceu vários casais, só que nunca rolou - na época eu não entendia tanto - mas eu tendo muito para o lado afetivo, não é que eu tenha que estar completamente envolvida, mas eu tenho que ter o mínimo de proximidade. Não gosto de me ver como objeto, e a parada do swing é essa, você marca para a pessoa ser seu objeto e você ser objeto da pessoa, é exatamente isso.”

A tentativa de “abrir o relacionamento” para além do swing objetivava possibilitar vínculos que ultrapassem o sexo casual e com maior autonomia, principalmente sem a presença do parceiro. Entretanto, também não atendeu aos anseios de Alice, que além de se sentir culpada e com ciúmes do marido, via nas regras que envolviam o “relacionamento aberto” um entrave ao seu desejo de liberdade: “Tentamos relacionamento aberto, não sabíamos o que era Poliamor, tinha uma liberdade, mas uma liberdade sempre limitada, o que pode o que não pode, com regras.”

O desejo de Alice de vincular-se afetivamente a outras pessoas foi limitado pelas possibilidades que até então tinha elaborado. O swing e o RA, embora fossem formas de relacionamento conhecidos, logo mostraram-se inadequados. Os ciúmes, aliados à necessidade de autorização do marido, acabaram produzindo uma crise na relação, diz ela. Um momento crítico foi quando ela “ficou” com um amigo de ambos:

¹⁷ Heilborn (1981, 2004) pesquisou o “casal moderno” cujos relacionamentos chamados de “aberto” ou de “amizade colorida” defendiam o abandono da exclusividade sexual.

“Ele ficou estressado dizendo que não podia porque ele era nosso amigo em comum, vou ficar com um desconhecido, só por ficar? Para mim isso não fazia o menor sentido. Para mim sempre tinha a ver com a afetividade mesmo, eu tinha intimidade e afinidade intelectual com essa pessoa, era isso que importava.”

Roberta também enfatiza o anseio por autonomia em seu rompimento com a monogamia. O “namoro” passou a ser um modelo de relacionamento negado por ela, por envolver uma série de acordos e constrangimentos tácitos. Seus relacionamentos são denominados “amizades” e RAs, já que neles percebe a possibilidade de vincular-se afetivamente e sexualmente em liberdade. A seguir, apresento dois relatos de relacionamentos que ela teve com mulheres entre os 16 e os 18 anos, respectivamente:

“Eu pensava que minha amizade com ela era muito boa e se fosse uma amizade que envolvesse envolvimento físico seria melhor ainda. O modelo de relação que tínhamos era ideal para mim. Nos víamos mas não todo dia, saíamos quando queríamos, quando não, não havia cobrança, a questão dos comportamentos monogâmicos, de obrigatoriedade, ligar todo dia fazer parte de um protocolo e não da sua vontade, era algo que não queria.”

“Ela começou a sentir ciúme, começou a ficar muito tenso quando estávamos juntas e quando estávamos separadas. Ela achava que eu passava muito tempo com ele, começou a ter uma mensuração, ela se dizia rejeitada e achei isso uma cobrança muito injusta, quando temos um relacionamento aberto as coisas não têm que funcionar matematicamente, você tem que ficar com as pessoas quando tem vontade, se não qual a diferença entre ter um namoro aberto e uma monogamia?”

Em ambas as relações, Roberta descreve o mesmo desfecho: as parceiras começam a se comportar “monogamicamente” - exigindo atenção exclusiva – o que provocou o rompimento dos relacionamentos.

Rodrigo, aos 20 anos, viveu um RA em que existia a possibilidade de vínculo sexual e afetivo fora da relação. Entretanto, nos conta que isso não foi suficiente:

“Eu e essa minha namorada de um ano e meio tivemos dificuldade para lidar com isso porque não sabíamos que nossas concepções eram diferentes, a gente se unificava no combate à monogamia, defendendo que as pessoas deviam se vincular com mais de uma pessoa sexualmente, afetivamente e profundamente, não chegamos a discutir como isso ia acontecer. Quando ela percebeu que eu não hierarquizava ela em relação às outras ela teve uma crise. Ela dizia que era defensora

do relacionamento aberto, mas que tinha que ter hierarquia entre eles, um principal e outros secundários.”

As três motivações principais apontadas por Alice, Roberta e Rodrigo para o fracasso de seus relacionamentos abertos foram:

1-Ciúmes;

2-Impossibilidade de estabelecer vínculos afetivos em outras parcerias;

3-Necessidade de priorizar o parceiro mais antigo e de ter sua autorização para novos relacionamentos.

Nos relatos dos pesquisados percebe-se a presença do mesmo conflito: o anseio por “liberdade irrestrita” para amar e a concepção de seus parceiros de que o vínculo primário deve ser mais forte. Apesar de nas definições de Poliamor não existir a ideia de que um amor deva ser igual ou superior ao outro, percebe-se a valorização da possibilidade de se estabelecer vínculos tão intensos quanto os primários.

O “relacionamento aberto” configura-se, nas trajetórias analisadas, como o momento limítrofe entre a monogamia e o Poliamor uma vez que possibilita múltiplos relacionamentos, mas não amorosos¹⁸. Pode-se compreender os RAs na carreira poliamorista como um “entre lugar”, talvez como a última tentativa de conciliação entre duas esferas de significados opostas. A adaptação aos “relacionamentos abertos” permitiria evitar a troca de “mundos” e identidades, já que a sua superação representa o passo necessário para que o “monogâmico” se converta em “poliamorista”. A fim de melhor compreender o papel ocupado pelo RA na encruzilhada da monogamia e do Poliamor, analisarei o relato de uma experiência de RA que não se transformou em Poliamor.

Antonia tem 24 anos, é estudante universitária e mora com uma amiga no bairro de Botafogo, zona sul do Rio de Janeiro. Dos 18 aos 21 anos namorou César. O desejo por autonomia resultou, após término e retornos, em um RA:

“Combinamos não perguntar ao outro se havíamos ficado com outras pessoas, só que como sou muito curiosa deu dois meses de namoro aberto eu já estava falando para ele me contar que eu não ia ligar, ele me contou, eu queria saber detalhes, tava com ciúmes. Duas semanas depois eu perguntei de novo e ele já tinha ficado com quatro. Tudo do nosso namoro aberto que estávamos combinando não estava dando certo, ele falou que ia ser algo excepcional e ele tava ficando com um monte de gente (...) Uma vez não aguentei e entrei no e-mail dele e vi um poema dele para uma tal de Sara, fiquei revoltada, terminamos mesmo. Achei que estava passando do

¹⁸ A mesma relação pode ser feita com o swing que, como defendeu Von der Weid (2008), é uma prática “polígama” sexualmente e “monogâmica” amorosamente.

limite de um desejo passageiro. Ele concordou comigo, disse que ele não queria abrir mão de mim, mas tava gostando muito de ficar com a Sara. Ele estava vivendo um dilema.”

O “namoro aberto” expressa a ambiguidade existente nos desejos do casal, que, por um lado, valoriza a autonomia e que, por outro, anseia pelo controle do amado. Os acordos propostos para o exercício dessa liberdade manifestaram-se de forma tensa. O “limite” - o “envolvimento afetivo” - é rompido, o que gera o fim da relação. A possibilidade de cruzarem essa fronteira e de vivenciarem o “Poliamor” é impensável. César, apesar de estar afetivamente vinculado a ambas, e de não desejar “abrir mão” de nenhuma, reconhece que ultrapassou o “limite” sentindo-se culpado. Não é possível afirmar se caso o casal conhecesse o Poliamor teria aceitado a liberdade para amarem outros. O que é importante destacar é que os que atravessaram essa fronteira - permitindo viver múltiplos amores simultâneos - também reconheciam o “limite” e, tendo contato com um discurso que defende a sua superação, puderam elaborar essa passagem. O conhecimento do conceito de Poliamor abriu para Alice, Rodrigo e Lucas uma nova possibilidade, tendo eles declarado uma forte identificação com a descoberta. A seguir analisaremos a terceira etapa da carreira poliamorista, o conhecimento da filosofia poliamorista.

2.1.2.2- Conhecendo o Poliamor

A fim de romper a fronteira descrita é indispensável não apenas a vontade de ter outros relacionamentos, mas a convicção de que a monogamia é prejudicial a sua realização e de que há outras formas possíveis de amar. A importância do conhecimento do conceito do Poliamor e da estruturação de um grupo em torno dele aparece como um aspecto, se não indispensável, facilitador. Trata-se de um terreno mais estável, consolidado e estruturado, do que o movimento solitário de enfrentamento da monogamia e construção de outras bases conjugais. Roberta, que passou por esse processo “só”, - já que diz ter vivido por alguns anos o “Poliamor” sem conhecimento do termo - teve então a oportunidade de participar das redes poliamoristas e de reforçar sua posição trocando experiências com outros adeptos. Já Rodrigo, Alice e Lucas elaboraram a possibilidade de estabelecerem vários relacionamentos amorosos simultâneos quando conheceram o Poliamor. Há, desta forma, um discurso em torno da “revelação” de um novo mundo habitado por outros e altamente recomendado. Não se trata de dizer que eles jamais tinham pensado em vínculos amorosos múltiplos, mas de que estes não estavam colocados enquanto uma possibilidade legítima.

As duas formas de “chegada” ao Poliamor foram tema de discussão no grupo do Facebook. Rodrigo perguntou aos membros se eles começaram a praticar Poliamor antes ou depois de conhecerem o termo e a filosofia. Helô¹⁹, Sheila²⁰, Lico²¹, Andressa²² e Kali²³ afirmaram que a prática veio antes do conhecimento do termo. Sheila disse que a palavra “Poliamor” apenas nomeou aquilo em que já acreditava. Já Helô disse que se interessava por mais de uma pessoa ao mesmo tempo e que achava errado. Foi o conhecimento da teoria poliamorista que a ajudou a desfazer o conflito:

“Cansada de sofrer, mentir (...) comecei a fazer pesquisas. Até que li material publicado por uma pessoa chamada C. N. A. Creio que o texto dela foi um dos primeiros na rede. Me senti muito alegre de ‘não estar sozinha no mundo’ e decidi blogar sobre o tema para me entender um tantinho melhor.”

Kali diz que vivia o Poliamor, mas não sabia nomear, até que conheceu o blog Poliamores e pôde “colocar as coisas no lugar”. Brenda, autora do blog mencionado, diz ter conhecido o Poliamor há três anos, em uma conversa com uma amiga de faculdade. De início foi “radicalmente contra”, porém após se dedicar a leituras mudou de opinião:

“Na época o Google não retornava quase nada sobre Poliamor em português, de forma que fiquei sabendo mais através do termo Polyamory, e me encantei. Assumi a filosofia pra mim e criei um blog para falar de Poliamor para brasileiros. Houve algumas decepções mas não me arrependo ainda.”

Ana²⁴ diz que conheceu o Poliamor a partir de pesquisas sobre “relacionamento aberto” no Orkut e dos “twitteres” de João, moderador da comunidade do Orkut, e de Regina Navarro Lins, autora do livro *Cama na varanda*. Lico e Jayme²⁵ também apontam a autora como responsável pelo maior conhecimento sobre a filosofia poliamorista. O primeiro diz: “Pratiquei o poli e só depois fiquei sabendo que isso existia. Recebi um e-mail com uma entrevista de Regina Navarro Lins, foi aí que eu percebi que tinha toda uma filosofia e discussão por trás do que eu sempre achava normal.” Entrevistas, reportagens e o livro *Cama*

¹⁹ Helô declara ser moradora de São Paulo, coordenadora da rede Pratique Poliamor Brasil e autora do site Poliamor Brasil.

²⁰ Sheila declara ser moradora de São Paulo e coordenadora da rede Pratique Poliamor Brasil.

²¹ Lico declara ser morador de Caetitê (BA), ter 22 anos e ter feito curso universitário na UNEB.

²² Andressa declara ser moradora de São Paulo e ter feito os cursos universitários de Letras, Serviço Social e Artes Plásticas. Define-se como amante secreta da vida, missionária, arco Iris, “libertária ao extremo”, militante socialista, empresária da área de cosméticos.

²³ Kali declara ter curso superior na PUC de Campinas, ser tosadora de pet shop, lésbica e de religião pagã.

²⁴ Ana declara ser moradora de Olinda (PE), fazer pós graduação na UFPE, viver um “relacionamento enrolado” e ser bissexual.

²⁵ Jayme declara ser morador do Rio de Janeiro.

na Varanda são divulgados e comentados com entusiasmo entre alguns membros. Em uma dessas discussões, Ana diz:

“Sei que curto muito os comentários da Regina Navarro Lins e devo dizer que muitos deles me levaram a pensar e repensar minha vida. Dei uma grande virada na minha história esse ano graças às minhas reflexões sobre alguns comentários que li e a um grande desafio que vez ou outra a gente acaba enfrentando: Temos que ser honestos conosco, nos enfrentar de frente e colocar pra fora as coisas que a gente vai escondendo embaixo do tapete pra não sofrer, pra resolver depois... Quando nos damos conta a montanha de lixo está nos sufocando... É melhor resolver antes que comece a feder.”

Para os pesquisados, o conceito de Poliamor contribui para dar legitimidade à prática, já que aqueles que estão vinculados afetivamente a mais de uma pessoa ao mesmo tempo, em geral, não conseguem efetivar esse sentimento - descrevendo sua situação como “fora de lugar”, como uma “confusão”, sujeita à “culpa” e embaraço (Goldenberg, 2010).

Becker (2008: 27) afirma que a qualidade de um comportamento não reside nele próprio, mas na interação entre a pessoa que comete o ato e aquelas que reagem a ele. Trata-se, portanto, de um processo de rotulação de práticas e dos sujeitos a ela identificados, estando sempre colocada a possibilidade dos “outsiders” confrontarem as regras que os classificam como tal. A organização de um grupo de pessoas que praticam a “imoralidade” - vincular-se afetivamente e sexualmente com mais de uma pessoa ao mesmo tempo - possibilitaria o questionamento da associação de sua prática à “promiscuidade”, “putaria”, dentre outros termos que denotem inferioridade moral.

O “sair do armário”, expressão empregada por sujeitos que assumem uma posição estigmatizada ou desprestigiada socialmente, também é usada pelos pesquisados. O fato de se assumirem “poli” pode ser entendido não apenas como uma forma de classificação, mas como um processo de disputa em torno dos significados da prática, objetivando romper o estigma, a partir do questionamento da regra de exclusividade afetivo-sexual que os torna desviantes. Para tanto, criaram-se os grupos de discussão e a rede “Pratique Poliamor Brasil”, enfatizando os termos “militância” e “apoio”. Há ainda a opção, menos recorrente nos grupos virtuais, de ocultarem seus desejos e práticas, a fim de preservarem suas identidades. Esta estratégia é, como será visto a seguir, variável conforme os destinatários e, em geral, expressa um cálculo sobre se compensa ou não expor a diferença.

A utilização do termo “amor” como lema do grupo parece ser uma tentativa de controlar a impressão social sobre a prática, favorecendo sua legitimação. Como, talvez, não exista valor mais nobre do que o amor, mais socialmente aceito e admirado, esta estratégia, consciente ou não, seria uma forma de se “apresentar” ressaltando virtudes. Os poliamoristas,

tais como outros grupos minoritários, mostram-se ambíguos, pois ao mesmo tempo em que “desviam”, podem sempre convencer de que é para melhor: já que “ama-se mais”, se é “menos egoísta”, além de “mais livre” e “honesto”.

Douglas (1976) aponta essa tendência dos seres marginais representarem uma ambiguidade, já que sua “desordem”, seu caráter “indefinível” é ao mesmo tempo símbolo de perigo e de poder. Parece que a identidade poliamorista se constrói em torno desta contradição, entre a “superioridade” e a “condenação”, situando-se entre a “vergonha” e o “orgulho”. Esta discussão será retomada na última parte do capítulo.

Descrevi três momentos da carreira poliamorista, a elaboração da crítica à monogamia, a vivência de “RAs” e/ou swing e o conhecimento da filosofia poliamorista. A seguir, serão analisados alguns dos maiores desafios relatados para viver o Poliamor: assumir publicamente a opção, encontrar parceiros e combater seus “resquícios” monogâmicos e os dos parceiros.

2.1.3- Desafios para viver o Poliamor

2.1.3.1-Declarar-se “poli”

Para quem os pesquisados declaram ser poliamoristas? O que eles dizem? Por que eles dizem? Quais as reações dos outros? Como os pesquisados reagem a elas? Há diferenças de gênero nessas reações?

São encontradas diversas estratégias de apresentação do “eu” poliamorista. Como afirma Goffman (2009), essas estratégias são tentativas de regulação da impressão que os outros formam a nosso respeito. Mead (1962) afirma que esse controle é limitado, tendo em vista que é a partir da utilização de um acervo de experiências passadas (“outro generalizado”) que se supõem os sentidos envolvidos em uma interação social. Goffman defende que a capacidade de dar a impressão desejada varia de acordo com duas circunstâncias: o que se emite e o que se transmite. A primeira se refere ao que é dito e exposto corporalmente e a segunda incluiu uma série de ações que os outros julgam relevantes e que não são emitidas pelo agente.

Entre os poliamoristas fica evidente a tentativa de “manipulação” das impressões tendo em vista que há um cálculo daquilo que será dito e uma variação dependendo dos receptores. Pode-se dividir em quatro os grupos de atores sociais para quem os pesquisados “apresentam-se”, variando da omissão completa ao total compartilhamento. A esfera pública, caracterizada basicamente como companheiros de trabalho e chefes, é aquela na qual eles se

expõem menos, seguida pelos familiares (subdivididos em gerações, tanto as mais novas como as mais velhas são as que eles menos se expõem), potenciais parceiros ou “ficantes” e amigos - grupo ao qual dizem declarar-se com maior naturalidade.

Nos fóruns é defendida a ideia de que é preciso muita coragem para ir contra os padrões e “sair do armário”. Por isso, muitos declaram optar por não “peitar a sociedade”. Andressa diz que ninguém sabe da vida que leva. Niki²⁶ diz esconder tanto de amigos íntimos quanto de familiares. Fernanda²⁷ afirma que apesar dos amigos e das pessoas com as quais se envolve saberem, a família não. Brenda diz que os amigos sabem, mas que não conta no trabalho nem para a família. Maria²⁸ concorda que é difícil “peitar”, mas que o faz. Todos sabem que ela tem dois relacionamentos, menos sua filha mais nova. João²⁹ declara contar para a família, amigos, patrão, secretária e até para quem acabou de conhecer. Oswaldo³⁰ e Leila³¹ também dizem fazer questão de contar para todos.

Tendo iniciado uma relação em uma estrutura monogâmica, falar ao namorado sobre Poliamor é algo temido. Chico³² diz ter tentado falar com sua namorada, porém ela rompeu a relação dizendo que se ele não é capaz de amá-la com exclusividade a relação não faz sentido. Drácula³³ diz ter vivido o mesmo problema. Após quatro anos de relação contou ser poliamorista para a namorada. Ela aceitou, mas não por muito tempo: “Ela sempre teve a esperança de que eu mudasse, quando viu que não mudaria, rompeu”. Fernanda, assim como Leila e Rodrigo, relatam que muitas pessoas com as quais se relacionaram fingiram aceitar, para, em algum momento, tentar mudá-los.

Não há dificuldade apenas em declarar-se poliamorista ou não, até porque, em geral, há pouco conhecimento do que é o Poliamor. O conteúdo transmitido varia de acordo com os receptores, podendo-se enfatizar valores como “amor”, “sinceridade”, “liberdade” ou “igualdade”. Não houve intenção de traçar um mapa completo dessas variações, mas é

²⁶ Niki declara não ter filhos, ser “afro-brasileiro”, “neo-pagão” e “apolítico”.

²⁷ Fernanda declara ser moradora de Santo André (SP) e ter estudado Letras na USP. Define-se como feminista e marxista.

²⁸ Maria declara morar em São Paulo com os filhos, ter curso superior e ser professora. Define-se como “hispanico/latino”, “muito liberal, de esquerda”, “heterossexual” e com “um lado espiritual independente de religiões”.

²⁹ João declara ser morador de São Paulo, coordenador da rede Pratique Poliamor Brasil, moderador da comunidade Poliamor Brasil no Orkut, ter 37 anos. Define-se como liberal, libertino, libertário, ateu, orgiasta, quase-escritor, poliamorista, feminista, entusiasta, empático, intenso, paulistólatra, romântico e heterossexual.

³⁰ Oswaldo declara ser professor da SOCIESC.

³¹ Leila declara ser moradora de Porto Alegre (RS), ser advogada, fazer pós graduação em Políticas Públicas na UNICAMP e pertencer ao grupo Rede Relações Livres. Define-se como feminista, garantista, constantemente insatisfeita, com inaptidão para a vida e inadequada a sociedade, insana, indecisa e incoerente.

³² Não há informações disponíveis sobre o usuário.

³³ Drácula declara morar em São Paulo e ter um filho, diz ser escritor, filósofo, astrólogo e trabalhar com prestação de serviços.

importante destacar que são perceptíveis diferenças de interesse em aprofundar uma explicação, sendo maior entre aqueles considerados “mente aberta” (potenciais poliamoristas) e com os quais se pretende ter algum vínculo amoroso.

Outra indagação pertinente é o porquê de se afirmar como poliamorista. De um lado, o objetivo é o de apenas não precisar esconder aquilo que se faz ou deseja fazer. De outro, há uma concepção política, no qual se defende que a “liberdade” e o “respeito” são bens conquistados. Essa “conquista” se dá em dois níveis. O primeiro é no plano individual e corresponde à familiarização com os argumentos do grupo. Uma poliamorista conta que levou muitos anos para conseguir ser respeitada, sendo necessário muito “embasamento teórico”³⁴ para sustentar sua posição. Duas estratégias básicas são assumidas nesse processo, a primeira que defende que o Poliamor não faz mal a ninguém e que por isso deve ser considerado válido. A segunda, a de que ele é melhor do que a monogamia que por sua vez é prejudicial ao ser humano. Nesta opção não apenas fala-se sobre o Poliamor, mas tenta-se convencer os outros de que ele é melhor, “ganhá-los”.

O segundo plano é o da luta coletiva, onde valoriza-se a visibilidade do Poliamor nas mídias e nas discussões acadêmicas, assim como a articulação entre poliamoristas a partir dos fóruns de discussão, dos “poliencontros” e da criação de uma rede de “militância, apoio e conhecimento”, a “Pratique Poliamor Brasil”. Rodrigo é um de seus defensores mais enfáticos: “Acho importante que a gente se organize, lute, apareça e discuta. Só assim teremos espaço para sermos efetivamente livres para sermos polis!” Já Marcos³⁵ e Ulisses³⁶ defendem que as escolhas pessoais devem estar separadas do âmbito público:

“Teria receio de, no caso de trabalhar para um chefe fundamentalista cristão, judeu, muçulmano, ser demitido só por me declarar abertamente poliamorista. Mesmo em instituições públicas desse país, gigante deitado eternamente no berço esplêndido da ignorância, é algo ainda virgem entender e separar as coisas públicas da vida privada. Talvez precisemos de outros 500 anos para que a mentalidade brasileira evolua do jeito de pensar medieval, colonialista, coronelista e ditatorial, e passe a respeitar, de fato, as individualidades, subjetividades e diferenças.”

³⁴ As justificativas para ser poliamorista podem ser entendidas a partir do que Becker (1977, 2008) chamou de “técnicas de neutralização” e “racionália”, uma ideologia que visa validar o desvio a partir da construção de uma interpretação alternativa que repudia as regras do mundo “convencional”.

³⁵ Marcos é morador de Brasília, declara ter estudado literatura na UNB, ser “humanista secular” com preferência política “democracia semidireta”.

³⁶ Ulisses declara ser morador de São Paulo, ateu, anti imperialista, anti consumista e odiar neoliberais.

Ambos defendem que o Poliamor deve ser praticado “entre quatro paredes”. Rodrigo opõe-se a essa visão. Para ele, inevitavelmente a esfera pessoal chega ao conhecimento dos chefes, sendo preferível lutar pela aceitação pública do Poliamor. Para Rodrigo, o preconceito contra as “diferenças” não é apenas uma realidade brasileira, pois tanto nos Estados Unidos quanto na Europa os LGBT³⁷ são discriminados. Para ele, há uma cultura no meio “poli” que favorece a criação de “ilhas”, onde cada um se preocupa exclusivamente com os problemas que envolvem seus relacionamentos, sem pensar nas consequências: “No âmbito do trabalho, da política ou das opressões em geral. Ao meu ver, isso é um defeito grave e tende a nos fazer virar um culto de classe média”.

Há ainda dentro dos fóruns de discussão aqueles que são contra a construção do Poliamor como um grupo de identidade, por considerarem qualquer forma de categorização de pessoas como restrição à liberdade. Este tema será aprofundado no próximo capítulo. Neste momento, pretendo analisar como os poliamoristas dizem ser tratados.

Bahva³⁸ diz ser taxado de “maluco”. Sofia³⁹ afirma sofrer um “linchamento moral”. Andressa diz ouvir de amigos e familiares que é “infantil” e que “não tem caráter”. Mariana⁴⁰, que “nunca amou de verdade”. Rodrigo, que é “menos sério”, “pilantra” que sacaneia mulheres e “corno manso”. Evaristo⁴¹, que é “tarado” e “galinha”. Oswaldo diz que perde oportunidades com garotas, apesar de ganhar admiração pela sinceridade. Sheila diz ser bem tratada e admirada pela coragem e pela filosofia.

As mulheres mostram ter mais dificuldades do que os homens em declarar-se “poli”. Leila conta que seus pais não aceitam, que a família a considera uma “ovelha negra”, que as amigas temem que ela “dê em cima” de seus namorados e que os homens acham que ela faz “sexo por caridade”. Fernanda acha que é mais difícil para a mulher contar que é “poli” por serem consideradas “prostitutas”. Helen⁴² diz que ouve “ecoando” na cabeça dos homens: “ela é uma vadia, sempre é bom ter uma amiga vadia pras horas de necessidade”.

Para Rodrigo, ser homem “poli” não é tão fácil como alguns acreditam, pois é necessário desafiar o “machismo” que defende o não envolvimento afetivo masculino e o

³⁷ Lésbicas, gays, bissexuais e transexuais.

³⁸ Bahva declara ser morador do Rio de Janeiro, “multiétnico”, “apolítico” e “bissexual”.

³⁹ Não há informações disponíveis sobre a usuária.

⁴⁰ Mariana declara ser moradora de Maringá (PR) e ter feito curso universitário na CESUMAR.

⁴¹ Evaristo apenas declara ser morador do Rio de Janeiro.

⁴² Helen declara morar com “companheiro(a)”, ter ensino médio completo, trabalhar no setor de “Mídia e Publicação” e ser bissexual.

controle da mulher. Thiago⁴³ ilustra esse ponto de vista ao ser permanentemente chamado de “cornos” por “deixar” sua namorada sair com outras pessoas.

No site e no blog são relatadas ofensas a poliamoristas. Helô publica em seu site um comentário recebido:

“Acho isso uma pouca vergonha ... É por causa desse tipo de pensamento que a maioria das famílias estão disfuncionais, o que gera uma sociedade sem exemplos, sem valores e sem estrutura. Pensem nisso quando quiserem propagar um pensamento tão ridículo e ilhado como este”.

Tanto o site quanto o blog dizem que os poliamoristas sofrem discriminação das agências responsáveis pela doação de sangue no país e do Ministério da Saúde. Argumentam que não são os gays os únicos impedidos de doar sangue, mas também as pessoas com múltiplos parceiros sexuais. A seu favor dizem que heterossexuais, homossexuais, monogâmicos ou poliamoristas, todos correm o mesmo risco de serem contaminados pela AIDS e que, além disso, todo sangue coletado é testado antes de ser utilizado. A única explicação para o critério de exclusão é, segundo eles, o “puro preconceito”, resquícios de um paradigma ultrapassado que associa a homossexualidade e o sexo fora do casamento à AIDS.

O preconceito contra os LGBT e poliamoristas também foi tema de discussão. Alguns concordam que o primeiro é maior do que o segundo, mas que é ainda pior ser gay e “poli” ao mesmo tempo. Fernanda declara:

“Ser poli e LGBT é complicado porque a pessoa sente um peso nas costas por ter que tomar cuidado para não reforçar um estereótipo terrível... muita gente acha que homo/bissexualidade é sinônimo de promiscuidade, se você se declara LGBT e poli, os mesmos ignorantes que acham isso, vão dizer ‘viu!?’...”

Brenda que se define como lésbica concorda com Fernanda. Ela conta ter escrito artigos sobre Poliamor que foram rejeitados em sites lésbicos. Para ela, a explicação é que os LGBTs evitam se associar a qualquer coisa que carregue estigma porque são acusados de “promiscuidade”. Brenda também diz perceber que entre lésbicas há um nível mais acentuado de possessividade do que nas relações hétero, o que também favoreceria a resistência ao Poliamor.

Cadu⁴⁴ discorda de ambas dizendo conhecer casos “poli” no meio gay masculino e que não vê resistência: “tanto é que o número de relacionamentos abertos entre gays é

⁴³ Thiago declara morar em Belo Horizonte e ter curso superior incompleto pela UFMG. Define-se como anarcotropicalista, com posição política “libertário ao extremo” e etnia “multiétnico”. Suas paixões são híbridos, experimentação, esquizoanálise, sinceridade radical, festa e orgia, contracultura, surrealismo, pós-estruturalismo etc.

esmagadoramente maior do que entre héteros”. Cadu argumenta que muitos gays assumem seu lado “caçador”, o que transforma a relação em uma “putaria”: “Se você for pensar em relacionamento aberto como Poliamor, então gays são o suprasumo poli. Se você pensar em Poliamor apenas como polifidelidade, aí realmente é algo que você não vai ver fácil entre gays”.

A contraposição entre o argumento de Brenda sobre lésbicas e de Cadu sobre gays pode ser pensado a partir dos trabalhos de Fry e MacRae (1985) e de Heilborn (2004), para os quais a homossexualidade de homens e mulheres é considerada fundamentalmente distinta. Enquanto as lésbicas tendem a ter relacionamentos mais duradouros e fiéis do que os homens, estes seriam mais “promíscuos”, obcecados por um alto número de parceiros sexuais:

“Às vezes parece ser quase uma questão de honra não deixar escapar nenhuma possibilidade de uma relação sexual (...) Alguns dão a impressão de considerarem todos os homens como potenciais parceiros (...) Essa propensão ao sexo impessoal agride profundamente as mulheres, tanto hetero quanto homossexuais, criadas como foram para associar sexo e afeto (...)” (Fry e MacRae, 1985: 108-9).

Cadu expressa uma comum associação entre um alto número de parcerias sexuais e o Poliamor. É importante destacar, entretanto, que, como nos ideais poliamoristas é defendido o vínculo afetivo profundo, o sexo “objetificado” dos gays masculinos é criticado.

Os demais acrescentam outras identidades que somadas à “poli” geram um preconceito ainda mais acentuado. Rodrigo indaga: “Quero ver o que a gente faz com os Polis Negros LGBTs Ateus!”. Marcos diz que está “lascado”: “Sou poli, mestiço, baiano, ceilandense, lutador de vale tudo, anarquista, vegetariano, ateu e não voto em ninguém.” Fred declara: “Vocês acham que é difícil ser poli, tenta ser poli, nerd, furry, bi e misantropo.” E Vitória: “Ok, bonitões, experimentem ser polis, feministas, vegetarianos e GRÁVIDAS aí a gente conversa.”

O Poliamor apresenta uma ambiguidade comum a grupos minoritários. Ao mesmo tempo em que há críticas e preconceitos, há também uma valorização da diferença, podendo ser representados como superiores, “libertadores” da humanidade da moral religiosa. Há no relato das reações de amigos e familiares de poliamoristas, assim como em reportagens sobre o tema, uma ênfase no Poliamor como uma forma mais “evoluída” de envolvimento: “Um amor nada egoísta”, a “nova tendência”, “eles são mais livres e bem resolvidos”, “modernos” etc. Essa visão é obviamente ainda mais perceptível no discurso de poliamoristas, que ressaltam suas diferenças - o que difere do movimento gay - que, em geral, resalta sua

⁴⁴ Cadu declara ser morador de Juiz de Fora (MG).

igualdade. Muitos poliamoristas se veem como “à frente de seu tempo”, “libertários”, “mais conscientes”, “mais verdadeiros” e de “mente aberta” que a “massa” monogâmica. Esse caráter de “distinção” do poliamorista é expresso exemplarmente em uma mensagem de uma “aspirante” ao Poliamor na comunidade do Orkut: “Não foi dessa vez que eu entrei pro HIGH SOCIETY poliamoroso”. Há que se ressaltar que os significados morais da prática poliamorosa e de seus adeptos está em disputa e que não há apenas conflito entre poliamoristas x monogâmicos em torno dos significados do Poliamor. Entre os pesquisados há aqueles que defendem sua superioridade, outros que afirmam sua igualdade. Retomarei a análise das hierarquias Poliamor/monogamia no próximo capítulo. A seguir, será analisado o segundo desafio para praticar o Poliamor.

2.1.3.2- Monogamia: um “fantasma” permanente

A passagem da monogamia para o Poliamor não tem rituais precisos, não sendo abandonada a identidade monogâmica por completo. Há, portanto, uma espécie de “Eu” monogâmico residual a ser combatido permanentemente, em especial, associado aos ciúmes. O Poliamor representa nesse sentido mais um ideal do que uma identidade, ou ainda, uma identidade a ser alcançada, estando cada sujeito em um estágio desse processo evolutivo.

Os problemas dos relacionamentos poliamoristas são, em geral, apontados como causados pela manutenção de comportamentos e sentimentos “monogâmicos”. Alana relata que, apesar de viver uma relação poliamorosa, não se sente livre de ter uma “rivalidade infantil” quando outras mulheres se aproximam de seu parceiro, e que, quando ocorre o contrário, é ele quem sente ciúmes “tentando desqualificar as pessoas”. Ela acreditava que o Poliamor seria a solução para todos os problemas no amor. Entretanto, o que vê são poucos casos de sucesso. Para Alana, muitos se definem poliamoristas para se sentirem “moderninhos” mas que só têm relações “flutuantes” e “sem amor”. Em sua opinião, essas pessoas deveriam ser chamadas de “polificantes” ao invés de poliamoristas.

Este relato expressa uma preocupação recorrente nas redes virtuais de separar os poliamoristas “verdadeiros” dos “falsos”. Como “falsos” poliamoristas estão os homens que procuraram sexo “fácil” e que querem ser “poli” “apenas com a mulher dos outros”. Entre as mulheres, seriam aquelas que se submetem aos desejos do parceiro.

Competições, hierarquias e ciúmes são características consideradas próprias da monogamia e responsáveis pelas principais mazelas nos relacionamentos. Alguns pesquisados

afirmam a permanência destes elementos no Poliamor, mas apenas como “resquícios” de comportamentos monogâmicos que estariam lentamente abandonando:

“Ciúme não nasceu do nada, é um sentimento desenvolvido em função da estruturação da monogamia; assim como a compersão⁴⁵ é um sentimento desenvolvido colateralmente pelo poliamor (só que não é majoritário porque ainda vivemos numa sociedade monogâmica, logo, como o novo sempre vem do velho, estamos contaminados pelas suas características).” Rodrigo no grupo do Facebook.

O exercício da “não comparação” entre relacionamentos é apontado como condição para o sucesso poliamoroso. No caso do “relacionamento em grupo” de Paulo⁴⁶, ele afirma que há diferenças entre as relações e os sentimentos, mas que eles aprenderam a não “comparar afinidades”.

Os problemas enfrentados nos relacionamentos variam muito em função do tipo de vínculo que os parceiros estabelecem com o Poliamor. A descrição nos fóruns sobre relacionamentos com poliamoristas “adormecidos” ou “simpatizantes” é ambígua. Se, por um lado, há a possibilidade de enfrentar as tendências monogâmicas juntos, por outro, o neófito representa o que o poliamorista quer afastar em si: o ciúme, a competição, a insegurança e a possessividade.

É recorrente o relato de que muitos aceitam se relacionar com poliamoristas sem exclusividade na expectativa de que, em algum momento, consigam “fisgar seus corações”. Ao ver que não conseguem, ocorrem brigas e o término da relação. Rodrigo diz ser esse o critério que diferencia uma relação com pessoas monogâmicas que prospera das que não. No período inicial, a falta de exclusividade não costuma ser um problema, já que se está apenas conhecendo o outro. No decorrer da relação, entretanto, esse entendimento “cai por terra” – ao se estabelecer um vínculo “sério” - muitas mulheres passam a exigir exclusividade, enquanto outras desistem da relação. Rodrigo declara que as que passam por esse processo de “teste” - aceitando a liberdade de amar - são aquelas com as quais os relacionamentos prosperam, mesmo que elas não tenham outros amores.

Rodrigo acredita ser importante incentivar suas namoradas a terem outros relacionamentos:

⁴⁵ A definição de compersão encontrada no site Poliamor Brasil é: “Sentimento agradável provocado pelo prazer de saber que o parceiro [se interessa] por terceiros, alheios ou não ao relacionamento.”

⁴⁶ Paulo declara ser militar, ter curso superior incompleto, morar em Porto Alegre (RS), não ter filhos, ser “apolítico” e de etnia “hispanico/latino”.

“De início sempre tinha um estranhamento, tipo: ‘que parada é essa?’, ‘impossível’, ‘não dá’. Aí eu argumentava com elas, e elas ficavam sem argumentos, íamos ficando elas gostavam e ignoravam o fato de eu ter vários relacionamentos, mas quando elas começavam a se envolver mais profundamente elas me diziam que estavam se sentindo mal e queriam terminar (...) Com o tempo fui percebendo que era necessário minimamente convencê-las disso, incentivá-las a terem outros relacionamentos. Era importante eu estimulá-las, porque se dependesse delas provavelmente não iam fazer. Eu perguntava: ‘Não tem nenhum cara que você se interesse?’ Quando ela saía eu perguntava se tinha algum cara interessante, se ela tinha ficado com alguém.... Ou então quando conhecíamos alguém eu falava ‘pô você podia pegar tal cara.’ Algumas estranhavam, outras não. As com relacionamentos pequenos não chegavam a esse nível, os relacionamentos mais longos foram as que conseguiram entender melhor essa proposta.”

Uma das marcas dos poliamoristas pesquisados é um discurso de aceitação e valorização das diferenças. Entretanto, nesta discussão, é apresentada uma “diferença” de difícil administração: a entre um parceiro poliamorista e outro monogâmico. Alguns pesquisados defendem que esta não pode ser impeditiva. Outros consideram uma situação intolerável. Entre a “aceitação” e a “negação” se dá um conflito e a tentativa de convencimento, seja de “monogâmicos” de que é preferível a exclusividade ou de poliamoristas de que ela é maléfica. Não foi encontrado nenhum relato de relacionamento “mono/poli” em que as diferenças tenham sido aceitas sem tentativa de “conversão”. Por outro lado, cabe destacar que não vincular-se amorosamente a monogâmicos implica limitação, já que são poucos os poliamoristas. Estas considerações explicitam um paradoxo na posição poliamorista: ao mesmo tempo em que se opõe aos monogâmicos, deles dependem para praticar seu ideal.

A fragilidade do posicionamento poliamorista, expresso nos desafios analisados neste capítulo, conduzem à reflexão entre os pesquisados sobre um retorno definitivo ou temporário à monogamia.

Dos entrevistados, Roberta é a única que após viver relacionamentos não monogâmicos, volta a viver um. Aos 20 anos se apaixonou por um homem que não compactuava com ideais poliamoristas e resolveu se “aventurar” em um namoro convencional:

“Era uma pessoa sabidamente monogâmica, compreendia que o amor era algo que se vivia entre duas pessoas, era uma pessoa bem inflexível nesse aspecto, enquanto estivéssemos só ficando ele não se importava de ambos ficarmos com outras pessoas, já que não envolvia amor, até que ele começou a se envolver mais profundamente e resolveu fechar para uma monogamia. Resolvi, como não estava ficando com mais ninguém, fazer uma experiência monogâmica com ele.”

O namoro foi descrito como ruim. Roberta se sentia cobrada a ter que passar mais tempo juntos e presa a um relacionamento “machista” que a colocava como “apêndice” de seu namorado - vivendo a sua vida social, fazendo seus programas de entretenimento e sem tempo para realizar suas próprias atividades. Ao ser perguntada se considerava “machista” o seu namorado e não a relação, ela afirma:

“Eu era intensamente cobrada, se você aceitou namorar comigo, devia saber que estava aceitando isso, isso, passar muito tempo comigo, explicar com quem esteve, chegar em casa na hora marcada, sair com meus amigos e comigo sempre que solicitada etc. Como eu queria fazer a experiência da monogamia para ver se servia para mim, eu acabei aceitando as condições, mas como na maioria dos casos na monogamia ocidental, essas condições são só para a mulher, ele estava ficando com outra menina e cobrando de mim que eu fosse monogâmica.”

A experiência monogâmica de Roberta serviu para fortalecer sua relação com o Poliamor, ou com a Poligamia, já que nesse período ainda não conhecia o termo. É importante reafirmar que para “converter-se” poliamorista, torna-se necessário criticar a estrutura monogâmica em vez de responsabilizar os envolvidos.

No grupo do Facebook, a possibilidade de desistência do Poliamor é tema de debates. Em geral, as experiências monogâmicas são atribuídas a um momento de fraqueza, afirmando a descrença na possibilidade de se satisfazerem permanentemente com uma única pessoa. Mariana diz: “Ai gente, eu sou fraca apaixonada e já cedi muitas vezes. E eu sei que no momento que fecho um relacionamento estou sendo infeliz. A partir dali começo uma contagem regressiva só esperando não aguentar mais.” João declara:

“Após me apaixonar acabo aceitando relação fechada sabendo que vamos brigar pra caralho, que sou do tipo que acaba dando motivos pra ela sentir ciúmes, que vou sentir falta das ‘festinhas’ e me sentir infeliz, que vou acabar ficando com outra menina também... Uma desgraça.”

Outro poliamorista conta: “Já pensei em desistir. Mas eu iria pra onde, iria fazer o que? Minha mente não vai mais voltar ao que era. Uma vez que se vê a luz não dá mais pra viver vendo apenas sombras. Rs”. Apesar das dificuldades apontadas, há um discurso, como bem demonstra a frase acima, que afirma ser o Poliamor o “caminho”, a “luz”, enquanto que a monogamia seria a “sombra”. Nada mais esperado do que a “salvação” represente o percurso mais difícil, que requer reflexão, desestruturação da personalidade e enfrentamento da sociedade. Os entraves ao Poliamor, antes de serem motivo para desistência, servem de estímulo para o processo de evolução pessoal, libertação e autoconhecimento.

2.1.3.3- Como encontrar parceiro(a)(s)?

Como foi destacado, são vários os desafios para a efetivação dos ideais poliamoristas. Dentre eles, como abandonar a monogamia sem jamais ter ouvido falar de Poliamor? Tendo conhecimento da filosofia e o desejo de praticá-la – os enfrentamentos se concentram sobre o preconceito e a estruturação psicológica monogâmica dos amantes. Lidar com os ciúmes, desenvolver “compersão” e não objetivar ser o “absoluto” na vida de ninguém, são alguns exemplos. Trata-se de um processo permanente já que ninguém, para os pesquisados, está completamente livre da “monogamia” por mais desenvolvido que esteja no Poliamor. Nesta parte do trabalho analiso um terceiro desafio para a prática do Poliamor: encontrar parceiros.

Nuno⁴⁷ relata que apesar de ter encontrado o caminho para a felicidade no Poliamor, dificilmente conseguirá colocá-lo em prática. Ele é universitário e diz que até nesses ambientes “menos bitolados” é difícil encontrar alguma mulher que pense como ele. Luciene⁴⁸, Mauro⁴⁹ e Helen também relatam a mesma dificuldade. É importante destacar que aqueles que nunca viveram o Poliamor, não deixam de ser poliamoristas: “O poliamorista quer viver o poliamor. Não necessariamente, vive ou viveu. Nós somos poliamoristas por acreditarmos na ideologia e querermos realizá-la.”, declara João, no grupo Pratique Poliamor Brasil do Facebook.

Encontrar parceiros é apontado no Orkut como o principal desafio poliamorista. O fórum “como arrumar um(a) namorado(a) poliamorista” teve 75 postagens. Há de início um desacordo com o termo “namoro” usado no título do tópico, por considerá-lo uma forma padronizada de relação permeada por regras, dentre elas a da exclusividade. Essa crítica é apontada como mais um entrave para o envolvimento amoroso já que o namoro é o modelo de relacionamento mais difundido.

Alana⁵⁰ diz ser difícil encontrar alguém que preencha os pré-requisitos básicos de interesse e ainda seja poliamorista: “É basicamente acreditar em Papai Noel, poliamoristas têm muitos, mas que se encaixe com você é complicado”. Brenda fala de seu duplo desafio: encontrar alguém que seja homossexual e poliamorista ao mesmo tempo. Pedro⁵¹ diz não serem muitos os poliamoristas “assumidos”, mas há aqueles “adormecidos”, por isso é preciso

⁴⁷ Nuno declara ser morador do Rio de Janeiro e militante socialista.

⁴⁸ Não há informações disponíveis no perfil da usuária.

⁴⁹ Mauro declara ser morador de São Luís (MA), possuir curso superior em Engenharia Elétrica e ser professor de Física da UFMA. Define-se como “apolítico” e “heterossexual”.

⁵⁰ Alana declara morar com filhos em cidade desconhecida. Define-se como “multiétnica”, com “um lado espiritual independente de religiões”, e com visão política “libertária”.

⁵¹ Pedro declara ter 30 anos, não ter filhos e morar em Recife (PE).

ter um pouco de persistência já que nem todos estão prontos. Ele defende também que o fato de alguém ser poliamorista pode ajudar a despertar interesse em outro poliamorista. Alana discorda desta afirmação: “É como apresentar dois gays aleatórios acreditando que eles vão se apaixonar e casar.”

A solução apresentada por Danilo⁵² é “fazer um esforço” para iniciar relações entre poliamoristas pela internet. E elas de fato ocorrem, inclusive entre pessoas de diferentes cidades. Rodrigo, Alice e Roberta tiveram relacionamentos à distância com pessoas que conheceram em fóruns poliamoristas. A “distância” é inclusive um aspecto valorizado no meio “poli”, por proporcionar autonomia entre os envolvidos e favorecer relacionamentos simultâneos. Considerando que o “tempo” é um bem escasso e que administrar vários amores simultâneos não é simples, a “distância” acaba por ser um elemento facilitador. Explorarei esta questão no item “vivendo poliamores”.

Apesar de alguns membros concordarem que o fato de duas pessoas serem poliamoristas aumente a chance de se relacionarem, a comunidade do Orkut não é um espaço que promove relacionamentos, sendo proibidas as mensagens de busca por parceiros. No Facebook, mesmo não havendo regras neste sentido, não são encontradas mensagens de “anúncios” e “buscas” de parceiros, apesar de serem comuns relacionamentos amorosos se iniciarem nestas redes sociais.

Além das comunidades virtuais poliamoristas, outros espaços favorecem o encontro de parceiros simpatizantes com ideais não monogâmicos. Rodrigo declarou não ter enfrentado dificuldade para ter namoradas, tendo em média três relacionamentos simultâneos durante os seis anos em que se tornou poliamorista. Diz que a faculdade, mais especificamente o movimento estudantil, foi um ambiente no qual encontrou razoável aceitação de sua forma de amar. Roberta, que também é universitária, diz que nesse espaço é comum “relacionamentos abertos”, e que tampouco teve dificuldades para se envolver afetivamente com mais de uma pessoa ao mesmo tempo. Outro ambiente em que encontrou adesão de relacionamentos não monogâmicos foi o movimento “anarco punk”.

Procurei, ao longo deste tópico, defender o argumento de que o anseio poliamorista por liberdade para amar se esbarra na dificuldade de construir relacionamentos múltiplos e consensuais. O preconceito, a manutenção de sentimentos associados à monogamia e a falta de parceiros são apontados pelos pesquisados como os seus três maiores desafios. A seguir,

⁵² Danilo se declara morador de São Paulo. Define-se como ateu praticante, entusiasta do poliamor, amoral, anti-trabalho, cético racionalista, inimigo da hierarquia, autodidata, aventureiro que se esgueira sob a sombra do Império capitalista, espírito filosófico e subversivo, idealista apaixonado, heterossexual etc.

analisarei os relatos dos relacionamentos dos quatro entrevistados que afirmaram ter superado esses desafios.

2.2-Vivendo poliamores

Nesta parte do trabalho pretendo analisar os relatos de experiências poliamorosas dos pesquisados. As discussões foram separadas em duas partes. Na primeira, são analisadas as estratégias para lidar com a tensão entre liberdade, singularidade e espontaneidade, de um lado e, mutualidade, acordo e concessão, de outro. Quatro dimensões deste conflito serão investigadas: criação de regras, segredos, coabitação e filhos. Na segunda parte, analisarei uma experiência de “relação em grupo”, considerada pelos pesquisados o ponto máximo da “escala evolutiva” poliamorista.

2.2.1 A difícil gestão das autonomias

2.2.1.1- Criando regras e “rótulos”

Os relacionamentos poliamoristas são permeados por conflitos entre autonomia e parceria amorosa. Analisarei a seguir o processo de criação de regras e nomenclaturas para os relacionamentos.

Alice e Rodrigo moram em cidades diferentes e quando ela foi visitá-lo se surpreendeu com a presença de outra namorada. Ela declarou ter ficado extremamente incomodada com a situação e propôs a primeira regra para o relacionamento:

“Não me senti à vontade com a situação. Acho que tiveram dois fatores, eu não a conhecia, nunca tinha ouvido falar dela, não tava preparada para essa situação e eu tava com muita saudade do Rodrigo, tava há duas semanas sem vê-lo, então eu ia embora logo, e não gostaria que tivesse outra pessoa ali, ainda mais alguém que eu não tinha nenhuma afinidade. A gente conversou e eu expliquei para ele - ele tem os relacionamentos dele - eu os meus, quando for para estarmos juntos é para estarmos juntos, se for ter uma terceira pessoa é para ser combinado previamente e acordado entre ambos. Foi a primeira regra básica que a gente estabeleceu.”

Apesar de no Poliamor os amores não serem considerados excludentes, há, em geral, limites estabelecidos em cada relação para as “liberdades” possíveis. Neste caso, o problema foi a presença de outra namorada sem acordo prévio. Veremos a seguir que no relacionamento

de Roberta situações análogas foram vivenciadas, sem serem consideradas, entretanto, um problema.

Roberta se relaciona com Ricardo há um ano e diz que quando se encontram às vezes ficam, e outras não:

“Ele deixa de ficar comigo para ficar com outras, na medida que se ele ficar comigo, elas vão se afastar, não vão compreender que a nossa relação é aberta. Quando ele quer ficar com alguém e eu estou no mesmo recinto eu me afasto para que ele fique com a pessoa, quando ele tem a oportunidade ele diz que ele também fica comigo. Isso quando se sente a vontade.”

Ela diz não sentir ciúmes e que se sente feliz com a felicidade de Ricardo, apesar de às vezes querer ficar com ele e ele não. Declara ficar triste em alguns momentos, mas que lida bem com a situação:

“É como você ligar a TV esperando que vá passar um programa que gosta e não vai passar, tem uma frustração, mas não entro numa nóia de brigar com ele, de achar que eu sou menos importante. Tenho bastante segurança no meu relacionamento com ele, o que deriva muito do fato de nos relacionarmos há um ano.”

Ela diz que ambos tentam colocar o mínimo de limites possíveis para a autonomia do outro, por isso deixa-se que cada um exerça essa liberdade - escolhendo outro - mesmo na presença do parceiro. Um exemplo que ilustra esse ponto de vista é quando Roberta e Ricardo marcam de passar o final de semana juntos:

“O fato de termos feito esse planejamento não me impediu de ter ficado com outra pessoa inclusive na presença do Ricardo e foi tranquilo. Saímos com uns amigos em comum e um desses amigos era alguém que eu queria ficar há tempos e aí fiquei com essa pessoa. Depois fomos a outro evento e ele ficou com uma menina lá. Acho que ele inclusive foi dormir com ela, eu não sei, porque dormi antes e perdi a história.”

Há, nesse relacionamento, a valorização extrema da “liberdade”, sendo as diferenças de interesse relatadas com naturalidade. Roberta diz que não existem expectativas iguais sobre os relacionamentos. Portanto, procurar igualdade é, para ela, uma “encruzilhada perdida”. A única igualdade desejável é a da possibilidade de escolha. Ela diz que não existe, nesse relacionamento, nenhum entrave à possibilidade de outros relacionamentos. As únicas regras são, no caso de não quererem se ver ou de precisarem desmarcar, avisarem com antecedência.

Apesar da ênfase na autonomia no Poliamor, há uma variação considerável. O caso de Roberta representa o seu extremo - sendo regras, cobranças e “rótulos” tomados como formas de limitação da espontaneidade e da liberdade - por isso, devem ser utilizados o mínimo

possível. Outra posição, defendida por Rodrigo, vê a definição dos status dos relacionamentos como uma forma de expressão daquilo que se sente, e a criação de regras como uma forma de potencialização das satisfações dos envolvidos. A relação de Rodrigo e Alice enfrentou um conflito entre estas duas posições:

“Existe uma hierarquia entre os relacionamentos, mas não é em função daquela pessoa, mas em torno do desenvolvimento daquela relação. Eu tenho um patamar de envolvimento mínimo que eu chamo de namorar, abaixo dele ficar. Eu posso ficar com 10 ou namorar com 10, não importa. (...) É um relacionamento bem profundo [com Alice], a gente tem muito a ver, estou gostando cada vez mais dela, estou bem próximo de dizer que a amo.”

Rodrigo passou a defender que o vínculo com Alice já atingiu o nível de “namoro”, criando constrangimento para ela, que disse:

“Semana passada ele começou a namorar com uma menina. Eu nunca quis colocar nenhum rótulo no nosso relacionamento, entretanto é um vínculo muito profundo e estável - a gente se vê com frequência - mais do que ele e a menina que é de Brasília. Ontem a gente conversando contei que não queria colocar nome numa coisa que já existe, e eu vi que nas conversas no Facebook na ‘Pratique Poliamor’, ele disse que tem duas namoradas - não sei se eu quero colocar as coisas nesse ponto agora, para ele é meio óbvio que é dessa maneira (...) Sinto que tô de alguma forma aprisionando alguma coisa. Para que nome? Ele fala ‘porque precisa, os conceitos servem para distinguir as fases do relacionamento que estamos. A gente já está numa fase do relacionamento estável e profundo e isso é namoro.’”

O conflito apresentado sintetiza duas concepções do Poliamor. Alice prioriza o valor da “liberdade” e da “singularidade” declarando não gostar de conceituações e rótulos. Rodrigo, em contrapartida, diz que afirmar que são namorados é uma forma de expressão da realidade e não uma “prisão”. A única regra implícita nas relações “poli” é o conhecimento de todos os envolvidos, não existindo uma padronização dos relacionamentos. Os nomes mais usados são: “amizade colorida”, “relacionamento aberto” e “namoro”. Para designar o relacionamento, usam-se termos como “parceiro” e “companheiro”, mas também “namorado”. A variação terminológica e a quase inexistência de regras fixas, também são reflexos da valorização da autonomia para que todos possam construir seus relacionamentos nos moldes desejados.

2.2.1.2-Sobre segredos

Nas definições de Poliamor está que todos os envolvidos devem ter conhecimento um dos outros, sendo a “sinceridade” um dos ideais mais importantes. Tendo em vista que a “autonomia” é ainda mais valorizada, proponho refletir sobre como os poliamoristas conjugam esses valores. Tudo deve ser dito? É preferível compartilhar informações sobre outros relacionamentos? Há alguma dimensão de segredo a ser preservada?

Alguns dizem que gostam de conversar sobre outros relacionamentos. Rodrigo diz: “Adoro conversar sobre os casos das minhas namoradas e sobre os meus com elas... pra mim, isso reforça o laço... não por isso me dar segurança, mas porque a gente tá se tratando como amigos”. Tatiana diz achar “sexy ouvir sobre outras experiências.” João diz que com sua namorada contava em detalhes as saídas:

“Não era uma obrigação, mas um perguntava para o outro se tinha conhecido alguém, se tinha rolado alguma coisa... Era mais um ‘compartilhar’. Eu gostava da sensação de me sentir tão íntimo ao ponto de ouvir dela como tinha sido uma ficada, uns beijos, uma transa. Hmmm... Ok, me dava tesão. rsss...”

Estes poliamoristas defendem que não somente é excitante compartilhar desejos e experiências sexuais com o parceiro, mas que isso provoca uma aproximação entre eles. Como se enfatiza continuamente a “singularidade” e a “liberdade”, contar “tudo” é uma forma de expressar o “eu” autêntico, sem máscaras sociais, pudores, controle e repressão.

Um bom contraponto ao papel do contar “tudo” pode ser feito com a pesquisa de Heilborn (2004) em torno de casais monogâmicos “igualitários”, onde essa troca de informações é vista como “controle” e “monitoramento” sobre o parceiro:

“Quando cessa ou diminui, de frequência esse fluxo de comunicados que permite o apoderar-se mútuo, ocorre a tendência a transformá-lo em objeto de discussão. Poderá tornar-se objeto de dissensões se um dos elementos da díade o interpretar como abalo da troca(...):o(a) parceiro(a) sente falta da permuta ou se sente ressentido da omissão de informações que se considera merecedor(a).(…) A escassez de tais conversas é interpretada pelos cônjuges como um desequilíbrio no sistema de trocas que a relação conjugal enseja e demanda.”(*ibidem*: 146)

Entre os poliamoristas, a ênfase do compartilhamento está no exercício de autonomia, em provar a ambos que uma relação não limita outras e que aquele que escuta é “compersivo”, capaz de se alegrar com a liberdade do parceiro. Para tanto, ressaltam que não

há regras para que se conte: “Importante é ter o espaço para falar e não a obrigação”, defende Renato⁵³ – ou seja, é a possibilidade de se “abrir”, e ser o que se é de forma mais genuína.

É importante ressaltar, entretanto, que não são todos os que defendem o compartilhamento. Alguns preferem conversar sobre certos assuntos apenas com amigos. Carol declara: “Sou da mesma opinião da Regina Navarro Lins: um relacionamento não é um confessionário...”. Hélio⁵⁴ diz achar deselegante citar nomes e que também não gosta de ouvir, por isso fala apenas em “termos mais conceituais”. Há os que dizem não achar excitante: “Na boa, se eu souber que o cara conta tudo e em detalhes eu ficarei inibida em sair com essa pessoa. Não peço para saber detalhes, não conto detalhes. Eu gosto de privacidade. Além do mais, evita que eu caia na tentação de ficar comparando.” Clara diz:

“Eu também não acho isso excitante. Não gosto de ficar ouvindo detalhes da vida sexual de ninguém. E o fato da pessoa contar os detalhes me incomoda, eu me sinto exposta. Não sei o que o cara vai contar, o que ele vai valorizar. Nunca gostei disso. Quando eu conhecia um carinha e sabia que ele ficava dando a ficha das meninas que ele saía eu passava longe, não curto esse tipo de publicidade. Nesse ponto eu sou mesmo careta.”

Enquanto a primeira posição vê o contar como uma forma de “ser eu mesmo”, a segunda vê como um risco sobre o “eu mesmo” que se pretende transmitir: “Não sei o que o cara vai valorizar”. O medo maior inside sobre os relatos das performances sexuais. A possibilidade de “dar a ficha”, como demonstra o relato acima, alude para uma concepção onde o sexual ocupa um papel privilegiado na produção da identidade. Cabe lembrar a afirmação de Foucault (1977), para quem a esfera sexual na modernidade é aquela que representa a “verdade do sujeito”. Ao mesmo tempo em que o compartilhamento de informações expõe o “eu mesmo” dos envolvidos, ele é posto em risco ao ser tornado público.

No XII Poliencontro do Rio de Janeiro o mesmo debate esteve presente. Enquanto uma poliamorista defendeu que os casais monogâmicos são marcados pela possessividade - dando como exemplo o compartilhamento de senhas – ela disse preferir manter sua “individualidade”. Roberta defende que essa é uma concepção burguesa de individualidade e que não vê motivos para preservar segredos de seus parceiros. Para ilustrar seu argumento conta uma relação que teve em grupo:

“Eu me relacionei com quatro pessoas e todo mundo tinha a senha de todo mundo. Nós éramos amigos e todo mundo se gostava, uma grande amizade colorida, todo mundo também podia se apaixonar por outras pessoas. Tudo começou porque o Sérgio jogava colheita feliz e queria a minha senha para jogar e eu dei, e eu comecei

⁵³ Renato declara ser morador de São Paulo.

⁵⁴ Não há informações disponíveis sobre o usuário.

a jogar e ele me deu a dele, e no fim das contas todo mundo tinha a senha de todo mundo pelos motivos mais bobos do mundo. O Sérgio nunca fez assim: ‘agora vou ver tudo que ela fez’, você não precisa de uma chave para ser respeitada, o respeito não vai por aí, se você precisa de uma chave, é porque já não tem respeito”

Roberta questiona a necessidade de uma “chave” para guardar aspectos secretos de si. Como tenho destacado, um dos discursos mais valorizados entre os poliamoristas é o da possibilidade de exercerem sua singularidade. A “vergonha” e o “ocultamento” são representados como condenáveis, limitadores e expressão de que se prioriza convenções sociais em detrimento da “liberdade”. Apesar das diferenças, fica nítida a valorização de poder ser o que se é, expressa, inclusive, na confissão daqueles que defendem o “segredo”: “Nesse ponto eu sou mesmo careta”.

2.2.1.3- Coabitação e distância

Alice defende que as diferenças incomodam mais nas relações monogâmicas, pois só se tem uma pessoa para compartilhar intimidade e prazeres. No Poliamor, ela afirma que a união ocorre apenas nas compatibilidades, podendo o que falta em uma pessoa ser alcançado com outros. Portanto, a expectativa em relação ao parceiro seria menor. Ninguém se sentiria cobrado, havendo mais espaço para agir naturalmente - “ser o que se é” – sem necessidade de se “moldar” ao parceiro.

Morar junto e até mesmo morar na mesma cidade foram apontados como entraves para se ter um relacionamento saudável. Roberta diz que parte do sucesso de seu relacionamento com Ricardo se deve ao fato de viverem em cidades próximas, sendo que o relacionamento com Otávio, por ambos morarem na mesma cidade e estudarem na mesma faculdade, é mais difícil: “Acho que a gente passa tempo demais junto, e que às vezes reproduzimos uma lógica meio monogâmica, psiquicamente desgastante, pressão de estar juntos sempre, às vezes fico constrangida, e acaba não sobrando tanto tempo para o Ricardo”. Alice também defende que a distância é uma vantagem em seu relacionamento com Rodrigo:

“Ele não me cobra nada, me deixa muito a vontade, me sinto muito confortável, nos vemos bastante, óbvio que nos veríamos mais se morássemos na mesma cidade, mas aí sim acho que a qualidade não seria a mesma, iam surgir muitos conflitos, como sei que ele fica com muitas pessoas, talvez eu sentisse que estaria sendo colocada em segundo plano, querendo vê-lo e ele não, mas como quando nos vemos é planejado isso não acontece.”

Sobre morar junto Roberta declara:

“Já acho complicado morar com minha mãe, quem dirá com um amante. Como para mim é importante ter espaço e tempo reservados para atividades que exerço solitariamente acho que iria me fazer infeliz, porque é uma estrutura que deixará esse tempo que dedico a mim muito reduzido, vou me sentir tolhida.”

Rodrigo diz ter dúvidas sobre coabitação. Por um lado teme os laços de dependência e, por outro, vê com bons olhos ter o convívio cotidiano. Diz que, caso venha a morar em uma mesma casa, será ao menos com duas pessoas, jamais com uma. Alice, que já foi casada, diz gostar muito de viver sozinha, ter seu espaço, sua liberdade, de ter tempo para praticar yoga, meditar, ler e cuidar da filha. Ela acredita não haver espaço para conviver com mais uma pessoa: “Legal poder sair e ver quando tá a fim, receber as pessoas na minha casa, mas convivência diária não, pode ser que daqui a 10 anos eu mude de opinião, mas nesse momento não faz parte dos meus planos.” O desejo de liberdade de Lucas faz com que ele vá além da crítica à coabitação:

“Atualmente estou sem ninguém. Penso muito em Poliamor, mas fico na dúvida em relação a qualquer tipo de relacionamento afetivo. A minha família não foi unida, quando meu pai era vivo havia brigas e desentendimentos entre meus pais, temos problemas com meu irmão. Fico com aquele receio, apesar de procurar o Poliamor, será que vai acontecer a mesma coisa que na minha família? As pessoas falam muito em casamento em viver o afeto, o amor, mas às vezes eu acho algo tão utópico, as pessoas por qualquer bobagem brigam, até em relacionamento de amizade há desentendimentos, talvez seja melhor nem me relacionar mais.”

Parecem existir duas razões para a valorização do relacionamento à “distância”. A primeira é a ênfase no ideal de autonomia que faz com que a proximidade seja vista como um risco para a manutenção da própria identidade - ou nos termos de Alice - fica mais difícil “ser o que se é”. A divisão de espaços em comum, rotinas e regras amedrontam poliamoristas que buscam ter liberdade para amar. A resistência à coabitação se deve à associação ao casamento, que é o principal modelo ao qual se contrapõem - associando-o à pura “representação”, em contraposição ao Poliamor, onde nenhuma identidade precisaria ser manipulada. O outro motivo é que a própria qualidade da relação está articulada à falta do outro. A presença permanente do parceiro não o coloca mais como uma possibilidade, sendo a expressão de um amor “excessivo”, “sufocante” e “limitador”.

2.2.1.4- Filhos

Helô compartilha com o grupo uma pergunta recebida em seu site sobre ser mãe “poli”: “Como seria a cabecinha dela vendo a mãe recebendo a cada dia um homem ou mulher diferente no quarto? Seria um ambiente hostil, violento para uma criança.”

Sheila diz que a mesma questão foi colocada em relação a pais separados, que ao se relacionarem novamente deixariam as crianças com dois pais e duas mães. Ela ressalta que em muitas estruturas familiares são inúmeras as pessoas que criam as crianças: tios, primos, avós, vizinhos etc. Portanto, apesar da criação de um filho “poli” fugir ao formato tradicional: “mãe, pai e filhinhos”, seria, apenas, mais uma forma “complexa” de criação dos filhos. Sheila diz que a preocupação com a “saúde mental” dos filhos é a mesma que acontece em relação aos pais homossexuais, como se o Poliamor e a homossexualidade fossem “doenças” capazes de “contaminar” os filhos.

Rodrigo argumenta que achar que um ambiente sem o referencial “pai e mãe” é um problema, é negar que o “modelo nuclear” é apenas uma das possibilidades de estrutura familiar. A criança, segundo Rodrigo, não tem uma noção pré-estabelecida de família e por isso não estranharia a estrutura “poli”. Para ele, ter uma “família múltipla” poderia ser, inclusive, um benefício para a criança que teria mais elos afetivos e mais referenciais, permitindo maior liberdade na construção de seus próprios valores. No XII Poli Encontro do Rio de Janeiro, Rodrigo defendeu a “criação coletiva” dos filhos, em que estes não seriam propriedade dos pais mas de toda coletividade.

Rodrigo e Lucas dizem não desejar ter filhos. O primeiro declara ser contra a “família” e caso venha a ter um filho será adotado: “só porque para ele vai ser pior estar sem pai e sem mãe do que qualquer outra coisa.” Lucas diz que não se realizaria sendo pai, que filho dá muito trabalho e que não tem vocação para isso. Alice tem uma filha e diz não querer ser mãe novamente. Roberta diz que pensa em ter filhos, mas ressalta que suas prioridades são outras:

“Acho que seria legal me reproduzir, mas não sei se gostaria de ser mãe, a cobrança da sociedade para que eu seja uma mãe convencional vai ser tanta, para embelezar, embonecar, todas essas coisas que são muito próximas no universo feminino, muito ‘frufu’, muito perfuminho, eu não gosto dessa coisa mais cor de rosa, não faz parte do meu universo de desejo (...) Se a sociedade me cobrar que eu tenha que assumir uma postura pública sobre meu Poliamor, no trabalho, na família, que ponha todas as cartas na mesa de forma declarada, estou disposta a fazer esse enfrentamento, mas do enfrentamento de ser uma mãe perfeita eu não tô disposta, prefiro abrir mão de ser mãe a ter que passar por isso”

Alice diz tentar criar sua filha de três anos de forma diferente, o que afirma ser uma luta solitária. Uma das coisas que mais a incomodam são as histórias de “contos de fadas” que envolvem “princesas adormecidas” à espera de um homem para salvá-las:

“Histórias machistas onde a mulher precisa do homem para ser alguém. Toda mulher carrega isso no subconsciente, pode ser super bem resolvida economicamente, mas chega uma hora que se desesperam: ‘preciso casar e ter filho’, várias amigas minhas chegaram perto dos 30 e pinta no inconsciente aquela coisa de ter filho”

Nos “contos de fadas” de Alice, a princesa se casa e namora com várias pessoas. A forma como tem introduzido o Poliamor à filha é através das alterações do conteúdo dos “contos de fadas”. O problema apontado por ela é que sua filha volta da escola com questionamentos: “não mãe ela tem que ter um namorado só.”

Alice declara não ter apoio da família; seus pais nem sabem de sua opção pelo Poliamor e o ex-marido não quer que ela apresente Rodrigo⁵⁵ à filha. Alice concorda em adiar a apresentação, mas quer que a filha cresça achando natural ser “poli”.

Ao perguntar aos entrevistados como criariam filhos fruto de relacionamentos “poli”, todos afirmaram que não teriam objeção em criá-los em conjunto e que não acham relevante saber de quem é o espermatozóide que fecundou o óvulo.

2.2.2-Questionando o limite do amor a dois

Como exposto no primeiro capítulo, são basicamente duas as formas de estrutura conjugal poliamorista, “relações interconectadas” e em “grupos”. A conjugalidade em grupo é representada por poliamoristas como o estágio mais desenvolvido de Poliamor, já que rompe com a premissa de que o amor é vivido apenas entre dois sujeitos.

As formas mais conhecidas de envolvimento entre mais de duas pessoas são em geral estritamente sexuais - como o “ménage a trois” e o swing. Nestes, não se perde a centralidade na díade, que é a unidade básica indispensável e o terceiro elemento ou o casal agregado é visto como mero apêndice sexual.

O movimento hippie é uma grande referência de crítica à concepção de que o amor é algo vivido somente entre duas pessoas. A comunidade Kerista é um dos casos mais conhecidos, em que chegaram a estar envolvidas 25 pessoas em um regime de

⁵⁵ Atual “companheiro” e um dos entrevistados.

polifidelidade⁵⁶. Em São Paulo, a revista Trip (24/10/2011) noticiou um grupo denominado “amoreba”, descrito como uma rede de amigos que compartilham experiências de amor, nudez e sexo: “Ciúmes, padrões estéticos e a própria ideia de amor romântico, exclusivo, são inevitavelmente colocados em xeque. E a medida final para que alguém assuma seu papel nesse difuso e bem conectado corpo coletivo é simples: a felicidade que tal entrega, tal desapego, gera.⁵⁷” A Rede Relações Livres (Rli) é outro grupo a defender relacionamentos amorosos fora do modelo de casal. Eles se concentram no Rio Grande do Sul e, segundo o site do grupo, contam com aproximadamente 90 integrantes⁵⁸. Recentemente, um integrante do “amoreba” entrou para o grupo Pratique Poliamor Brasil no Facebook. A relação da Rli com o Poliamor é mais antiga. Os dois grupos realizaram eventos conjuntos sob o lema da “não monogamia”⁵⁹.

A ideia de que o amor é vivido apenas entre duas pessoas é questionada por esses grupos. No Poliamor, mesmo havendo esta crítica, percebe-se que o casal é a estrutura predominante, inclusive a base para a construção de um grupo:

“Somos um casal bonito do NE, (...) conhecemos um casal do Estado vizinho de PE, e sentimos muita afinidade entre nós quatro e vimos que a proposta deles era idêntica à nossa no que se refere ao convívio sexual e claro, amoroso. Depois de conversarmos bastante nos conhecemos, de cara nos adoramos, fomos nos aprofundando na relação e cada dia crescia o nosso amor. O nosso amor a quatro é tanto que hoje chegamos à conclusão de que não podemos mais nos separar e que a nossa relação é verdadeira e que conseguimos conciliar nossas vidas e nossas famílias.”

“Eu fiquei com um amigo meu, pensando simplesmente em ficar, e me vi apaixonada por ele. Nesse momento vi que era possível amar mais de uma pessoa ao mesmo tempo. Meu marido me deu o maior apoio porque ele estava há anos tentando me convencer a viver um relacionamento de Poliamor. Acontece que, além de ficar novamente com esse amigo, eu desenvolvi um relacionamento com ele

⁵⁶ A história do grupo pode ser encontrada no site: <http://kerista.com/>

⁵⁷ Reportagem da revista trip sobre o grupo: <http://revistatrip.uol.com.br/revista/204/trip-girls/muito-amor-para-dar.html>

⁵⁸ O site oficial do grupo: <http://rederelacoeslivres.wordpress.com/about/>

⁵⁹ No mês de junho de 2011 realizaram o primeiro encontro nacional das “culturas não monogâmicas” em Porto Alegre. A aproximação entre os dois grupos tem levantado a discussão sobre suas diferenças. Segundo Rodrigo, coordenador da rede Pratique Poliamor Brasil, a Rede Relações Livres é uma modalidade de Poliamor que defende a total autonomia dos indivíduos. O Poliamor agregaria esta proposta, assim como incluiria outros formatos possíveis. No site Poliamor Brasil, Helô diz que a Rli se opõe à “conjugalidade” e à “exclusividade sexual e afetiva”, defendendo a autonomia individual em estabelecer o número de relações que desejam sem necessidade de autorização dos parceiros. O Poliamor, em contrapartida, pode ser favorável ao casamento, e em conceber a ideia de restrição e exclusividade aos membros da família: polifidelidade. Dois posicionamentos comuns foram definidos no encontro das “culturas não monogâmicas” e divulgados no site da Rede Relações Livres: a importância do Tantra para as formulações não monogâmicas e a crítica à determinação moral: “não terá mais de um parceiro sexual”. Por fim, foi determinada a criação de uma rede comum que unifique as “culturas não monogâmicas”, com blog, email, comunidade no Orkut e grupo no Facebook.

envolvendo mais duas meninas, ou seja, um quadrado, dentro do qual todos se amam, se respeitam e se relacionam livremente.”

No primeiro relato são dois casais que se uniram e, no segundo, um marido que “apoia” a esposa para viver outros amores. São mais recorrentes relações em grupo envolvendo mais de uma mulher. Em geral, isso ocorre em função da maior adesão feminina a práticas bissexuais, enquanto relacionamentos poliamoristas, em grupo, envolvendo mais de um homem, tendem a ser estritamente gays. Essa discussão será aprofundada no próximo capítulo. Cabe enfatizar que, apesar do Poliamor questionar o paradigma do amor a dois, tende a ser a partir de uma decisão do casal que os relacionamentos em grupo se constituem. É dos limites da vida a dois que emana essa forma de amor, da busca por vivenciar experiências mais amplas e abrangentes.

A seguir, apresento a relação a três de Alice e Rodrigo:

“Quando o Ro veio aqui, há duas semanas, veio a Cris de SP, eles já se conheciam de um encontro do Poliamor, eu sabia que eles tinham interesse um pelo outro, mas não tinha acontecido nada, ela viria na quinta e ele no domingo, ela iria embora no domingo, então coloquei uma pilha dela ficar um dia antes no Rio, eu queria que ela ficasse com ele lá, e rolou, quando ela veio para cá, ficamos também, e quando o Rodrigo chegou foi a experiência que tive de ficar as três pessoas juntas mesmo. Muita afetividade, eu gosto muito dos dois, foi uma experiência muito, muito, muito boa mesmo, ela ia embora no dia seguinte e nem foi, ficamos então dois dias assim, foi um sonho, perfeito.”⁶⁰

“Duas pessoas em relação e uma amiga em comum. Separadamente, mas com ciência, a amiga fica com cada um dos dois. Os três vão passar uns dias juntos na casa de uma das pessoas do casal... carinho, respeito, diversão atravessam os dias, uma felicidade genuína e nova é plantada e colhida em segundos, olhares e toques e conversas e beijos e abraços... sem cobrança, sem disputa, sem ciúme... pessoas que se gostam profundamente, sem medo de expressar, de ouvir, de deixar, de sentir... o frio acolhedor das montanhas úmidas... pouco tempo, mas para marcar a vida!!! :)”⁶¹

A forte associação do amor a dois e o fato de nunca terem se relacionado afetivamente em grupo fez com que vivessem essa experiência como uma forma de “libertação”, descrita em termos como “felicidade genuína”, “perfeição” e “sonho”. Apesar de existir um envolvimento amoroso anterior entre Rodrigo e Alice, todos tinham entre si algum tipo de relação. Segundo declarou Alice, Rodrigo e Cris tinham interesse um pelo outro apesar não terem concretizado, e Alice e Cris tinham uma “amizade” e a aspiração de também “ficarem”. A ênfase das descrições não esteve no casal - Alice e Rodrigo – Cris não foi vista como um

⁶⁰ Relato de Alice concedido em entrevista.

⁶¹ Relato de Rodrigo extraído do grupo do Facebook.

elemento “extra”. O episódio foi narrado como a articulação amorosa entre três individualidades “bem resolvidas”. O “relacionamento em grupo” é descrito como o “supremo” passo poliamorista, uma vez que é a partir dele que se rompe de forma definitiva com a monogamia e com o amor romântico.

2.2.3- A carreira poliamorista

As trajetórias poliamoristas analisadas têm diferenças significativas, em especial com relação ao período em que cada um rompeu com a monogamia. A seguir, apresento uma síntese do processo em onze etapas que abordamos ao longo deste capítulo. Vale destacar, entretanto, que nenhuma trajetória corresponde exatamente a esse modelo.

- 1- Desejo de se envolver com mais de uma pessoa ao mesmo tempo;
- 2- Traições e mentiras (ocultamento do interesse por terceiros);
- 3- Compartilhamento com os parceiros dos desejos e das traições;
- 4- Término ou tentativas de viverem “relacionamentos abertos” ou swing, mantendo o parceiro antigo como hierarquicamente superior (relacionamento primário e outros secundários);
- 5- Crítica à monogamia;
- 6- Sofrimento por ciúme e pela limitação da “liberdade” dos RAs e/ou do swing;
- 7- Questionamento desses limites e conhecimento do Poliamor;
- 8- Encantamento com a proposta e a dúvida na possibilidade de realização na prática;
- 9- Enfrentamento dos desafios: encontrar parceiros, controlar o ciúme, desenvolver “compersão” etc.;
- 10- “Faixa preta” poliamorista⁶²: vivência de amores simultâneos, sem hierarquizações e necessidade de autorização dos parceiros mais antigos;
- 11- Relacionamento em grupo (“sonho” poliamorista).

⁶² Expressão utilizada por um pesquisado e que será analisada no último capítulo.

Capítulo III: Percepções de si e construções de identidades

Neste capítulo pretendo analisar a construção da identidade poliamorista, de gênero e sexual entre os pesquisados. Será possível observar como esse processo é permeado por tensões, em decorrência do reconhecimento das categorias “poliamorista”, “homem”, “mulher”, “heterossexual”, “homossexual” e “bissexual” serem vistas como contraditórias aos anseios por liberdade e individualidade.

3.1-Identidades poliamoristas

Este tópico está dividido em três partes. Na primeira, analiso o conflito entre a busca por unidade e a afirmação das singularidades. Na segunda, me concentro na construção da identidade a partir da distinção em relação ao swing, ao “relacionamento aberto”, à poligamia e ao “amor livre”. Finalmente, analiso a identidade “poli” situada entre a igualdade, o estigma e a superioridade.

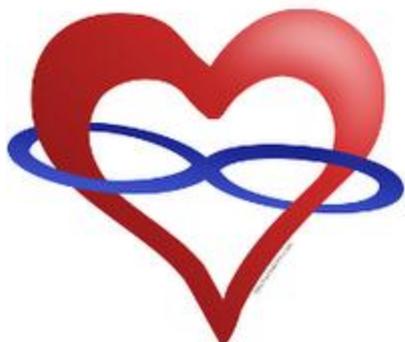
3.1.1- O nome “liberta” ou “aprisiona”?

Como já foi dito anteriormente, um dos passos da carreira poliamorista é o conhecimento do termo Poliamor. Há uma descrição deste momento como revelador e libertador, o que os faz desejar dar mais visibilidade ao Poliamor a fim de que todos possam se sentir mais “livres” para serem “polis”. Entretanto, a padronização de uma terminologia e o reconhecimento do pertencimento a um grupo de identidade acaba, paradoxalmente, produzindo o efeito contrário, fazendo com que muitos pesquisados se sintam presos a definições e conceitos criados por outros.

O primeiro indício de que o Poliamor não é apenas uma prática ou um ideal está na adoção do termo “poliamoristas”, utilizado para representar todos aqueles que acreditam na viabilidade de amar mais de uma pessoa ao mesmo tempo. Há, também, o Dia Internacional do Poliamor, 20 de novembro, além de inúmeros sites e redes sociais em diversos países que buscam divulgar e lutar pela aceitação da prática.

No blog Poliamores, Brenda defende que toda minoria busca se autoafirmar e que, por isso, precisa criar sua própria cultura e o orgulho de pertencer ao grupo. Conhecer seus símbolos e bandeiras é, para ela, uma maneira eficiente de se apresentar à sociedade. Brenda mostra 10 símbolos mundiais do Poliamor. O mais compartilhado no Brasil é o “infinitos

amores”, representado por um coração vermelho entrelaçado ao símbolo do infinito, sugerindo a possibilidade ilimitada de amores:



Há também uma bandeira oficial poliamorista:



Segundo Brenda, o azul representa a abertura e a honestidade entre os parceiros. O vermelho, o amor e o preto a solidariedade entre os que precisam esconder seus relacionamentos. O símbolo “pi” seria uma referência ao “p” de “Poliamor” e a cor dourada a representação do valor dado à amizade, ao companheirismo e ao amor em detrimento do sexo.

Os comentários que vêm acompanhados da postagem de Brenda sugerem a confecção de camisas utilizando os símbolos poliamoristas. Fica evidente, também, o desejo de que os ideais e as práticas do Poliamor ganhem mais visibilidade. No site foi postada uma mensagem intitulada: “Divulgue o Poliamor campanha!”, no blog: “visibilidade Poliamor”:

“Visibilidade é o processo de tornar algo conhecido. O Poliamor ainda é um movimento que a maioria dos brasileiros desconhece, ou se conhece acredita que é apenas um nome bonitinho para ‘putaria’. A visibilidade é importante a partir do momento em que é preciso ser reconhecido como um grupo social para conquistar direitos, e estes direitos podem ser tanto informais (como o respeito da sociedade) quanto formais (direitos de casamento ou adoção, por exemplo).”

Brenda tem algumas propostas para tornar “visível” o Poliamor. Divulgação de depoimentos de relacionamentos; uso dos símbolos; elaboração de vídeos para o “youtube”;

gravação em áudio (“podcasts”); composição de músicas; realização de livros, contos ou romances; criação de “poliencontros” e “paradas poli”; sugestão do tema a programas de rádio e televisão e interação com poliamoristas de outros países.

Brenda diz que é melhor ser “sutil” ao divulgar o tema, para não serem confundidos com “fanáticos religiosos”. Também diz que é melhor não provocar “confusões”, mesmo que as pessoas falem que Poliamor é “putaria”, assim como não reunir praticantes de swing, de “relações abertas” e de “amor livre” nos “poliencontros”. Por fim, defende que os poliamoristas sejam “ativistas” e não permaneçam apenas na divulgação.

A busca por visibilidade é facilitada pela mídia interessada no tema. Na comunidade do Orkut existem 22 fóruns de mensagem à procura de adeptos para entrevistas e reportagens. Em um dos tópicos intitulado “CASAL PARA PROGRAMA DE TELEVISÃO/RECORD”, a autora apresenta-se como assessora de imprensa, em busca de um casal adepto do Poliamor para conceder entrevista em um “programa de ponta” da emissora. O convite gera divergências entre os membros e a assessora, sendo o ponto principal do conflito a escolha por convidar um casal para representá-los se eles propõem outros formatos de relação. Para Felipe⁶³, não há o que “promover na rede do bispo... é bem provável que [os entrevistados] sejam achincalhados”. Após a insistência da assessora de imprensa, Felipe diz que o convite mostra além de ignorância, prepotência: “Então vai um casal representar uma filosofia que aboliu o formato ‘casal’, porque a produção mandou.” João, o moderador da comunidade, discorda de Felipe:

“Eu me afasto por meio dia da comunidade pra trabalhar e, quando volto, encontro uma hóspede nossa, jornalista, que veio oferecer mais uma oportunidade de falar do Poliamor ao mundo, ser recebida a pedras???. Estou abismado com tanta sabedoria e receptividade.”

Felipe diz não ser seu objetivo zelar pela “imagem da comunidade” e que se surpreende ao descobrir que a finalidade é “espalhar a palavra por aí”. Marcelo⁶⁴ argumenta que o objetivo é desfazer a péssima imagem que a sociedade tem sobre o Poliamor e permitir que muitas pessoas possam “sair do armário”. João diz que Felipe foi “grosseiro”, “agressivo” e “sarcástico” e finaliza: “controle o seu temperamento e modere suas palavras. Não vou tolerar dissensões na comu.” Tendo em vista a divergência, Felipe resolve abandonar a comunidade.

⁶³ A única informação divulgada é que ele é morador de São Paulo.

⁶⁴ Marcelo declara ser pintor industrial e viver em São Paulo com os filhos. Define-se como “heterossexual”, “apolítico” e com “um lado espiritual independente de religiões”.

Há um conflito recorrente nas redes sociais em torno de suas finalidades. Para alguns, é a expansão do Poliamor, “conquistando” novos adeptos. Para outros, é lutar pela possibilidade de ser diferente, sem o objetivo de “converter” ninguém. Há ainda aqueles que querem apenas conhecer outros poliamoristas. Os discursos do blog, do site e do moderador da comunidade do Orkut estão mais alinhados às duas primeiras perspectivas, buscando, em primeiro lugar, tornar conhecida e aceita a prática, para vir a ser uma possibilidade mais amplamente praticada.

Outro desdobramento do conflito unidade x singularidade é a necessidade de definir o status das relações e dos sentimentos. Na concepção de “Poliamor livre” - exposta por Helô - valoriza-se a recusa de definições como “casamento” e “namoro”, que aprisionariam os sujeitos, restringindo a liberdade. Há, ainda, poliamoristas que defendem que as relações não devem ter regras ou “rótulos”, já que seriam formas de “violência” e “opressão” contra os sujeitos:

“Não quero mais rótulos para mim, não quero que me avaliem ou julguem pelo meu status civil, ou de algum relacionamento meu [...] Não sofro dependência emocional não preciso me validar por uma aliança, uma relação ou um rótulo. Há pessoas solteiras por opção, há pessoas solteiras por falta de opção, eu sou solteira por convicção.” Alana à comunidade do Orkut.

A definição de Poliamor também é alvo desse debate. Para Reinaldo⁶⁵, membro da comunidade do Orkut, Poliamor é “estar absolutamente livre para sentir o que seja, livre de conceitos, de ideias formuladas por outros sobre o sentir e o amar”. Ele defende que se fuja da tentativa de classificar tudo, inclusive os sentimentos: “se acontece uma relação (olhar, contato, emoção) logo começa o processo de classificação. O que é isso? Porque sinto isso? Não podemos simplesmente sentir e SER?” Uma relação é poliamorosa, para ele, desde que dê espaço à liberdade e que esteja fora da necessidade constante de ser enquadrada em “moldes estáticos”, já que o amor é “completamente dinâmico e mutável”.

João, moderador da comunidade, defende uma posição distinta. Para ele, os conceitos ligados ao Poliamor devem ser muito bem definidos. Apesar de concordar que toda classificação é uma simplificação da realidade, é a partir dela que as pessoas se entendem. Defende, portanto, que padronizando o uso dos conceitos, as ideias podem ser defendidas de forma mais firme, garantindo “a identidade dos afins com a ideia fundamental”, permitindo propagar os ideais do Poliamor e romper preconceitos.

Alana fala do desserviço prestado pelas conceituações:

⁶⁵ Reinaldo declara ter 29 anos e ser professor de yoga.

“Eu me considerava mais poli antes de entrar para um grupo de discussão, porque vivi uma relação ‘poli’ sem stress, sem ter que conceituar e sem ter outras pessoas tentando padronizar e criar uma tese sócio-política do que eu vivo e faço (...) Homens e mulheres têm de ser livres, chega de pressão para que tenhamos que escolher um rótulo.”

Ela discorda do objetivo defendido por João de padronizar os discursos poliamoristas:

“Não me interessa muito a questão das nomenclaturas e regras ou de transformar o poli num movimento político e exigir que a sociedade reconheça o casamento poli ou que inventem uma lei para punir pessoas polifóbicas. Gostaria era de ter liberdade de viver meus relacionamentos em paz, sem ter necessidade de validar alguma forma, conceituar e racionalizar muito, para mim chega de teoria... na prática estamos muito distantes do que utopiamos.”

Maurício⁶⁶ é outro a questionar a identidade poliamorista e o objetivo do moderador da comunidade de padronizar os conceitos do grupo:

“Não sei se quero o carimbo de poliamorista ou outro ista, porque sou quem sou. Andei lendo e relendo muitos tópicos e muitas coisas dizem que eu poderia, sim, me encaixar em mais essa definição. Mas não vem o caso porque minha tribo é a dos inimigos da normalidade (...) Caso você [João] tenha um modelo de poliamorista bonitinho que se adeque às suas idealizações poste aqui. Quem sabe alguém tope se adequar, porque eu, caro, não calço bota de ferro de ninguém.”

Há uma crença entre os pesquisados de que categorias são prisões e identidades são ficções perigosas; o que é agravado quando estas categorias são vistas como impostas. Há, desta forma, um paradoxo na construção das identidades poliamoristas, onde simultaneamente os sujeitos desejam se afirmar como “autênticos” e “originais”, mas, a fim de se representarem socialmente, sentem a necessidade de se afirmarem como um grupo, o que, por sua vez, rompe com a singularidade. Alice expressa essa dificuldade com precisão. De um lado, é contrária ao emprego de “rótulos”: “Desprezo efetivamente tudo o que tenta me rotular, me petrificar, me inferiorizar ao nível de uma ‘coisa’”. E, de outro, vê a organização coletiva como indispensável para ter liberdade para viver o Poliamor:

“Não gosto muito de definições, rótulos, mas ultimamente eu tenho visto uma necessidade política disso, talvez seja um mal necessário que eu me afirme dessa maneira, para que todas as pessoas que estejam envolvidas no processo e que não sabem que existe esse tipo de relacionamento possam também viver de uma forma mais confortável, sejam mais toleradas na sociedade.”

⁶⁶ Maurício declara ter 49 anos de idade, ser viúvo e solteiro, morar em Bertogã (SP) com seus filhos, ter cursado Letras na USP sem ter concluído e trabalhar com projetos de sustentabilidade. Define-se como afetivo, compreensível, criativo, "libertário ao extremo" e praticamente vegetariano crudívoro. Suas atividades principais relatadas foram: o empoderamento, o autoconhecimento e a poesia.

Para Haritaworn e outros (2006), as vertentes poliamoristas “exotéricas” e, principalmente, as “autoajudas”, possuem um discurso despolitizado, um “individualismo abstrato” que, ao invés de criticar as estruturas de poder sobre etnia, gênero, sexualidade e classe, individualiza e psicologiza os processos sociais, enfatizando a capacidade individual de mudança⁶⁷. Barker e Langdrige (2010) afirmam que há um discurso político no meio “poli” que situa a monogamia em um regime patriarcal e capitalista, apresentando argumentos feministas, marxistas, anarquistas, pós-estruturalistas e *queer*, para fundamentar a escolha pelo Poliamor.

Entre os pesquisados, são encontradas críticas à “sociedade”, ao “machismo” e ao “capitalismo”, ao mesmo tempo em que se enfatiza o “autoconhecimento” e o “aprimoramento” pessoal. Estas duas tendências podem ser expressas a partir dos dados apresentados no início do trabalho, onde 55% dos pesquisados se definiram politicamente como: “socialista”, “libertário ao extremo”, “esquerda liberal” ou “anticapitalista” e 30% como “apolíticos”. Acredito, entretanto, que esta distinção (“políticos” x “apolíticos”) apresenta limites para a compreensão do discurso nativo. Como veremos na discussão sobre as identidades de gênero e sexual, a crítica de muitos pesquisados se concentra sobre a “política de representação”, sobre a necessidade e utilidade de se negar as diferenças em busca de unidade, sem, no entanto, se oporem à busca por transformação social. Pode-se, ao invés das dicotomias “político” e “apolítico” e “esotérico” e “auto-ajuda”, dividir os posicionamentos dos pesquisados em três:

- 1-“Autoajuda”(selfhelp) ou “apolítica”- A preocupação se concentra em resolver problemas práticos dos relacionamentos. Discurso focalizado no “eu mesmo”, pequena valorização do termo “poliamorista”;
- 2- “Política de representação” ou “política de identidade”- Defende a necessidade de construir um grupo de identidade coeso e com proposições políticas, como a legalização da união poliamorosa. Esta vertente está mais relacionada a discursos socialistas e feministas. Discurso focalizado na “igualdade”⁶⁸. Valorização do termo “poliamorista”;
- 3- “*Queer*” ou “anarquista”- Crítica à busca por representação social, defendendo uma política da “diferença”, sem identidades e sem pretensão de representação coletiva. Procura modificar

⁶⁷ “This ignores how emotions and desires are socially constructed in specific historical sites and power relations (Ahmed, 2004) (...) Such research argues that these books[self-help] set up new regimes of normativity, endorsing individualism at the expense of critiquing structural power relations around race/ethnicity, gender, class and sexuality. Haritaworn e outros (2006, p.520)

⁶⁸ Igualdade interna à categoria poliamorista, podendo, como veremos na última parte do capítulo, ser afirmada a superioridade sobre a monogamia.

as “estruturas sociais” a partir de ações individuais. Discurso focalizado nas “diferenças”. Crítica à categoria “poliamorista”.

A busca por uma identidade poliamorista, utilizando conceitos bem definidos e organizando uma plataforma de objetivos comuns ao grupo, se intensificou no ano de 2011. Em junho de 2011 foi criado o grupo “Juventude Pró-Poli”, em congresso da ANEL⁶⁹, que reúne estudantes de diversos estados do país. Nesse mesmo mês, João expôs, no Orkut, a busca por lavrar a primeira escritura de união “poliafetiva” do mundo, alegando já ter o suporte jurídico e estando apenas à procura de pessoas interessadas em formalizar suas uniões.

João divulgou no site Poliamor Brasil e no grupo do Facebook que, no dia 13 de fevereiro de 2012, foi lavrada a 1ª Escritura de “União Poliafetiva do Brasil!” entre duas mulheres e um homem, no Tabelionato de Notas de Tupã em São Paulo. Ao ser defendida a sua divulgação nas mídias, João argumenta que esta não seria uma ação “estratégica”:

“Vamos estar correndo o risco de, os que são contra nós, terem iniciativas que nos peguem de calças curtas (...) Por isto, eu acho melhor sermos cautelosos. A escritura nos motiva. Ela mostra possibilidades, ela nos faz acreditar (...) Precisamos constituir um movimento físico, presencial, algo socialmente organizado, precisamos nos aliar a outros movimentos sociais, conseguir apoio de quem já conseguiu espaço (...) Se isto cair na mídia agora, pode levantar fácil os setores conservadores tentando barrar nossa luta - e eles já são bem organizados dentro das casas legislativas.”

O grupo “Pratique Poliamor Brasil”, criado em 2011, tem o objetivo de organizar o movimento nacionalmente. O grupo tem a adesão das autoras do Blog Poliamores e do site Poliamor Brasil, do moderador da comunidade do Orkut, e do “Poli Rio”, que como divulgado no site, a partir de Julho de 2011, está “em nova fase, agora ligado diretamente à Rede Pratique Poliamor Brasil. Passando além de um espaço de socialização, a ser de Apoio, Autoconhecimento e Militância”. Esta rede é distribuída em duas coordenações, a do Rio de Janeiro e a de São Paulo. Existe expectativa de serem abertas, em breve, coordenações em outros estados brasileiros.

Após a realização das entrevistas com cinco⁷⁰ integrantes da rede Pratique Poliamor Brasil, fica evidente a dificuldade de se atingir o objetivo proposto – unificar a luta pela legitimação do Poliamor. As divergências internas são tão expressivas que paralisam as lutas. Rodrigo, após ter abandonado a coordenação em função de conflitos com uma das integrantes da rede, resolveu retornar quando a mesma integrante se afastou. Helô declarou que pretende

⁶⁹ Assembleia Nacional dos Estudantes – Livre. O site da entidade é: <http://www.anelonline.org/>

⁷⁰ A quinta entrevista foi realizada com Helô, autora do site Poliamor Brasil.

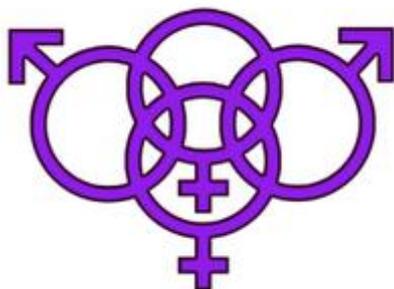
abandonar a coordenação e que, inclusive, tem a intenção de apagar seu site. Ela diz também que Brenda, do blog Poliamores, foi outra a sair do grupo. Como tem sido enfatizado, a construção de um grupo poliamorista coeso torna-se um grande desafio já que a centralidade no valor da “singularidade” dificulta a convivência com aquilo que os diferencia.

3.1.2-Definindo o Poliamor a partir de oposições e aproximações

A oposição básica ao Poliamor é a monogamia. Entretanto, outras formas de conjugalidade também são apresentadas como oposições: o “swing”, o “relacionamento aberto”, a “poligamia” e o “amor livre”.

3.1.2.1- Poliamor x swing

Na apresentação dos símbolos poliamoristas, no blog Poliamores, é exposta uma imagem não poliamorista. Segundo Brenda: “faz parte do processo de identificação saber reconhecer aqueles [símbolos] que não são Poliamoristas”. O emblema escolhido é o do swing: dois símbolos femininos entrelaçados a dois masculinos:



A oposição entre swing e Poliamor é encontrada nas quatro redes sociais analisadas. A comunidade do Orkut apresenta 71 postagens em um único debate sobre este tema. Os poliamoristas sentem-se ofendidos pela comparação com o swing - e pela atribuição de sua filosofia a qualquer espécie de “libertinagem sexual”. Eles defendem elos emocionais estáveis e consideram o swing uma troca sexual sem envolvimento afetivo. Os vínculos de amizade, segundo João, são raros e desnecessários no swing, tendo em vista que o objetivo é a “pura satisfação carnal momentânea”. Ainda segundo o moderador da comunidade, os “swingers” restringem o amor à relação do casal: “Amor, a gente faz em casa (diriam)”. O ato sexual,

para João, pode ser um ato de amor, se os envolvidos assim o experimentarem, só que, para ele, isso não ocorre no swing.

No blog Poliamores, o swing é descrito como uma forma que o casal encontra para fugir da monotonia de sua relação, acrescentando parceiros em suas experiências sexuais. Para Brenda, o casal não deixa de ser monogâmico, uma vez que as aventuras sexuais são feitas sempre com os parceiros presentes. Apesar das distinções, ela ressalta que as duas modalidades podem coexistir. Os poliamoristas que praticam swing são chamados de “poliswingers”. São “famílias” poliamoristas que buscam casais ou outras famílias para terem experiências sexuais, sem se envolverem emocionalmente - ou seja - sem buscar novos integrantes à “família” poliamorista original.

3.1.2.2- Poliamor e “relação aberta”

Outra distinção que os poliamoristas buscam fazer é entre “relação aberta” e Poliamor. Para Brenda, no “relacionamento aberto” os desejos por outras pessoas são vistos como incontrolláveis. A liberdade adquirida é sexual, mantendo o “sentimento” restrito ao parceiro. Segundo ela, três regras principais regem este tipo de relacionamento: “não ficar com as mesmas pessoas”, “não escolher pessoas do próprio círculo social” e “obter aprovação do parceiro e relatar suas saídas”. A distinção entre “relação aberta” e Poliamor é, como no caso do swing, o não privilégio da esfera sexual e da estrutura como casal.

Em outra concepção do termo, os relacionamentos poliamorosos podem ser chamados de “abertos”, desde que seja permitido aos parceiros amarem outras pessoas. Nesta perspectiva, há uma oposição entre “Poliamor aberto” e “Poliamor fechado”, onde rege a polifidelidade.

Em linhas gerais, o pressuposto básico do “relacionamento aberto” é a possibilidade de envolvimento afetivo ou sexual com outros além da parceria estabelecida. No caso dos “relacionamentos abertos” não poliamoristas, como sugere Brenda, é o desejo sexual que é “liberado”. Já nos relacionamentos poliamoristas abertos há a possibilidade de se viver outro amor, tão intenso ou maior do que o que se vive.

3.1.2.3- Poliamor x poligamia

O maior desafio na construção da identidade poliamorista é o de se distinguir da poligamia, que, por ser um conceito muito mais conhecido, faz com que a associação seja

inevitável. O termo poligamia é muitas vezes usado como sinônimo, inclusive entre poliamoristas, sendo ainda mais recorrente a identidade poliamorista ser precedida pela “poligâmica”, ou seja, antes de se ter conhecimento do Poliamor as pessoas se definiam como “polígamas” passando, então, a “poliamoristas”. É inevitável pensar também que um número razoável de pessoas se definiam, hoje, como polígamas sem jamais terem ouvido falar no termo Poliamor - apesar de para os poliamoristas algumas destas também praticarem Poliamor.

A primeira distinção encontrada no blog e nas discussões no Orkut, é que a poligamia se refere a um homem que se casa com várias mulheres (“poliginia”) ou uma mulher que se casa com vários homens (“poliandria”), ou seja, há apenas um polígamo na relação. Em contrapartida, é a possibilidade de que ambos, tanto homens quanto mulheres, possam ter múltiplos relacionamentos que configuraria um Poliamor. Enquanto o Poliamor pressuporia um contexto de equidade entre os gêneros, a Poligamia seria marcada por hierarquias.

Outra diferença apresentada no blog é a de que uma relação poliamorosa permite não apenas a possibilidade de múltiplos relacionamentos a dois, mas também “relacionamentos em grupo” ou “em famílias”, dependendo da terminologia utilizada.

Duas outras formas de distinção são encontradas no Orkut. Uma delas, apresentada por Sheila, destaca o Poliamor como a possibilidade de sentir amor por várias pessoas e a poligamia de ter vários parceiros sexuais. João, moderador da comunidade do Orkut, discorda desta posição argumentando que, caso Sheila estivesse certa, tanto um mórmon quanto um árabe praticariam Poliamor desde que amassem suas mulheres. Ele afirma que é a possibilidade tanto de homens quanto de mulheres amarem mais de um parceiro que diferencia o Poliamor da poligamia. A outra distinção encontrada é apresentada por Pedro, para quem a poligamia se refere à possibilidade de vários casamentos e não de vários amores. No Poliamor, o casamento é algo indiferente e o que conta é o envolvimento afetivo. Brenda acrescenta que o Poliamor não é um relacionamento necessariamente, como o é a poligamia, dizendo respeito apenas à possibilidade de sentir amor por mais de uma pessoa.

3.1.2.4- Poliamor e “amor livre”

O “amor livre” é considerado no blog Poliamores como uma forma de “libertação das leis que governam o amor romântico”. Este movimento, de influência anarquista, criticaria o papel que instituições como o Estado e a Igreja desempenham na constituição do casal. O “amor livre” defenderia o relacionamento sem a utilização de “rótulos”, como “namoro” e

“casamento”, refutando a necessidade de formalização da relação. Segundo Brenda, os poliamoristas adeptos do “amor livre” são contra a instituição do casamento e contra qualquer outra lei ou convenção para os relacionamentos amorosos.

O tema ganha especial destaque no site “Poliamor Brasil”. Helô se define como anarquista e coloca, em seu site, o “Poliamor” e o “Amor Livre” juntos, através do conceito de “Poliamor Livre”. Ela defende que os envolvidos em um relacionamento “não devem se prender a nomenclaturas”, já que “não há nada mais gostoso do que não conseguir nomear uma relação”.

É recorrente encontrar usos do termo “amor livre” como sinônimo de Poliamor, tal como acontece com a poligamia. O “amor livre” é um conceito mais difuso, sendo concebido como diferentes críticas à moral amorosa burguesa - com enfoques que variam desde a repressão sexual, a dominação masculina, a instituição do casamento, a homoafetividade, até mesmo a monogamia, apesar de não necessariamente. Os poliamoristas, apesar de compartilharem dessas mesmas críticas, têm como elemento norteador a possibilidade de amar várias pessoas ao mesmo tempo. O conceito de “amor livre” ficou mais conhecido por meio dos movimentos de “contra cultura” das décadas de 1960 e 1970, enquanto o Poliamor ainda é bastante desconhecido, talvez em função do termo ter sido criado apenas na década de 1990.

3.1.3- Identidade “poli”: entre o relativismo, o estigma e a superioridade

Vimos no capítulo anterior as dificuldades enfrentadas pelos pesquisados de se declararem “poli”. A “diferença” que representam pode ser classificada como “inferior”, “superior” ou “igual” - sendo em torno dessas possibilidades que se constrói a identidade poliamorista. O discurso que enfatiza a “igualdade” entre “diferentes” é uma tônica nos movimentos LGBT e feminista, já o de superioridade/inferioridade é mais comum em discursos religiosos ou políticos. Ambas as dimensões estão presentes de forma conflituosa entre os pesquisados.

Quando se enfatiza a percepção hierárquica das identidades, aparecem as práticas da “monogamia”, “swing”, “relacionamento aberto” e “Poliamor” dispostas em uma escala evolutiva - estando a “monogamia”, para os pesquisados, no estágio menos desenvolvido - por envolver em maior grau: ciúme, competição, controle, posse e mentira. Já o Poliamor, para eles, representaria o ápice evolutivo da escala estando articulado à liberdade, igualdade, cooperação, “compersão” e honestidade. Nesta lógica, funda-se um binarismo identitário -

onde a monogamia é o “outro absoluto” do Poliamor e o “relacionamento aberto” e o “swing” o “entre lugar”, reunindo características contraditórias de ambos.

Como sugere Bento (2006), parte do processo de identificação é a contraposição a outros grupos ou práticas e a constituição de margens que delimitam essa separação:

“Talvez o que dê ‘identidade’ à identidade seja essa capacidade de, mediante pontos de identificação, gerar as margens, ressucitar os seres abjetos por meio dos discursos, para voltar a matá-los por meio de insultos e de outras evocações prescritivas preservando a minha identidade de contaminação.” (*ibidem*: 205)

O risco de “contaminação” monogâmica é permanente, em especial porque os poliamoristas já foram monogâmicos. Sentir ciúmes, competir por amores e buscar torná-los exclusivos representam os principais perigos para ultrapassar as “margens”. Há que se destacar, entretanto, que o processo de construção da identidade poliamorista não se formula em termos tão fixos. Por um lado, o Poliamor representa apenas um conjunto de ideais amorosos, podendo, inclusive, aqueles que se definem como poliamoristas jamais o terem vivido. Nesse sentido, há uma tensa conexão entre elementos contraditórios. O sujeito identifica sua vida como monogâmica, mas aspira que não seja, o que gera culpa, frustração e até mesmo vergonha. Em alguns casos consegue adotar determinados elementos associados ao Poliamor, em especial, gradações variáveis de “autonomia” e “sinceridade”, possivelmente vivendo um “relacionamento aberto”. Eles reconhecem sua posição ambígua, já que, por um lado, não estão tão limitados quanto os “monogâmicos” e, por outro, não estão tão “realizados” quanto os “poliamoristas”.

É importante ressaltar que são diferentes os lugares ocupados pelos pesquisados entre o “Poliamor” e a “monogamia”.

Alfred Kinsey (1948) defendeu que os comportamentos sexuais têm variações consideráveis entre o grau máximo de “homossexualidade” e “heterossexualidade”, sendo irreal a divisão dos indivíduos em dois grupos sexuais estanques. Nessa linha, pode-se afirmar que ninguém é absolutamente “poliamorista” ou “monogâmico” e que estes termos correspondem apenas a princípios binários de organização da realidade, combinados de forma singular em cada trajetória de vida.

Butler (2010) argumenta que não há uma versão “original” do “heterossexual”, o que permite pensar que há apenas cópias parodiadas de uma noção do poliamorista “puro” e “autêntico”. Desta forma, devemos considerar o processo de construção das identidades poliamoristas como carregadas de ambiguidades e incoerências já que ao mesmo tempo em que reforçam a dicotomia monogamia/Poliamor, expõem seus limites em suas práticas.

Entre os poliamoristas que afirmam sua superioridade, é defendido que o Poliamor se torne a nova estrutura legítima de relacionamentos. Sigmund, dono da comunidade do Orkut, é um dos que defendem esta posição. Ele afirma que ao anularmos a monogamia estaríamos livres de boa parte dos problemas conjugais. Rodrigo não acredita que o Poliamor possa se tornar majoritário em uma estrutura social capitalista. No máximo, conquistará visibilidade e um número razoável de adeptos. Ele defende que será somente em uma sociedade “superior”, em um “regime comunista”, que o Poliamor poderá se tornar a base hegemônica dos relacionamentos afetivos. Já Brenda argumenta que muitas pessoas não se sentiriam bem em uma relação “poli”: “Isso deve ser compreendido e não pensar que ela age assim porque está sendo imposta ou é insegura ou ciumenta. Na minha visão, a monogamia não é errada em nenhum sentido. Relacionamentos diferentes atendem a pessoas de necessidades diferentes.”

Bernardo⁷¹ também não vê problema na exclusividade “mutuamente consentida”. Gabriel concorda: “Acho que, assim como o poliamor é uma opção, as relações monogâmicas também são. Não existe uma forma de relação melhor que a outra. Ambas são válidas. Isso é que é o bacana, temos um mundo cheio de opções!” Nana diz que não se deve cair na “ditadura do poli”. Rogéria: “Claro. Vamos derrubar a intolerância deles e impor a nossa, por que não?” Já Rodrigo defende que é necessário enfrentar radicalidade com radicalidade: “Vamos derrubar a intolerância deles sendo intolerantes com a intolerância deles.” Rodrigo diz para Rogéria:

“Você está sendo intolerante com a intolerância de quem é intolerante com a intolerância... Basicamente: a intolerância deles oprime grupos e pessoas. A nossa serve para enfrentar no mesmo nível essa opressão e libertar os oprimidos dela. Bater em quem bate em homossexuais não é a mesma coisa que bater em quem bate em quem bate em homossexuais.”

Para ele não se deve considerar todas as opções igualmente válidas, sendo, portanto, fundamental combater a exclusividade amorosa e a homofobia. Seria necessário estabelecer uma hierarquia entre as visões, e o Poliamor seria a representação desse estado mais avançado de relacionamento afetivo. Já os poliamoristas contrários a qualquer forma de “intolerância”, partem de uma argumentação que se assemelha ao relativismo cultural propagado pela antropologia no século XX - onde não é possível afirmar que uma moral é melhor que outra, todas as práticas e significados humanos são tratados como iguais. As diferenças são

⁷¹ Bernardo declara ser morador de Natal (RN), ter 22 anos, viver uma “amizade colorida” com uma mulher, ser “bissexual” e ter feito faculdade na UFRN.

abstraidas, ressaltando o aspecto que as unifica: são todos pontos de vistas, caminhos, possibilidades.

Este posicionamento é bem expresso por Gabriel a partir de uma música de Raul Seixas:

"É a chave que abre a porta
Lá do quarto dos segredos
Vem mostrar que nunca é tarde
Vem provar que é sempre cedo
E que prá todo pecado
sempre existe um perdão
Não tem certo nem errado
Todo mundo tem razão
É que o ponto de vista
É que é o ponto da questão"

O discurso centrado na “diferença” pode afirmar a “inferioridade” – o que ocorre na descrição de como os poliamoristas são recebidos por monogâmicos – ou a “superioridade”, como nos depoimentos apresentados. Há, em todo caso, uma disputa em torno dos significados de ambas as práticas, como mais válidas e louváveis do que as demais. Cardoso (2010) menciona uma tentativa de “hegemonização” da moral poliamorista para todas as relações de intimidade. Wilkinson (2010) fala em “polinormatividade”. Haritaworn e outros (2006) denominam de “fantasias narcisistas” a busca poliamorista de ajudar os “sexualmente marginalizados”.

Portanto, é possível destacar dois conflitos principais em torno da formação da “consciência poliamorista”. O primeiro que se refere ao tipo de relação estabelecida com a monogamia, superioridade/inferioridade ou igualdade. E o segundo que diz respeito à maior ênfase em torno da afirmação da “autenticidade” dos indivíduos ou da importância política em se afirmar como grupo.

3.2- Identidades de gênero: igualdade ou extinção?

Há uma condenação consensual entre os pesquisados do “machismo”, considerado uma característica própria à monogamia e à poligamia. Duas são as divergências encontradas no grupo em relação ao tema. A primeira, em torno da definição das responsabilidades e dos prejuízos, e a segunda, sobre as estratégias de combate.

Maria e Alana responsabilizam os homens pelo “machismo”. A última declara: “homens querem ser poli com a mulher dos outros. Infelizmente muitos não sabem lidar com a mulher de igual para igual... ou a veem como mãe ou como objeto.” Andressa acha que é

fácil para o homem ser “poli”. Thiago, Rodrigo e Reinaldo discordam, o primeiro diz que a dominação entre os sexos é restritiva para ambos, e o último, que os homens também são prejudicados pelo “machismo”:

“... Somos ensinados a não chorar, a não demonstrar fraqueza, e principalmente a COMPETIR. Logo, eu tenho que ser mais viril, mais ‘esperto’, melhor de cama e dar mais prazer à mulher que qualquer outro homem. (...) Pra uma criança educada nesses termos, se abrir para o amor de forma mais ampla; ou seja: Se eu amo uma pessoa eu quero que ela seja Livre é bem difícil (...)”

Enquanto João, defensor do feminismo, afirma que só há (poli)amor em contexto de igualdade e que os homens são machistas:

“Igualdade não é barganha. Igualdade é o mínimo necessário para o estabelecimento de relação, a base a partir da qual se constrói diálogo. Não vamos nos isolar numa bolha e achar que o homem atual não é machista e que não está inserido num contexto de opressão do afeto e da sexualidade. Estamos longe de uma igualdade nos relacionamentos.”

Maurício defende que reciprocidade é “comércio” e que se deve recusar o generalismo feminista:

“Vim aqui novamente recusar o uniforme de representante do mundo macho. Não, não faço parte da regra, também não sou a exceção. Talvez, muitas mulheres não saibam como oprimem os homens diferenciados quando cortam todas as cabeças com a mesma lâmina! (...) Fuzilar todos os homens como tranqueiras incapazes de unirem sexo e afeto fazia mais sentido, hoje não é mais regra. Minha geração sofreu muito por conta desse feminismo de guerrilha. Muitas mulheres perderam o melhor da festa porque foram criadas para competir, não para amar. Trocaram afetividade por poder. Será que feministas de carabina que só enxergam cafajestes em tudo que se move podem dar aula de afetividade?”

A divergência exposta acima expressa duas concepções recorrentes no universo “poli”, a primeira que defende a utilização dos termos “homem” e “mulher” com o argumento de que elas sofrem uma dominação histórica e que, portanto, é necessário identificar os “agressores” e as “vítimas” a fim de lutar por “igualdade”. A outra perspectiva critica a utilização desses termos por considerar que são um perigoso englobamento de práticas e indivíduos únicos. Nesta lógica, o feminismo, em nome do ideal de igualdade, troca “afetividade” por “competitividade” e, ao invés de aproximar os homens das mulheres, acaba por diferenciá-los ainda mais.

Na década de 1990, nos Estados Unidos, o mesmo debate em torno das identidades coletivas esteve presente nos movimentos gay e feminista. A posição da teoria e política *Queer* é subverter e desestabilizar a dicotomia “masculino” e “feminino” legitimando os trânsitos e o “entre - lugar”. Nesta, a crítica se concentra sobre o sistema binário de

classificação do sexo e do gênero, apontando para a artificialidade e as mazelas trazidas por essas fixações identitárias⁷². Outra posição dentro do movimento gay e feminista afirmaria a estabilidade identitária e o binarismo sexual buscando romper apenas com os seus estigmas.

Alice e Roberta dizem que questionaram o seu pertencimento à categoria de mulheres. A primeira, após um período de “crise”, diz que iniciou um processo de “libertação” dos valores sociais a fim de assumir o “controle” de “si mesma”:

“TENHO SEDE DE LIBERDADE. Quero estar comigo, no controle de mim mesma (...) Desprezo efetivamente tudo que tenta me rotular, me inferiorizar ao nível de uma “coisa”: não sou homem, não sou mulher, não sou feminina, não sou “coisa” alguma, sou sendo, sou muitas, sou vontade e sou história.”

Roberta declara ter questionado a oposição “masculino” e “feminino”. Ela participa de debates sobre a teoria *Queer* e pós-gênero e critica o feminismo “essencialista” por articular identidade de gênero ao “biosexo”:

“Lutar pela liberdade da mulher em si está fadada ao fracasso, porque se ser mulher é submeter um corpo que tem útero a uma série de processos culturais que transformam esse corpo em mulher, e se o gênero mulher é aquilo que por definição serve ao outro gênero que é o homem, então o próprio processo biopolítico de investimento cultural sobre o corpo uterino, que é o que gera o sujeito mulher, já é dominação. Então a teoria Queer ela age sobre a raiz do problema e não sobre o problema tal qual já está estabelecido.”

Ao ser questionada se acha que é “mulher”, ela responde que não, e que se considera como transgênero:

“Não me identifico com os papéis que são reservados ao meu corpo nessa cultura, apesar de considerar que a indumentária feminina é muito mais interessante, mais colorida que a masculina, o comportamento feminino, os trejeitos, a performance, a prostração de voz, sempre achei tudo isso um saco, sempre gostei mais de jogar vídeo game e correr na rua, ficar com outros meninos, nunca me identifiquei com a figura da mulher (...) Eu me relaciono com elas de forma a pegar coisas do mundo do modo mais transgressor possível em relação à forma como a sociedade pressupõe a utilização desses objetos.”

Roberta diz que desde os cinco anos de idade “bagunçava” a relação entre masculino e feminino, apesar de, no início, não ter sido um processo voluntário. Ela declara que não

⁷² Cardoso (2010), Klesse (2006) e Barker (2010) analisaram a relação entre movimento *Queer* e Poliamor. Para Cardoso (2010), a aliança se dá no questionamento das “certezas” da identidade. Para Barker (2010) há um potencial *Queer* na prática poliamorista de desestabilização das dicotomias: promíscuo e não promíscuo, amor e sexo, amor e amizade, público e privado e até mesmo a Poliamor e monogamia. Klesse (2006) minimiza a tendência *Queer* do Poliamor, afirmando que são mantidos binarismos identitários, em especial a oposição: promíscuos x não promíscuos.

gostava de estar no meio de meninas e que costumava brincar de “dinossauro”, “RPG” e de andar de bicicleta. Sua revista favorita era “O Conan”, e o personagem de inspiração era o próprio Conan, que andava a cavalo, atacava dragões e resgatava princesas. Do universo feminino “pegava só as coisas que interessavam mais”. A entrevistada parece valorizar mais os atributos articulados ao masculino. Este fato se torna mais evidente quando fala do primeiro livro que a encantou:

“O Senhor dos Anéis. Era um universo sem mulheres. Sem pieguice, sem ‘mela cueca’, sem pessoas perdidamente apaixonadas, pessoas a cavalo, lutando contra monstros (...) Certas características que são construídas e atreladas ao gênero feminino não fariam nenhuma falta no mundo. Mulheres são criadas para serem dependentes, eu acho que ninguém deveria ser criado para ser dependente. Embora isso sempre soasse estranho eu fui educada a crer que eu não era um ser completo até encontrar a minha contra parte, minha cara metade. Acho péssimo, acho que as pessoas devem se ver como seres humanos completos, que se complementam umas nas outras.”

Para ambas as pesquisadas assumir a identidade feminina não resulta benefícios, já que o feminino está associado, dentre outras características, à “dependência”, à “fraqueza” e à “submissão”. Ambas dizem ter como objetivo serem “elas próprias”, e de estarem no comando de “si mesmas” e que isso passa pelo questionamento da divisão binária homem e mulher e da necessidade de se enquadrarem em uma classificação.

Como destacado ao longo do trabalho, a construção da identidade entre poliamoristas é paradoxal, tendo em vista que o principal objetivo é o de se “desaprisionar”, ou seja, permitir que se possa “ser” o que se deseja sem a necessidade de enquadramentos, fixações e categorizações, entendidas como opostas à “liberdade”. Abre-se, entretanto, exceções, em especial ao se assumir “poliamorista”, por acreditar ser essa uma identidade necessária a fim de atuar politicamente na sociedade. Já a identidade feminina é entendida pelas pesquisadas como limitadora.

A crítica ao “feminino”, analisada a partir do discurso das duas poliamoristas entrevistadas, pode dar uma falsa impressão de um “culto ao masculino”. Há uma crítica ainda mais acentuada ao universo masculino, por associá-lo à “dominação”, à “hierarquia”, à “competição” e à ausência de afetividade. Essa visão torna-se mais clara quando nas discussões sobre gênero nas redes sociais é defendido o fim do “patriarcado” e o desenvolvimento de um modelo social focado na feminilidade, portanto “horizontal”, “plural” e “circular”, chamado por alguns de “ginocrático” ou “matrista”.

A crítica aos tradicionais papéis sociais atribuídos a homens e mulheres divide-se em duas: a primeira, que defende o “feminismo” e a conquista de direitos das mulheres e, a

segunda, que critica a distinção “homem” e “mulher” e luta contra a definição de pessoas em identidades de gênero. Os termos utilizados para designar essa ruptura são “*queer*”, “transgênero” e “androginia”. O último é tema de um fórum de discussão no grupo do Facebook:

“Há sinais de que caminhamos para o fim do gênero sexual. A androginia refere-se a uma maneira específica de juntar os aspectos ‘masculinos’ e ‘femininos’ de um único ser humano. É possível que, num futuro não muito distante, com a dissolução da fronteira entre masculino e feminino, as pessoas escolham seus parceiros amorosos e sexuais pelas características de personalidade, não mais pela condição de serem homens ou mulheres.” (Regina Navarro Lins, 2010: 13)

A partir desse trecho do livro *Cama na varanda*, de Regina Navarro Lins, Lico inicia um debate com os demais poliamoristas. Para Rodrigo, esse não é o único caminho e, para Renata⁷³, trata-se de um processo lento de transição. Andressa acredita que “tudo pode permanecer igual ou até retroceder”. Entretanto, os três consideram essa transformação louvável. Rodrigo diz que acha uma “boa apoiar o processo”, Renata que torce pela mudança e Andressa que apoia há anos, tanto a androgenia, quanto o Poliamor: “é bom fazer parte deste momento histórico e mais ainda fazer parte ativamente.”

Marcos concorda que há uma tendência para que as escolhas amorosas sejam feitas levando-se em consideração a personalidade e não o gênero, mas defende a escolha e não a imposição de um novo modelo. Rodrigo diz que “não podemos considerar todas as coisas igualmente válidas”, porque assim aceitamos a opinião de machistas, racistas e homofóbicos: “A manifestação da opinião deles destrói vidas, portanto não vale.” Para Rodrigo, a importância de se apoiar a luta contra o gênero sexual é por considerá-lo uma limitação, contraditório à liberdade. A posição de Marcos de que toda forma de “expressão verbal” é válida é refutada por Rodrigo que defende que a mera expressão de concepções de gênero é uma opressão:

“Eles constituem durante seus discursos a própria opressão, criando categorias de pensamento e funcionamento que são opressores e que afetam os indivíduos em seus íntimos. Isso é o caso do racismo, do machismo e da homofobia, cujos dois últimos são fundamentados na ideia de gênero. A COEXISTÊNCIA do gênero com o não-gênero não é possível, porque um é a negação do outro; logo, temos que optar coletivamente por um ou por outro. Eu opto pelo segundo.”

Chico diz não crer que os gêneros deixem de existir, porque os considera indispensáveis: um “reflexo social de um fato biológico”. Para ele, tampouco se pode afirmar que todo mundo é potencialmente bissexual, já que há uma “puxada” biológica na atração

⁷³ Renata declara ter feito curso universitário na UNEB e viver um “relacionamento sério”.

física. Ele defende que se lute por “igualdade legal e social entre gêneros, mas não por uma hegemonia de interesses e atrações físicas. Cada um escolhendo o que lhe agrada no campo pessoal”. Rodrigo argumenta que gênero não é manifestação de uma diferença biológica e que, portanto, não é consequência do sexo. Para ele, as categorias “masculino” e “feminino” são, apenas, formas de categorização das coisas que fazem parte de um repertório coletivo de símbolos e práticas.

Rodrigo diz perceber um processo generalizado de desconstrução do gênero em favor de escolhas individuais. Essa desconstrução ocorre tanto com “héteros” que fogem dos estereótipos de seus gêneros, quanto com gays que criam seus próprios moldes de gênero. Para Rodrigo, é fundamental retirar a importância do gênero:

“Desmoralizá-lo e torná-lo algo ignorado e esquecido pela maioria. Não acho que é uma coisa rápida nem fácil. Eu, por exemplo, sou hétero e muito ligado ao meu gênero, também tenho o sexo do outro como uma coisa que eu dou importância na minha seleção. Mas acho que mesmo sendo assim, a gente pode achar legal a perspectiva de as pessoas não serem assim no futuro.”

A questão que proponho verificar nesse momento é se o fim do gênero sexual é um objetivo comum a homens e mulheres poliamoristas. Por um lado, pode-se afirmar que sim, já que ambos compartilham da crença de que o gênero é uma limitação a ser combatida. Por outro, são as mulheres as que mais enfatizam o anseio pelo seu fim. Um sinal que evidencia esta diferença é a predominância de homens heterossexuais e de mulheres bissexuais. Como argumentam Butler (2010) e Wittig (1983), a inteligibilidade do gênero se dá na heterossexualidade.

Uma das explicações possíveis é que, para as mulheres, negar o pertencimento a seu gênero constitua um avanço, já que rompem com uma submissão “inerente”, enquanto entre os homens essa ruptura não parece fazer tanto sentido ou não implica grandes vantagens. Beauvoir (1980) e Wittig (1983) afirmam que o gênero masculino se confunde com o universal. Não é à toa que no feminismo e nas produções acadêmicas sobre gênero (“estudos da mulher”) é o sujeito feminino que aparece problematizado. É, portanto, a condição portadora da diferença, de “o outro sexo”, como defendeu Beauvoir, o que fomenta críticas e ponderações sobre o binarismo de gênero.

Os homens poliamoristas, mesmo sendo mais “tímidos” na luta contra o gênero sexual, questionam a “masculinidade hegemônica” ao buscarem envolvimento emocional profundo e ao “permitirem” que as suas parceiras tenham outros relacionamentos.

No item anterior apresentei a construção da identidade poliamorista cercada por duas tensões básicas. A primeira, entre uma perspectiva de “horizontalidade” do mundo e a de “superioridade” dos poliamoristas. E a segunda, entre a ênfase nas singularidades (postura anti-identitária) e a abstração das diferenças em nome da constituição de um grupo de identidade. O mesmo debate está presente na (des)construção das identidades de gênero e sexual. Enquanto alguns pesquisados apresentam uma posição de crítica ao “masculino” e de busca por “igualdade” entre os gêneros, outros criticam a separação de pessoas em duas grandes categorias de identidade: “homens” e “mulheres”. Os poliamoristas pesquisados situam-se, portanto, no interior do debate feminista, afirmando e negando as identidades de gênero.

3.3- Identidades sexuais

3.3.1- “Bissexualidade” como ideal

A obrigatoriedade do casamento monogâmico e heterossexual é o principal debate entre os poliamoristas. Para alguns, este modelo de relacionamento é visto como uma possibilidade enquanto, para outros, é considerado uma barreira para o livre exercício da sexualidade e da afetividade. Nesta perspectiva, há um elo estreito entre “bissexualidade” e Poliamor, fruto da expansão das possibilidades de amar. Mas, e na prática? Há mais “heterossexuais”, “homossexuais” ou “bissexuais” poliamoristas? Estas categorias são utilizadas por eles?

Cecília⁷⁴, em debate no Orkut, pergunta aos membros da comunidade qual é a relação entre Poliamor e bissexualidade. Manuel⁷⁵ é contrário à utilização de categorias de orientação sexual. Alana diz: “vai quem quer”. Leyr⁷⁶, João e Richard⁷⁷ defendem que há uma vantagem em ser “bi” e “poli”: o aumento de oportunidades de relacionamentos e a possibilidade de todos se envolverem entre si. A partir desta discussão, é feita uma enquete para mapear o perfil dos participantes. João, moderador da comunidade, pergunta: “Qual sua orientação sexual?” Dos 24 votos masculinos, 15 disseram ser heterossexuais, 5 bissexuais e 4

⁷⁴ Cecília declara não ter filhos, morar em Marília (SP) com “companheiro(a)” e estudar filosofia e veterinária. Define-se como “multiétnica”, “atêia”, “apolítica” e vegetariana.

⁷⁵ Manuel declara morar com “companheira” e “filho(s)” em Niterói (RJ), ter título de mestre e ser professor. Define-se como “caucasiano” e “esquerda liberal”.

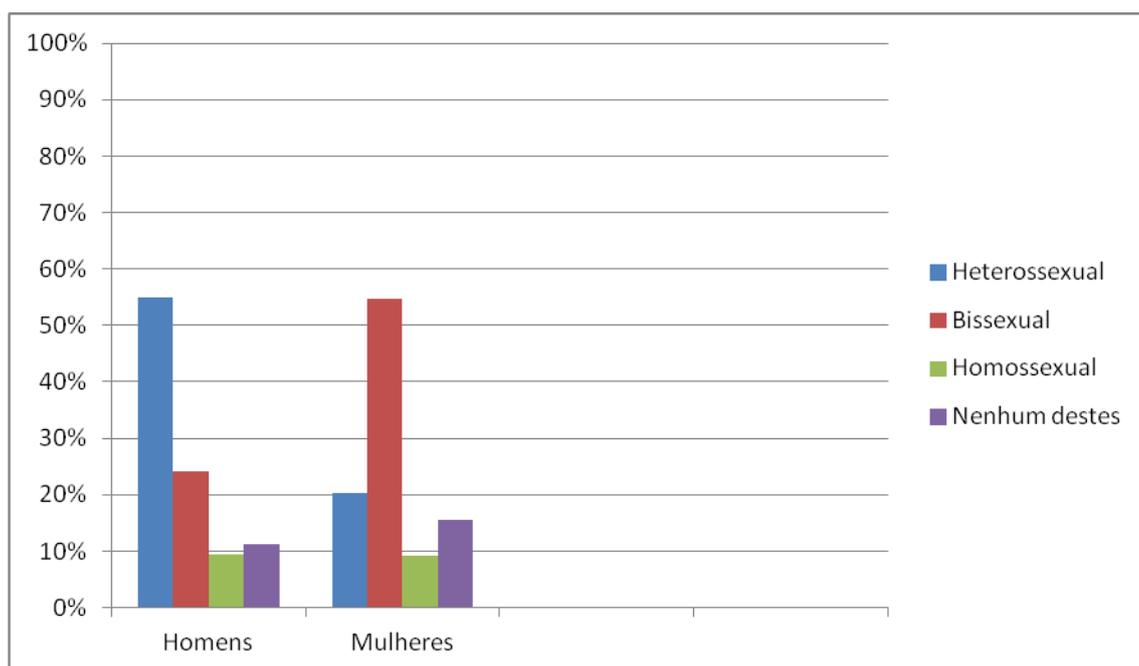
⁷⁶ Leyr se declara morador de São Paulo, “bissexual” e sem filhos. Define-se como “afro-brasileiro”, com um “lado espiritual independente de religiões”.

⁷⁷ Richard declara morar sozinho (a cidade é desconhecida). Define-se como “ateu” e de “esquerda liberal”. Escreve contos eróticos para seu Blog.

homossexuais. O quadro feminino é o oposto; das 21 votantes, 15 se definiram como bissexuais, 5 como heterossexuais e apenas 1 declarou ser homossexual. Quatro participantes responderam “nenhum destes”⁷⁸, um deles disse: “Depois que eu assisti o filme do Kinsey e conheci a sua tabela para orientação sexual, essa história de Hétero e Homo perdeu completamente o sentido”.

No Facebook também foi perguntada a orientação sexual dos membros, com 86 participações. Entre os homens, 19 se definiram como heterossexuais, 10 como bissexuais e 7 como homossexuais. Entre as mulheres, 20 se definiram como “bi”, 8 como “hétero” e 5 como “homo”. 17 pessoas responderam nenhum destes, sendo 10 mulheres e 7 homens. O argumento defendido foi o de que suas sexualidades possuem muitas variantes e que não se “encaixam” nestas categorias simplistas. Um pesquisado responde com ironia: “Orientação sexual? DESORIENTADO”.

Somando as 135 participações, o seguinte quadro é encontrado:



A associação entre bissexualidade e Poliamor é amplamente discutida entre os pesquisadores do tema. Nos *surveys* realizados por Weber (2002) e Wosick-Correa (2010) são encontrados, respectivamente, 51% e 54% de praticantes de Poliamor que se definiram como “bissexuais”. No “*National survey of family growth*” de 2002, 2,3% da população dos Estados Unidos (entre 18 e 44 anos) se definiu como “bissexual”.

⁷⁸ Não há como saber quantos eram homens ou mulheres.

Pesquisas realizadas com “bissexuais” têm constatado um expressivo número de relacionamentos “não monogâmicos”. Segundo Rust (1996), apenas 16,4% dos “bissexuais” pesquisados vivem alguma forma de monogamia. Os dados encontrados por Wosick-Correa⁷⁹ caminham no mesmo sentido: 75% dos “bissexuais” vivem “não monogâmias”, 44% destas seriam poliamores. Page (2004) afirma que 33% de uma amostra que contava com 217 bissexuais viviam relacionamentos poliamoristas e 54% considerava este o tipo ideal de relacionamento.

Rust (1996) afirma que há mais bissexuais mulheres do que homens e que, enquanto para a mulher ser “bi” produz uma imagem valorizada (“hot bi babys”), para os homens ela é tida como proveniente de algum problema. A seguir analiso as discussões sobre “bissexualidade” nas redes sociais e entre os entrevistados, a fim de entender o fato da “bissexualidade” ser tão expressiva entre os poliamoristas e, principalmente, entre as mulheres.

Ana, usando uma frase atribuída a Simone de Beauvoir, argumenta que tanto a homossexualidade quanto a heterossexualidade são limitações: “In itself, homosexuality is as limiting as heterosexuality: the ideal should be to be capable of loving a woman or a man; either, a human being, without feeling fear, restraint, or obligation.”

Cadu diz que gostaria de ser bissexual, apesar de se definir como gay:

“[Sou] biólogo, mineiro, gay e defensor da liberdade de amar sem rótulos ou etiquetas. Embora eu seja homo eu tenho uma vontade muito grande de ter um namoro a 3 com um casal H x M, algo meio ‘três formas de amar’, pois eu não sinto atração física por mulheres, mas já me apaixonei algumas vezes por garotas e acho que poderia me adaptar à situação (...) A minha maior e mais longa paixão foi por uma mulher, mas nem mesmo muito apaixonado eu tinha atração física. Sempre fui gay assumido, mas lá pelos 30 eu acabei cedendo às investidas de uma garota e a gente acabou namorando cerca de 2 meses, mas nem assim rolou sexo (ela sempre soube de mim). Engraçado que mesmo sem tesão nenhum por mulher eu tenho uma vontade grande de namorar um casal.”

O desejo de Cadu de se relacionar com mulheres expõe a ampliação das concepções de relacionamento amoroso entre poliamoristas. A possibilidade de vários vínculos simultâneos vem acompanhada do anseio por estabelecer diversas modalidades de relacionamento. Como no Poliamor são defendidos ilimitados e distintos amores, eles podem ter ou não sexo, ter maior ou menor intensidade ou afinidade em variados âmbitos. Amores, nesse sentido, são apenas experiências, caminhos, e como no Poliamor é valorizada a constante abertura de

⁷⁹ Dados não publicados. Para mais informações ver: <http://polyinthemedia.blogspot.com.br/2006/12/how-prevalent-is-polyamory.html> e <http://sexgenderbody.com/content/how-many-bis-are-poly-how-many-polys-are-bi>

possibilidades, tanto a “homossexualidade” quanto a “heterossexualidade” podem ser consideradas limitações.

Lucas declara ter tido sua primeira relação sexual aos 18 anos com uma prostituta. Ele conta que tem disfunção erétil e que dificilmente consegue êxito nas relações. Diz que sua primeira experiência sexual com um homem foi aos 19 anos. Poucos meses antes da entrevista declarou, nas redes sociais, ser “bissexual” à procura de um casal para uma relação poliamorista. Entretanto, durante a entrevista mostrou incerteza sobre seu desejo por homens:

“Eu não sei se tenho atrações com homens, eu tenho essa busca ao mesmo tempo em que eu acho que não tem nada a ver, é diferente do caso das mulheres, que eu sinto atração e não tenho nenhuma dúvida se devo ou não ter relações com mulheres, mas com homens fico nessa dúvida, será que tenho esse lado homoafetivo? Antigamente eu afirmava com toda segurança que era bissexual, até esse ano, me afirmava, agora estou com essa dúvida, será que sou bissexual? Quando tenho relacionamento com homem parece que fica faltando alguma coisa. Parece que algo não condiz com meu sentimento de buscar esses homens. Na prática é algo sem significado para mim, é diferente mesmo com mulheres de programa, não vejo como algo sem significado, mas com homens fica essa questão.”

A descrição de suas relações com homens é repleta de desvalorizações, minimizações - são experiências “comuns”, “sem importância”. Há ainda um discurso em torno da não intencionalidade do ato. Ele diz não fantasiar relações com homens e não procurar se relacionar com eles, sendo “induzido” por outros:

“Eu me deixo levar nessas relações homossexuais, não sou daquelas pessoas que diz não, não quero isso. Uma vez fui para uma ilha aí tinha um pescador lá e fui na casa dele, do nada ele começou a me insinuar coisas de homossexualidade, sem eu dizer nada, cheguei a ter relações sexuais com ele. Eu me deixei levar. Não é que eu sou obrigado, eu sou induzido, sou levado, mas sei muito bem o que está acontecendo. Me deixo levar por aquela situação.”

A não “responsabilização” pelo envolvimento sexual com homens, somada à consideração de que são eventos sem importância, conduz a uma reflexão sobre as especificidades da “bissexualidade” masculina e feminina entre os pesquisados. As duas entrevistadas, não relataram ter questionado gostar ou não de mulheres e, o que considero mais relevante, não houve uma preocupação em agregar as experiências homoafetivas à sua identidade. Na entrevista de Alice, em nenhum momento o termo “bissexual” foi mencionado, tendo descrito experiências com mulheres sem questionar a diferença para com as experiências “hétero”. Roberta, que desde o início de sua adolescência se relaciona tanto com homens quanto mulheres, tampouco descreve “desconforto” com sua sexualidade, assim como declara não ter nenhuma pretensão em definir uma identidade “bissexual”:

“Não vejo essa dicotomia na sociedade com a clareza que as pessoas veem. Ouvi recentemente um bissexual amigo meu dizendo que tem um lado gay e um lado hétero. Eu não tenho um lado gay e um lado hétero, eu tenho uma orientação de desejo que é própria da minha sexualidade, eu não viro um homem quando me relaciono com uma mulher. Eu acho estranho esse termo, não me sinto contemplada.”

A desvalorização da definição de uma identidade sexual entre as pesquisadas e o número maior de mulheres que declaram se relacionar com ambos os sexos, merece algumas considerações. A elaboração da identidade masculina está articulada de forma mais significativa à identidade sexual. A experiência homoerótica masculina pode, inclusive, representar a perda da identidade masculina, ainda mais se a relação for passiva, dada a dualidade: “masculinidade/atividade sexual vs. feminilidade/passividade sexual”. (Fry, 1982) Nesse sentido, está colocada a possibilidade de “expulsão” do universo masculino, que vincula os “viados” e as “bichas” ao feminino.

Apesar de entre mulheres também existir a figura da “mulher macho”, da “fancha”, o perigo da passagem da identidade feminina à masculina é menor e não é feita a partir de uma única experiência sexual. Já a masculinidade, como é elaborada sobre constantes provações, uma única experiência sexual passiva é suficiente para desestabilizar a relação do sujeito com sua identidade de gênero.

Heilborn (2008: 239) aponta a fragilidade da identidade lésbica em comparação com a homossexual masculina:

“A produção das ciências sociais sobre homossexualidade feminina aponta uma dificuldade de trabalhar com um conceito único de identidade sexual na análise do grupo de mulheres. A dificuldade ocorre devido à resistência destas mulheres em serem identificadas exclusivamente como homossexuais, pela inexistência de um projeto político a serviço dos grupos abordados e pela invisibilidade de sua organização social. Desta forma, a identidade lésbica, de forma diversa de outras identidades sexuais, na cena pública brasileira, tem-se mantido bastante fluida e, em alguns contextos, pouco significativa (...) A partir desta questão, quando as identidades foram comparadas, predominou entre ativistas uma maior valorização da identidade feminina em relação à identidade lésbica (...) A identidade lésbica também foi apontada como um adereço a mais da identidade feminina.”

A associação da homossexualidade masculina com o “feminino” é, portanto, mais forte do que entre lésbicas e “masculino”, o que faz com que o perigo da “feminilização” seja mais evidente entre homens do que o da “masculinização” entre mulheres. O efeito dessas diferenças é a maior tensão entre os homens para se identificarem como “gays” ou “héteros”, o que se reflete na difícil elaboração de um “entre lugar”-“bissexual”. Pode-se pensar o menor número de “bissexuais” masculinos declarados como produto de duas lógicas distintas de

construção das identidades sexuais: a masculina, que põe em risco a identidade de gênero e a feminina, que é mais frágil, mas que não se contradiz com a identidade de gênero. Lembrando Foucault (1977), pode-se afirmar que a verdade do homem está muito mais articulada ao sexo do que a da mulher, que, por esta razão, tem maior possibilidade de “experimentação”, sem que isso ponha em risco o seu pertencimento ao feminino - e mesmo que colocasse – fica a questão, se seria algo temível ou desejável.

3.3.2- Repressão ou libertação da sexualidade?

Rodrigo diz que, no início de sua adolescência, percebeu ter uma “tendência” BDSM, (sigla inglesa para bondage, dominação e sadomasoquismo):

“ Eu sustentava esse tesão só com pornografia... algumas achava meio bizarro, coisas de machucar de verdade, que as pessoas chamam de escatofilia, mas algumas cenas...tinha uma que se chamava “dog play”, é um estilo, como se fosse uma posição, uma tara BDSM - eu gostava de imaginar a mulher de quatro andando pela casa, de coleira, envolvia agressividade, forçar as coisas, gostava desse tipo de coisa. Depois eu fui descobrir que eu sou dominador.”

O interesse pelo BDSM, reconhecido no período em que tem seu primeiro namoro (monogâmico), não é colocado em prática, tendo em vista o temor do estranhamento de sua parceira. Em torno dos 18 anos, quando diz que se torna um militante político socialista, é que inicia a crítica ao machismo, à opressão feminina, à homofobia e ao racismo. Ao perceber que havia internalizado várias das concepções que criticava, diz que iniciou um trabalho de reconstrução de seus valores e até mesmo de seus desejos:

“Comecei a reelaborar bastante minha construção moral, o machismo mais que a homofobia foi uma questão muito difícil, exigia um esforço mental muito grande, porque eu tive uma formação muito conservadora, moralista (...) Comecei a achar aquilo errado [BDSM], a combater, a reprimir mesmo”.

A forma como se relacionava com as mulheres passou a ser “reprimida”, em especial o fato de num primeiro contato já avaliar se elas eram sexualmente interessantes ou não. Esta dinâmica, segundo ele, fazia com que interagisse mais com mulheres atraentes. O BDSM passou a ser visto como uma “degeneração machista”, um desejo de dominância a ser negado. Rodrigo relata que nesse período parou de ver pornografia, por entender que as mulheres estão sendo “regularmente estupradas”:

“Para mim isso foi tranquilo pro tipo de personalidade que eu desenvolvi no início da juventude. Eu tinha muito autocontrole em vários aspectos da minha

personalidade, da forma de pensar, era muito fácil ajustar minhas sensações e sentimentos para o que eu achava certo. Quando eu rompi com a monogamia, foi muito fácil me adaptar a aceitar que a minha namorada tivesse outros relacionamentos. Por isso o BDMS também foi tranquilo de reprimir, talvez tenha gerado algum tipo de efeito mais profundo, inconsciente que foi se manifestar só depois, mas foi algo tranquilo de se reprimir.”

Rodrigo apresenta alguns aspectos interessantes para pensar a carreira poliamorista. Há um discurso marcado por rupturas de padrões de comportamento de gênero, sexuais e amorosos - que podem ocorrer de forma simultânea ou não. Esses processos são descritos como uma aquisição de “autocontrole”, de “libertação” das normas sociais. O caso dele, entretanto, apresenta um aspecto não recorrente no universo estudado - o anseio por “repressão” e não por “autonomia”. A ênfase, em geral, está em poder desenvolver o “eu verdadeiro”, “autêntico”, não regulado, onde o Poliamor é tido como uma forma de expressão daquilo que se é em essência, mas que por convenção social se está proibido de manifestar. Rodrigo não busca seu “eu verdadeiro”, ao contrário, o vê, ou o via, como “machista” e “homofóbico”. O “eu” ambicionado é assumido como “ideal”, por isso todo o esforço de se afirmar como socialista, poliamorista e feminista. O ajustamento dos desejos, assim como as alterações de identidade, estiveram condicionados à mudança de concepção de “certo” e “errado”.

O discurso em prol da “igualdade” em torno das diferenças sexuais reflete-se, no caso de Rodrigo, em um movimento de “repressão” ao “machismo” e à “homofobia”, e expõe um paradoxo onde a busca por “igualdade” se torna uma exigência, contrapondo-se ao princípio de “liberdade”.

3.4- Liberdade e igualdade na (des)construção da identidade de gênero e sexual

Percebe-se entre os poliamoristas a valorização das conquistas feministas e a concepção de que homens e mulheres têm os mesmos direitos nos relacionamentos amorosos. A definição de Poliamor pressupõe “igualdade”, já que é a possibilidade de que ambos, homens e mulheres, tenham mais de um amor, o que constitui um relacionamento poliamoroso. A centralidade da “igualdade” no discurso poliamorista traz divergências entre eles, uma vez que as noções de “liberdade” e “singularidade” são elementos fundamentais em suas narrativas. Se, como defendem, todos são “únicos”, como esperar que sejam “iguais”? Torna-se, então, um desafio conciliar as diferenças individuais em uma lógica sem hierarquias.

A defesa feminista por igualdade de direitos é criticada por Butler (2008, 2010) que acredita que esta visão padroniza as mulheres, pressupondo uma distinção ontológica com os homens. A autora defende que essa concepção binária é fruto de relações de poder - de um processo social de “genitalização do sexo”, que transformou a mulher no oposto do homem. Butler questiona a percepção do corpo masculino e feminino como opostos e sugere o fim do binarismo das identidades de gênero, questionando tanto a categoria “mulher” quanto a “homem”, na dupla dimensão biológica e social – valorizando, em contrapartida, a capacidade performativa dos sujeitos que desestabilizariam essas categorias.

Dentro do universo “poli” há aqueles que questionam as identidades sociais, sejam as de gênero, como as de sexualidade. Defendem que todo indivíduo é potencialmente único e capaz de produzir uma história singular. Nessa linha de pensamento, os sujeitos são compostos por uma única “igualdade”: a “diferença”- diferença esta que não é colocada em uma estrutura hierárquica e nem vista como oposição, como no binarismo de gênero. Para esses poliamoristas, qualquer forma de uniformização entre os indivíduos é questionada e considerada uma imposição social. O que é valorizado é que todos estejam abertos a experimentações, de preferência por caminhos originais, podendo ser (re)definidos gostos e identidades, embora a preferência ainda seja pela não definição e pela singularidade absoluta. Por tais razões, esses poliamoristas defendem a ideia de que qualquer espécie de categorização é perigosa. Falar em “homens” e “gays”, por exemplo, comunicaria pouco, já que se abstraem diferenças que permeiam essas categorias, além de servir como mecanismo de coerção sobre a liberdade de “ser” fora dessas definições.

O anseio pelo fim das identidades de gênero não é unânime nos fóruns de discussão. Há “poliamoristas” que veem as “mulheres” como sujeito do feminismo e entendem que a principal luta é contra o “machismo”, sendo necessário o desenvolvimento de uma linguagem capaz de representá-las politicamente. Nesse caso, o objetivo é ter os relacionamentos amorosos que desejam sem que sejam categorizadas como “putas”. Já, entre os homens, busca-se dissociar a ideia de que não se envolvem emocionalmente e o estigma de “cornos” por consentirem que suas parceiras tenham outros relacionamentos.

São visíveis, portanto, duas estratégias: uma que enfatiza a “destruição” do gênero a partir de sua completa desconsideração e, outra, que afirma o gênero a fim de alterar o seu significado.

É importante destacar que a valorização da “liberdade” reflete-se na idealização da “bissexualidade” e na consideração da “homossexualidade” e da “heterossexualidade” como formas limitadas de expressão da sexualidade. São as mulheres as que mais se definem como

“bi”, o que, por um lado, favorece o objetivo de romperem a identidade de gênero, mas, por outro, - por se tratar de uma identidade flexível - pode ser vista apenas como um “adereço” da identidade feminina. No caso masculino, a “bissexualidade” - apesar de também ser idealizada - representa um risco maior de perda da identidade de gênero, o que parece ser temido por alguns pesquisados. É possível afirmar que é menor o “temor da perda” da identidade de gênero entre as mulheres, assim como é maior o desejo de que isso ocorra.

Outro desdobramento possível da valorização da “liberdade” é que esta se torne uma “norma”, fazendo com que muitos pesquisados sintam-se frustrados por não se envolverem plenamente com homens e mulheres. O ideal de “igualdade” também pode produzir este efeito, quando o pesquisado condena o “machismo” e o identifica em si.

Por fim, destaco que os poliamoristas divergem na construção de uma visão hierárquica ou igualitária dos comportamentos sexuais. Para alguns, o “machismo”, a “heterossexualidade” e a monogamia são condenáveis, sendo proposto um modelo alternativo: livre, sem privilégios de gênero, “bissexual” e poliamorista. Enquanto outros não afirmam a superioridade do próprio caminho adotado, defendendo a possibilidade de coexistência destes modelos.

Capítulo IV: Ideologia poliamorista

Apresentarei, a seguir, os valores que encontrei como base ideológica do Poliamor entre os pesquisados: honestidade, liberdade, igualdade e amor.

4.1-Honestidade:

Pode-se dividir as formas de expressão da “honestidade” em dois grandes grupos: a que se destina ao parceiro e a que se refere à relação do sujeito com seus próprios desejos. Esta distinção será importante para a análise uma vez que, em alguns casos, os pesquisados as percebem como contraditórias.

4.1.1- Honestidade com o(s) parceiro(s)

Klesse (2006, 2011), Barker (2005) e Cardoso (2010) afirmam que a “honestidade” entre os parceiros é o principal valor poliamorista. Nas fontes de pesquisa analisadas, a “honestidade” e o “consentimento” são apresentados como fundamentais para caracterizar uma relação poliamorista e, conseqüentemente, se diferenciar da monogamia e da infidelidade. Entretanto, como veremos adiante, há uma ênfase ainda maior em ser honesto a “si próprio”, o que pode gerar impasses com o outro.

Goldenberg (2010) analisa o “relacionamento necessário” de Simone de Beauvoir e Jean-Paul Sartre no século XX como fundado em “transparência absoluta”, compartilhando, inclusive, relatos sobre experiências com seus “amores contingentes”. O casal apresenta uma perspectiva em relação à monogamia que é recorrente no discurso poliamorista, a crença de que se trata de “uma monstruosidade que engendra necessariamente hipocrisia, mentira, hostilidade e infelicidade” (*ibidem*: 11). Goldenberg, ao analisar os dados de suas pesquisas, argumenta que a fidelidade permanece como um valor fundamental, mesmo sendo pouco praticada. Trata-se, defende a autora, de uma “fidelidade paradoxal”, onde a “ilusão” da exclusividade conta mais do que a prática fiel efetiva.

O envolvimento amoroso múltiplo e simultâneo é uma realidade tanto para os infiéis monogâmicos quanto para os poliamoristas. A diferença é que enquanto estes constroem um discurso crítico à regra da exclusividade amorosa e sexual, defendendo que é possível e preferível viver mais de uma relação ao mesmo tempo, aqueles legitimam a regra da

fidelidade e responsabilizam o parceiro, ou um momento de “fraqueza”, por sua própria infidelidade:

“Nenhum monogâmico apontou o desejo por outra mulher ou a necessidade de uma aventura como motivo para a infidelidade. Os monogâmicos infiéis disseram que sofreram muito e se arrependeram da traição que, acreditam, não se repetirá. A infidelidade não é uma situação desejada ou esperada, mas um acidente de percurso que deve ser corrigido: com o rompimento ou a reestruturação do casamento.” (Goldenberg, 2010: 131).

Para que o projeto de “honestidade” poliamorista se estabeleça é necessário que o ideal romântico de dois sujeitos se completando seja desfeito. Uma comunicação “sem barreiras” pressupõe que não seja esperado ser o único amado do parceiro - parece ser esse o principal divisor entre o Poliamor e a monogamia: a legitimação de múltiplos vínculos íntimos e profundos⁸⁰.

A quebra de barreiras na comunicação poliamorista implica uma transformação na forma de lidar com a liberdade do amado, ao invés de “ciúme” e “controle” são valorizados a “flexibilidade” e a “compersão”. O termo “compersão” é uma tradução do neologismo em inglês “compersion”⁸¹ e é considerado um “novo” sentimento, oposto ao ciúme e fruto de um movimento de superação do sentimento de posse, a partir da aceitação da liberdade de amar do(s) parceiro(s).

Brenda, no blog Poliamores, descreve este sentimento como sentir-se feliz com a felicidade do outro: “É ver o amor e carinho que ele(a) sente por outros com bons olhos”. Carol⁸², no Orkut, afirma que “compersão” é: “Ficar alegre quando a pessoa que você ama é amada por mais alguém”.

O ciúme é descrito como uma característica monogâmica, um sintoma de insegurança e de baixa autoestima, sentimento de dor pela frustração de não ter a exclusividade do amado. No grupo do Facebook, João e Mariana explicam esse sentimento como decorrente da busca do bebê em ter a mãe apenas para si: “O ciúmes é um retorno à nossa primeira infância quando a mãe era só nossa e o peito tava ali sempre que a gente chorava.”, declara Mariana. Esta tese é defendida por Regina Navarro Lins (2010) que vê a associação entre amor,

⁸⁰ Goldenberg (2010) afirma que entre os monogâmicos que pesquisou, “a esposa deve ser o equivalente de todas as mulheres do mundo, sem faltas ou vazios que poderiam ser preenchidas por outras. Ela é única, especial, plena e insubstituível.”(p.121).

⁸¹ A versão mais partilhada entre poliamoristas é a de que seu surgimento teria ocorrido na comunidade Kerista⁸¹ de São Francisco na década de 1970, da prática de um jogo chamado “ouija board”⁸¹. Essa é a posição defendida por Wolf (2003) em sua dissertação de doutorado (“Jealousy and transformation in polyamorous relationships”).

⁸² O perfil da usuária não pôde ser visualizado.

possessividade e exclusividade como uma tentativa do ser humano de recuperar “o paraíso simbiótico”:

“As relações amorosas do adulto funcionam mal porque a maioria tende a reeditar inconscientemente com o parceiro a relação com a mãe típica da infância. E isso fica claro na forma como se vive o amor, só aceitando como natural se for um vínculo amoroso possessivo e exclusivo com uma pessoa.” (Lins, 2010: 235)

O ciúme seria uma defesa contra o “medo primário” do abandono, uma tentativa de controle sobre o amado, já que a perda do primeiro amor, o materno, é associada à morte.

Sentir ciúme é visto por poliamoristas como um mal a ser combatido, um sinal de que o sujeito não está bem e de que é dependente do outro, tal qual uma criança. A associação da “infância” com o ciúme e o amor romântico com os “contos de fadas” expressa a percepção dos monogâmicos como ingênuos e pouco evoluídos, em contraposição aos poliamoristas, em seus mais variados graus de desenvolvimento. A possibilidade de comunicação “honesta” entre os parceiros é vista como uma forma de evolução pessoal, que pressupõe “autoconhecimento” e “inteligência emocional” a fim de converter o ciúme em “compersão”. Os caminhos do infantilismo monogâmico rumo à maturidade afetiva são detalhadamente discutidos nos fóruns de discussão analisados.

Alana defende que o ciúme pode ser desaprendido desde que percebamos que ninguém pertence a ninguém. Danilo afirma que o caminho é não buscar ser o “principal” nem o “absoluto” na vida de ninguém. Helô sugere que considere o ciúme, em qualquer dosagem, demais, que não o confunda com “cuidado”, que não tente controlar as escolhas do parceiro e que reconheça que “nenhuma relação está posta em causa”, ou seja, o fato de seu parceiro sentir algo por alguém não impede que o sinta por você. O que sustenta uma relação é ela própria, não havendo correlação com outras existentes ou possíveis. Por fim, Helô diz que “se for o seu parceiro que sente ciúme não abra mão de nenhum centímetro de sua liberdade.” Marcos afirma que para trabalhar o ciúme é necessário aprender o “equilíbrio dinâmico”, encontrando segurança em meio ao dinamismo do mundo:

“Nada na vida é estático; tudo, para conter vida, exige movimento. Poliamor é vida, porque exige movimento, e movimento exige equilíbrio, e equilíbrio exige segurança, que não é outra coisa que domínio de si. Ciúme talvez seja essa falta de domínio de si. E como é árduo o treinamento até se chegar à faixa preta do Poliamor!.. É preciso treinar todos os dias, até o nível da maestria. No entanto, mesmo sendo um mestre, o ciúme o acompanhará sempre. A chave para dominá-lo é aprendendo a conviver com ele. Não há outro caminho.”

Dentro da hierarquia de valores do Poliamor, a monogamia seria a forma de relacionamento menos evoluída, já que é dominada por possessividade, ciúmes, descontrole e hipocrisia. O Poliamor ocuparia o extremo oposto, sendo um vínculo livre, “compersivo” e honesto representando o caminho para a evolução pessoal e social. A utilização dos termos “faixa preta” e “maestria” sintetiza bem essa percepção de etapas do desenvolvimento evolutivo humano rumo à “perfeição”. Bernardo afirma: “Em um mundo perfeito, com seres humanos perfeitos, ninguém sentiria ciúmes, insegurança, abandono etc. Mas não somos perfeitos, né?”

O ideal de perfeição apresentado está associado a uma percepção do indivíduo como autoreferido, unidade moral, absolutamente autônomo e com autocontrole de suas emoções. A compreensão desta valorização pode ser encontrada em Mauss (2004), Dumont (1985) e Elias (1994), para os quais o indivíduo moderno torna-se o epicentro da vida social, realizando uma cisão entre o individual e o social, sendo este último caracterizado como limitador do pleno desenvolvimento das potencialidades humanas.

Entre os swingers a mesma oposição honestidade x hipocrisia é feita para diferenciarem seus relacionamentos da infidelidade. Os swingers acreditam ser impossível que em uma relação duradoura o interesse sexual esteja restrito ao parceiro. (Von der Weid, 2008). Para os poliamoristas, a “honestidade” swinger deve necessariamente ser menor do que a poliamorista, já que como os monogâmicos, os swingers defendem que o amor deva ter apenas um destinatário.

Há outro aspecto da “honestidade ao(s) parceiro(s)” que produz divergências. Em uma enquete no grupo do Facebook é perguntado se as pessoas são a favor de relacionamentos casuais. 7 disseram achar válidas e apenas 1 não. Quando questionado se o relacionamento atual permite este arranjo, 4 disseram que sim, e nenhum que não. O que causou desconforto foi o uso do termo “permissão” na pergunta. Helô declara que sua relação caminha para a liberdade de cada um escolher o que quer, sem precisar ter o aval do outro. João também afirma não gostar do termo “consentimento”, por denotar “posse” e “permissão”, preferindo usar “concordância” e “consenso”. O conflito em relação ao uso do termo “consentimento” para referir-se à “liberdade” se deve a uma contradição lógica entre esses conceitos. A “liberdade plena”, ambicionada por alguns poliamoristas, sem entraves sociais, regras e limitações, implica que os relacionamentos sejam baseados exclusivamente na vontade de cada um dos envolvidos, sem constrangimentos ao livre amar. Não há, portanto, que se solicitar “autorização” ao outro, já que o ideal priorizado é o de autonomia.

O casal, nesta perspectiva poliamorista, não define uma unidade moral, como é o caso dos praticantes de swing pesquisados por Von der Weid (2008). O “adultério consentido”, como os nativos da antropóloga definem o swing, mostra o valor de uma díade que constitui unidade - sendo o desejo de autonomia paradoxalmente manifestado sobre o controle do amado. A ênfase na “liberdade consentida” dos “swingers” é um contrasenso para alguns poliamoristas, que ambicionam uma liberdade sem necessidade de concessões e negociações.

É preciso ressaltar, entretanto, que o ideal de autonomia entre poliamoristas é variável. Apesar do sentimento de “posse” ser caracterizado como um resquício monogâmico, ele não é recriminado por todos. Sandra⁸³, após um Poliamor frustrado com um homem e uma mulher, diz: “Hoje eu procuro um homem que entenda meu sabor por mulheres, mas que seja o MEU HOMEM”. Neste caso, o Poliamor permitiria que se tenha o habitual e seguro (alguém “seu”) e, também, a liberdade para se aventurar, no caso de Sandra, com outras mulheres. O desejo de se ter uma única pessoa também é encontrado nas buscas por relacionamentos amorosos. Ao invés da utilização de termos como procuro “namorados” ou “amores”, a busca mais recorrente é por “um amor poliamoroso”.

Em um fórum no Orkut intitulado “como encontrar um grande Poliamor?”, a pergunta gera conflitos entre os membros. Sílvia⁸⁴ indaga: “Como pode existir UM GRANDE POLIAMOR? Poliamor não quer dizer vários amores?”.

Outra divergência que mostra variação nas concepções nativas de autonomia é a defesa ou não da polifidelidade. Alice a considera um “absurdo”, uma extensão da monogamia, Cadu a chama de “aberração” e Olavo⁸⁵ diz não ver nenhum sentido nela. Brenda, autora do blog Poliamores, é uma das raras poliamoristas a afirmar viver este tipo de relação:

“Sou polifiel, curto exclusividade sendo duas ou mais pessoas. Claro que se uma namorada tiver interesse em outra e esse interesse for forte vou admitir uma aproximação, mas sério, detesto isso de no menor interesse ir e ficar com a pessoa. Por isso sim, sou mais a favor da exclusividade.”

Entre os que defendem a polifidelidade é preciso ressaltar a prioridade das parcerias estabelecidas, o elo de lealdade busca proporcionar segurança e estabilidade ao vínculo limitando as possibilidades de novas experiências amorosas. A polifidelidade, tema recorrente entre os autores norte-americanos e europeus está mais aliada ao valor da

⁸³ Sandra declara ser moradora de Santos (SP) sem filhos; “budista”, “caucasiana” e “conservadora de direita”.

⁸⁴ Sílvia declara morar em Florianópolis (SC), trabalhar como secretária executiva, ter curso superior completo, morar com seus filhos, ser “caucasiana”, “cristã” e “heterossexual”.

⁸⁵ Olavo declara ser estudante de Ciências Sociais da UNICAMP e morar em Campinas (SP).

honestidade ao(s) parceiro(s), da regulação das autonomias, de negociação e consenso nos vínculos amorosos. Entre os poliamoristas brasileiros a predominância é o valor da honestidade a “si mesmo”, envolta por discursos que enfatizam a permanente abertura de possibilidades amorosas, independência em relação aos parceiros e originalidade na construção de si.

4.1.2- Honestidade a “si mesmo”

A sinceridade tem sido considerada em trabalhos sobre Poliamor nos Estados Unidos e Europa como um valor coeso e que envolve, necessariamente, um relacionamento negociado, consensual e igualitário. Entre os poliamoristas brasileiros percebe-se não apenas que a negociação e a igualdade são problematizadas, mas, também, que há um discurso sobre a honestidade a “si mesmo”, que contradiz esses valores.

Como destacado inicialmente, o argumento central deste trabalho é de que há dois valores estruturantes no discurso poliamorista. O primeiro sintetizado no termo “liberdade” e o segundo no de “igualdade”, sendo a estes, respectivamente, que a divisão entre honestidade a “si mesmo” e ao “outro” se referem. A defesa da “liberdade” funda-se em um discurso autorreferido, de crítica às convenções sociais e valorização do rompimento com padrões de comportamento, enquanto o discurso sobre a “igualdade” prima pela regulação das autonomias favorecendo a equidade e a padronização dos comportamentos. Em outro momento irei me deter nos conflitos presentes na articulação entre esses valores. Agora, analisarei o princípio da honestidade a “si mesmo”.

Há uma crença nas comunidades “poli” pesquisadas de que “todos traem” ou ao menos sentem vontade de fazê-lo. Nesta perspectiva, a fidelidade ao parceiro implica a infidelidade aos próprios desejos. O Poliamor seria uma forma de “libertação” da regra de exclusividade ao amado, um meio de afirmar a soberania do próprio desejo em detrimento do “respeito” ao outro.

Maurício sugere que se inverta o pensamento da traição como um desrespeito, porque pressupõe um desrespeito anterior, o sentimento de posse de um indivíduo sobre outro. Ele defende que é preferível que as pessoas estejam com ele porque querem e não porque devem: “fidelidade é um tolhimento, uma velha tralha religiosa do mérito pelo sacrifício, é para quem acredita em recíprocas obrigatórias e outras torturas desumanas.”

Maurício argumenta que nossa herança cristã nos faz conceber o amor como um sistema de trocas, onde se dá o que não se tem, assumindo responsabilidades maiores do que se pode honrar. O efeito é a anulação e o endividamento de si. O modelo de casamento cristão é, para ele, uma “fábrica de insatisfeitos” que converte o amor em sacrifício, o que não implica mérito, isso seria religião e não amor que é “livre”, “espontâneo”, e não “comércio” e “escravidão”:

“VAMOS ACORDAR? NINGUÉM VEIO AO MUNDO A SERVIÇO DE NINGUÉM! Chega de esperar que um mísero ser humano nos dê tudo que sonhamos. Chega de esperarmos do outro o que nós mesmos não somos capazes de nos propiciar. Aliás, chega de idealizar as pessoas e extorquir delas o que sonhamos, atropelando o que têm a dar. E sabe por quê? Porque isso gera uma ansiedade medonha e transforma tudo em julgamento e cobrança”.

Negociação, troca e equidade, apontadas por pesquisadores norte-americanos e europeus como a base que fundamenta os discursos e práticas poliamoristas, são vistos aqui como “comércio”, “escravidão” e “sacrifício”. Em contrapartida, o ideal de relação defendido é “livre” e “espontâneo”, o que implica fundamentalmente honestidade a “si mesmo” e não ao outro. A defesa do “amor incondicional”, entretanto, não é unânime. Helô, em seu site, defende que este “cega”, encobre vontades e impede de reconhecer as razões que nos fazem amar quem amamos e as que nos fazem ser amados. Para Reinaldo e Maurício, o amor é incondicional, e tem de ser diferenciado do comércio: “amor é o que tenho para dar, o que vou receber não pode ser condicional”, diz Maurício. Ambos defendem a ideia de que não se deve amar em função do outro, porque isso implica tentativa de controle. Cada um oferece o que pode, e cabe a quem recebe aceitar o que ganha ou seguir adiante. Ao conceber as relações amorosas como troca criam-se “dívidas”, “dá-se o que não tem”. É a essa forma de amor que ambos se opõem, defendendo, em contrapartida, um laço baseado na tolerância e aceitação da liberdade e singularidade do amado.

A discussão do amor como uma forma de relação calcada no princípio de reciprocidade, remete às reflexões de Mauss (1974) e Lévi-Strauss (1992). O discurso poliamorista que enfatiza a liberdade defende o indivíduo “fora do mundo” – que não atende a normas sociais, a constrangimentos, hierarquias e relações de poder. O relacionamento amoroso é descrito como emancipado do social, fruto inequívoco e exclusivo dos desejos absolutamente singulares dos envolvidos. A “igualdade” e a “reciprocidade” são ideais desvalorizados por esses poliamoristas, por se tratarem de princípios reguladores das afetividades.

Há, em contrapartida, aqueles que defendem que o amor deva ser regido por princípios de reciprocidade, ressaltando que existem condições necessárias para a perpetuação do vínculo amoroso. Regras são, portanto, criadas a fim de gerir a relação. Abre-se também espaço para acordos, concessões e disputas entre os envolvidos. Entre os que defendem o “amor incondicional” a crença é de que o amor não pode ser regado, concedido ou constrangido. “Discutir a relação”, apontada por Barker (2005), Klesse (2006, 2011) e Cardoso (2010) como marca dos vínculos poliamoristas, é vista como quebra de espontaneidade e liberdade, uma vez que o amor não pode estar sujeito a negociações e concessões, entendidas como “sacrifícios” e “anulação de si”:

“Para mim NÃO vale a pena se prender a quem não quer caminhar na mesma direção. Já fiz isso e o resultado final foi dor e sofrimento. Conheço pessoas que declaradamente abriram mão de muitas coisas em que acreditavam pelo ‘limite’ do parceiro... Mas quando olho pra essas pessoas sempre tenho a sensação de que elas estão um pouco apagadas... Que elas não brilham mais como antes”.

Maurício reforça o argumento de Reinaldo:

“Quando limites começam a se tornar limitações, cada um deve procurar sua turma. Na ‘economia’ afetiva barganhar potenciais de crescimento é sempre um nivelamento por baixo. Poliamor, para mim, serve justamente para isso, para que não tenhamos que ser a única fonte de ninguém, nem extrair exclusivamente de um, tudo o que podemos querer...”

São diversas as soluções encontradas para o impasse entre a valorização de um vínculo livre e espontâneo conjugado a um outro recíproco e equânime, mas o que considero importante destacar é que no Poliamor brasileiro não há, como argumentam os pesquisadores do tema⁸⁶, uma defesa homogênea da mutualidade, pois há, antes disso, um valor ainda mais central em seus discursos - “liberdade” e “autenticidade”.

Cardoso (2010) defende que, na contemporaneidade, os lugares fixos na estrutura social fornecedoras das sólidas bases para a construção da biografia do sujeito dão lugar a referências mais móveis e diversificadas. Este fato favorece um processo de “autobiografia” do *self*, chamada por Beck-Gernsheim (2003) de “faça você mesmo”. Esta busca por ser o detentor da verdade sobre “si mesmo” é, para Cardoso, um elemento estruturante do *self* poliamorista e acarreta um processo contínuo de reelaboração de si:

⁸⁶ Alguns autores que enfatizam essa dimensão são Anapol (2010); Barker e Langdridge (2010) e Klesse (2011); este último afirma que: “As a consensual approach to non-monogamy, polyamory promotes an ethics based on honesty, respectful negotiation and decision making, integrity, reciprocity and equality” (p.5).

“O objectivo final parece ser o controlo: o controlo sobre si mesmo, que passa por um processo de aperfeiçoamento, de reconhecimento do Outro e, por outro lado, de ausência da influência do Outro sobre a construção do Eu (...) Procuramos ser *originais*. Sermos ‘nós próprios’ é sermos verdadeiros a uma suposta identidade última, superiormente real, e que partilha de uma base comum – que nos humaniza – mas que tem como ponto central a parte irrepetível que se diz existir dentro de cada indivíduo – o que nos individualiza” (*ibidem*: 32 e 62).

O autor mostra que, entre seus pesquisados, há um discurso de “vitimização” em torno das emoções, consideradas dados biológicos incontrolláveis. O discurso de autonomia na produção do *self* parece ser ainda maior entre os poliamoristas brasileiros, para quem as emoções são consideradas construtos sociais sujeitos à manipulação.

Barker (2005) afirma que um dos discursos que fundamenta a adesão ao Poliamor é a busca por ser “eu mesmo” (“being myself”). Ela defende que, entre seus pesquisados, o *self* é considerado múltiplo e o Poliamor possibilitaria a exploração de todas as facetas do sujeito.

Entre os brasileiros esta dimensão de multiplicidade do eu também é encontrada:

“Minha namorada número 1 um dia desses me fez a seguinte colocação: Você querer amar outra pessoa significa que eu não te completo? Que eu não sou suficiente? Ela falou isso quase dando a ideia de um fracasso total como pessoa. Eu respondi que, do jeito dela, ela me completava. Completa uma determinada área de minha personalidade. E faz isso com total eficiência e plenitude. Mas eu sou uma pessoa de múltiplos aspectos, talvez muitos vivam dentro de mim. A forma mais simples de responder é o fato puro e simples: preciso de mais de uma pessoa e pronto...” Drácula à comunidade do Orkut.

Nesta perspectiva de multiplicidade do eu está contida a principal associação que os pesquisados fazem entre a monogamia, a “repressão” e a “infelicidade”, uma vez que ela parte de um “equivoco”: de que o sujeito se torna íntegro e realizado com uma única pessoa.

A “conversão” poliamorista emana, em geral, de processos mais amplos de “autoconhecimento” - de um mergulho em si em busca daquilo que é “autêntico”, ou seja, o verdadeiro “eu” ou o “eu” mais justo. Há, desta forma, um questionamento sobre tudo aquilo que foi imposto. A monogamia é apenas uma dessas imposições, um dos equivocos que devem ser extirpados de suas personalidades. Este processo de lapidação do “eu” pode ser entendido a partir das seguintes oposições: Eu velho x Eu novo; Eu monogâmico x Eu poliamorista; Eu ciumento x Eu “compersivo”; Eu infantil x Eu adulto; Eu imposto X Eu mesmo (verdadeiro) – Eu condenável x Eu justo.

Trago, a seguir, dois exemplos dessas dualidades relacionadas à busca do Poliamor:

“Algumas vezes eu pensei em desistir, estava confusa, com medo da novidade e de como as coisas iriam ficar. Eu não tinha mais um roteiro de novela pra seguir nem poderia mais ouvir os conselhos dos amigos porque o modo deles de viver é enormemente diferente do meu. Eu me senti perdida e estranha. Exatamente como

eu sempre me senti a vida toda. Quando eu casei tive filhos eu pensei agora sim eu sou 'normal'. Eu encontrei meu lugar. Mas isso não durou muito e cá estou eu novamente tentando achar meu canto de novo. Mas agora vai ser diferente não tô mais tentando me adequar, me enformar, agora eu quero ser eu mesma assumidamente esquisita.” (Entrevista de Alice)

“O pior momento dos meus relacionamentos monogâmicos foram esses: Quando eu acordei, me olhei no espelho e percebi que estava me tornando alguém que eu não gostava.” (Mercedes⁸⁷, Facebook)

O Poliamor parece representar uma aspiração, corrente entre os pesquisados, de vitória dos indivíduos sobre a sociedade. Há uma representação do social como prisão e uma busca por afirmar a “singularidade” e “liberdade.” Alice mostra o seu processo de “desconstrução” que a levou ao Poliamor:

“(…) TENHO SEDE DE LIBERDADE. Quero estar comigo, no controle de mim mesma. (...) Tenho refletido muito ultimamente, tento me despir de todas as ‘naturalizações’ de conceitos que fiz ao longo da vida. Me sinto como uma criança conhecendo pela primeira vez a realidade. Me pergunto frequentemente o que é real em mim, o que PRECISA ser real, o que posso dispensar, como posso me realizar. Percebo que todos os dogmas, pré-conceitos, ‘leis’, moral...tudo isso está se diluindo em nada para mim. Tenho me sentido livre e desprendida, mas ao mesmo tempo expulsa do ‘mundo dos homens’, embora a solidão que almeje esteja longe de se concretizar (...)” (grifos da pesquisada)

A narrativa expressa uma concepção do indivíduo em confronto com normas sociais. Para ser “eu mesmo”, nesta perspectiva, é necessário conjugar autoconhecimento e liberdade, refletindo sobre tudo aquilo que foi até então “naturalizado”. É possível, a partir do relato acima, lembrar o processo cartesiano da “dúvida metódica”. Como ocorrido com o filósofo, permanece uma dimensão inquestionável, o “eu mesmo”, que no caso da pesquisada não se refere apenas à capacidade de reflexão (“penso, logo existo”), mas a dimensões morais a serem desvendadas. Há um segredo do sujeito, uma verdade que as normas obscurecem, sendo necessário negá-las para acessar a “chave” perdida do eu. A “liberdade” até então destacada como o principal valor poliamorista é apenas o meio necessário a um projeto maior, o de se “descobrir”, de se fazer original e autêntico. É a partir do Poliamor - apesar de não apenas dele - que os pesquisados se fazem sujeitos únicos. O que remete ao paradoxo analisado no terceiro capítulo: não seria o Poliamor uma forma de padronização?

⁸⁷ Não há informações disponíveis sobre a usuária.

4.2-Liberdade e igualdade: conciliáveis ou contraditórios?

Nesta parte do trabalho buscarei analisar a relação entre os princípios de “liberdade” - que compreende as noções de diferenciação, singularidade, espontaneidade e autonomia - e de “igualdade”- que engloba as noções de reciprocidade, equidade, mutualidade, identidade e negociação.

Tinha pensando em trabalhar esses conceitos em conjunto, uma vez que no discurso nativo não há uma distinção muito clara entre eles. Entretanto, ao longo do processo de análise, percebi que seria mais profícuo entender os diferentes níveis em que são empregados os termos, tendo, então, optado por separá-los em quatro temas principais.

O primeiro é a tensão entre as identidades conjugal (igualdade) e individual (singularidade). O segundo, o embate entre os princípios de mutualidade e liberdade. O terceiro, a relação entre igualdade e hierarquia, mais especificamente a tentativa de poliamoristas de apreender as diferenças como sendo não verticalizadas. O último, que analisei no capítulo anterior, se refere à tensão entre identidade (poliamorista, de gênero e sexual) e singularidade.

Uma das dificuldades encontradas foi a escolha dos conceitos e a tentativa de separar o discurso nativo do discurso sociológico. Os pesquisados têm grande familiaridade com terminologias utilizadas por cientistas sociais e alguns deles são, inclusive, filósofos, sociólogos e psicólogos e fundamentam sua ideologia a partir destes saberes. Busquei, em um primeiro momento, usar deliberadamente aspas, a fim de diferenciar o conceito nativo e o sociológico, porém, apesar do esforço, essa fronteira não ficou claramente delimitada e, portanto, fico com a indagação de que em que medida ela é mesmo necessária ou possível.

Simmel (1950, 1971) e Dumont (1985) afirmam que a igualdade é um dos pilares modernos da noção de indivíduo. Giddens (1993), Goldenberg (2000), Heilborn (2004) e Salem (1989), dizem que a igualdade é o valor norteador dos relacionamentos amorosos contemporâneos, regidos sobre a expectativa de mutualidade e paridade. Barker e Langdridge (2010), Klesse (2011) e Cardoso (2010) defendem serem estas as principais bases ideológicas do Poliamor.

Como tenho destacado, entre os pesquisados, a definição de Poliamor pressupõe uma concepção de igualdade, já que é a possibilidade de que todos os envolvidos tenham mais de um amor o que constitui um relacionamento poliamoroso. Há poliamoristas que afirmam que só há amor em igualdade. Outra afirmação recorrente nas redes sociais analisadas contrasta com a anterior, a de que só há amor com liberdade.

Simmel (1950, 1971) afirma ter havido duas revoluções individualistas que proporcionaram uma passagem de ênfase do valor da igualdade para o de diferenciação. O autor sugere que ambos os valores coexistem socialmente de forma contraditória. A seguir, analisarei a primeira dimensão desta contradição.

4.2.1-Conjugalidade x individualidade

Heilborn (2004) argumenta que o “casal igualitário” é guiado por duas forças contrárias, de um lado o anseio por igualdade que implica “compromisso” e busca de “indeferenciação” (“simbiose”)⁸⁸ e, de outro, a valorização da singularidade e liberdade. Féres-Carneiro (2008) afirma ser esse o principal dilema da conjugalidade contemporânea:

“O fascínio e a dificuldade de ser casal, residem no fato de esta díade encerrar, ao mesmo tempo, na sua dinâmica, duas individualidades e uma conjugalidade (...) Assim, o casal contemporâneo é confrontado, o tempo todo, por duas forças paradoxais. Se por um lado, os ideais individualistas estimulam a autonomia dos cônjuges, enfatizando que o casal deve sustentar o crescimento e o desenvolvimento de cada um, por outro, surge a necessidade de vivenciar a conjugalidade, a realidade comum do casal, os desejos e projetos conjugais”. (*ibidem*: 3).

Para Heilborn (2004), o “casal moderno” reivindica primazia do par sobre outras relações, provocando uma sensação de “aprisionamento sentimental” entre os cônjuges. A autora afirma que a relação dual é constituída de um apoderamento mútuo composto por “cobranças”, “monitoramento do fluxo de trocas” e “reforma do outro” que visam garantir a mutualidade entre os deveres, obrigações e concessões. (*ibidem*: 148) As diferenças tendem a ser entendidas, segundo a autora, como descompromisso do acordo de cooperação mútua. Esta valorização das noções de “unidade”, “compromisso” e “igualdade” se colide com o “sacrossanto valor da singularidade irreduzível do indivíduo”. (*ibidem*: 148)

O argumento que defendo, a seguir, é de que os poliamoristas pesquisados procuram desfazer a contradição entre conjugalidade e individualidade, uma vez que afirmam a possibilidade de amarem sendo “eles mesmos” e recusam a constituição de uma unidade com o parceiro: cada um é “si mesmo” e o “nós” se conjuga com o verbo “estar” e não com o

⁸⁸ Figueira (1981, p. 128-129) afirma que: “quando se discriminam para serem si próprios, já não podem sê-lo vez que o outro, diluído em sua alteridade, é parte integrante da noção de si próprio, quando se entregam à fusão oceânica... não o conseguem, já que não podem deixar de ser, em alguma medida, algo diferente do outro no qual buscam se diluir”

“ser”⁸⁹. Esta dinâmica não significa, entretanto, a negação do vínculo amoroso. Pelo contrário, o Poliamor se constitui a partir da defesa de ligações “íntimas” e “profundas”, mas a possibilidade de que estas sejam feitas sem perda de autonomia. Os mecanismos que buscam possibilitar a aliança entre amor e liberdade são, em primeiro lugar, a dissolução da regra de exclusividade e, em seguida, o desenvolvimento de uma atitude de contentamento com as diferenças (“compensação”), e a passagem de uma ênfase nas dimensões de “controle” e “expectativa” para as de “tolerância” e “aceitação”.

O fundamental nesta proposta é desfazer a lógica de que um relacionamento é uma “prisão”⁹⁰. Para tanto, torna-se necessário reduzir ao máximo o terreno do interdito, favorecendo atitudes espontâneas e pouco controladas, motivo pelo qual um relacionamento poliamorista não deve ser altamente regrado. É possível afirmar que os poliamoristas apresentam uma proposta de gestão das “diferenças” fundamentalmente distinta das encontradas entre os “casais igualitários”⁹¹. Recusando a “simbiose”, o vínculo no Poliamor é feito mantendo e ressaltando as diferenças, como em um ato de preservação das individualidades. Por fim, cabe destacar que, apesar da associação poliamorista entre amor e liberdade promover uma conciliação entre conjugalidade e individualidade, permanece a tensão entre liberdade e reciprocidade.

4.2.2-Liberdade x Reciprocidade

Um relacionamento, com rotinas e projetos em comum, traz a necessidade de acordos, concessões, restrições e até mesmo de regras - que são, para muitos pesquisados, dolorosas.

⁸⁹ Badinter (1986:267) faz uma afirmação sobre o amor na contemporaneidade pertinente à nossa reflexão: “A tendência atual não está mais ligada à noção transcendente de casal, mas antes, à união de duas pessoas que se consideram menos como as metades de uma bela unidade do que como dois conjuntos autônomos.”

⁹⁰ Representação comum entre monogâmicos que utilizam ainda a expressão “coleira” para designar a dependência e falta de liberdade. Goldenberg (2010) e Heilborn (2004) apresentam estas representações.

⁹¹ Salem (1989), que analisou a conjugalidade “igualitária” das camadas médias do Rio de Janeiro, fala em uma busca por unidade identitária expressa no conceito de “casal grávido”.

“O sentido de completude atribuído à união marital impregna os casais ditos modernos; e sua maior propensão a desfazer casamentos (e a buscar outros, note-se bem) não contradita, mas pelo contrário reitera, a incessante busca da completude. Talvez seja inclusive pertinente sugerir que é precisamente na incansável perseguição desse ideal que fundamenta-se sua vulnerabilidade: o casal converte-se em uma unidade tão sobrecarregada de sentidos e de expectativas que não é de todo surpreendente que, nele, seja alta a probabilidade de implosão.” (p.28) A diferenciação mais nítida do Poliamor a essa forma de laço conjugal está na recusa da constituição de uma unidade e de uma identidade em comum. Vincula-se mantendo e ressaltando as diferenças, a fim de preservar as individualidades não apenas em relação à família, como na descrição do “casal grávido”, mas fundamentalmente sobre a própria parceria amorosa. Os poliamoristas definem-se como seres “completos” e que apenas se “complementam” nos outros, não constituindo seus relacionamentos, portanto, uma unidade. Um elemento que reforça essa tese é a própria concepção de maternidade, paternidade e coabitação como não desejáveis no universo “poli”, vistas como perdas de autonomia.

Em um extremo, há poliamoristas que defendem uma “liberdade plena” e veem qualquer restrição aos desejos como “sacrifício”. Em outro, há relacionamentos que envolvem polifidelidade, “ciúme” e “controle”. Entre estes pólos está a maior parte dos pesquisados, que defendem uma “liberdade responsável”, onde todos os envolvidos dialogariam em busca de uma posição consensual. Mas como não é simples a tarefa de delegação de “responsabilidades”, a questão permanece: O que deve ser regrado? Quais as singularidades que devem ser aceitas e quais devem ser controladas?

O único aspecto que unifica os poliamoristas é a defesa da possibilidade do estabelecimento de mais de uma relação amorosa ao mesmo tempo. Para alguns, o modelo defendido é aquele praticado por Simone de Beauvoir e Sartre, com uma distinção qualitativa entre os relacionamentos - “amor necessário” e “amor contingente”. Entre os pesquisados aparece como “relação primária” e “secundária”. Outros limitam a possibilidade de amores, vivendo uma polifidelidade. Estas duas formas, apesar de expostas nas redes sociais, são muito pouco defendidas. A centralidade do valor da “liberdade” implica o anseio pela possibilidade de amores tão intensos quanto os anteriores. A polifidelidade, assim como a hierarquização entre os relacionamentos, são vistas como resquícios monogâmicos, por serem contrárias aos dois principais valores poliamoristas: a “igualdade” e a “liberdade”.

É importante analisar as razões da aparente conciliação entre estes valores. A primeira é que se trata de uma possibilidade de igualdade e não uma exigência. A segunda requer mais atenção, tendo em vista que inaugura a terceira dimensão enunciada no início da discussão: a relação entre “igualdade” e “hierarquia”, mais especificamente a tentativa de compreensão das diferenças como sendo não verticalizadas.

As diferenças entre os parceiros, assim como a entre as parcerias, são afirmadas, ao mesmo tempo em que são recusadas as hierarquias. A “igualdade” deve ser acompanhada pelo reconhecimento e culto das diferenças: só há razão para viver ilimitados amores porque são diferentes entre si. Por outro lado, não faz sentido escolher um único amor já que eles não são hierarquizáveis. A distinção feita pelos pesquisados entre seus amores procura recusar as dualidades: “superior” e “inferior”; “mais importante” e “menos importante”; “primário” e “secundário”; “escolhido” e “descartado”. Acredita-se que ninguém deve, necessariamente, reunir todas as qualidades, pois cada um tem seus próprios atributos, sendo “únicos” e “especiais”; é essa singularidade o que os pesquisados dizem buscar nos relacionamentos.

Cabe destacar que os termos “hierarquia”, “autoridade”, “poder” e “controle” são vistos como próprios da sociedade atual, “capitalista”, “cristã” e “monogâmica”. O Poliamor é associado a outro tipo de sociabilidade, “não competitivo”, “tolerante”, “cooperativo” e “não

hierárquico”. No XII Poli Encontro do Rio de Janeiro, realizado no dia 24 de julho de 2011, foi defendida a ideia de que a monogamia é a expressão de um sistema social que incentiva a competição entre os indivíduos, em que todos devem escolher uma única pessoa e a afetividade de uns pelos outros seria “concorrente” e “excludente”. O “controle” sobre os parceiros incidiria sobre a tentativa de não perder o lugar de escolhido de alguém. Rodrigo, presente no evento, defendeu que na monogamia: “Você tem que controlar a afetividade do outro para que ele não te substitua, só que você não quer que ele restrinja a sua. Eu costumo ouvir: ‘se eu pudesse ter Poliamor só para mim e não pro meu parceiro seria ótimo’”. Segundo ele, essa dinâmica acaba criando uma relação de disputa no casal, ambos buscando mais “liberdade” e restrição à “liberdade” do parceiro. O Poliamor visa, segundo os poliamoristas presentes no encontro, desestimular tanto a competição por parceiros quanto a entre parceiros.

A valorização e aceitação das diferenças individuais caminham juntas com uma percepção de igualdade entre as diferenças, expressa por Maurício: “Somos feitos da igualdade mais libertária que existe, a diferença.” Para ele, a única forma de expressão possível de “igualdade” é na “diferença”, uma vez que ser “eu mesmo” passa necessariamente por um processo de distinção.

Tendo desfeito as principais regras da conjugalidade moderna - amor é um sentimento exclusivo e o amado deve estar acima de outras relações metonímicas (Heilborn, 2004) - fica a pergunta: existem outras dimensões do relacionamento passíveis de regulamentação? Nas perspectivas mais radicais da noção de liberdade é negada a necessidade de regras, aludindo ao caráter artificial, autoritário e repressor de sua constituição. Já os que defendem uma liberdade “responsável” argumentam ser indispensável negociar.

Reinaldo provoca inquietação ao problematizar a noção de “responsabilidade” defendida por outros poliamoristas:

“Liberdade pra mim é não frear o amor! Ser livre e ser amoroso, pra mim caminham juntos. Se há amor na atitude, por que não fazer? Sei que às vezes as atitudes podem ferir as pessoas... Mas eu sempre me pergunto: O que vai REALMENTE ferir a pessoa é a minha atitude OU é a dificuldade dela em lidar com os próprios conceitos acerca de mim? Eu entendo quando dizem que a liberdade de um termina quando começa a do outro. Até concordo! Mas o limite do outro não pode se tornar o MEU limite!”. (Grifos do pesquisado)

São diversas as estratégias assumidas para lidar com os conflitos de interesse e expectativa entre os parceiros, sendo, em alguns casos, criadas regras ou iniciadas discussões para solucioná-los. Já que o casamento monogâmico é tido como “aprisionador” e “hipócrita” e o Poliamor é considerado uma forma de conjugar amor e autonomia, as noções de

“compromisso”, “responsabilidade” e “negociação” - sintetizadas no conceito de igualdade - devem ocupar um papel secundário, o que contraria a perspectiva de pesquisadores do tema que defendem serem estas a base ideológica do Poliamor. Klesse (2011:16) afirma que em função desta prevalência é difícil associar Poliamor e liberdade: *“This is why it is difficult to see all aspects of polyamory from a perspective of ‘freedom’. At times, poly love can even look like the very opposite of ‘freedom’.”*

Entre os poliamoristas pesquisados percebo uma prevalência oposta – a da liberdade sobre a igualdade - sendo preferível que o outro aprenda a lidar com a sua singularidade (“compensação”) do que este faça concessões para se “adequar” ao outro. Por isso é importante ressaltar que apesar da noção de igualdade ocupar um papel de centralidade, ela é vista, também, como limitadora da expressão mais autêntica do indivíduo. Sugiro o conceito de “equânime-normatividade” para aludir à percepção crítica de alguns poliamoristas à exigência de igualdade, reciprocidade e mutualidade dentro dos relacionamentos amorosos, por considerarem um mecanismo externo de constrangimento à livre expressão amorosa. Reafirmo, entretanto, que para eles há a possibilidade de conciliação entre os princípios de igualdade e liberdade, mas apenas quando estes se referem a planos distintos, ou seja, aliando diferenciação e igualdade, singularidade e horizontalidade, a partir da afirmação de que são todos igualmente diferentes, especiais e únicos.

4.3-Amor “poli”: livre, horizontal e honesto

“Os amorfóbicos que me desculpem, mas o amor no poliamor é fundamental...”
Declaração de Alana ao grupo do Facebook.

Considero o amor como o quarto princípio da ideologia poliamorista e a base na qual os outros três valores incidem. Buscarei, a seguir, explorar ambas as dimensões: a centralidade do amor em detrimento do sexo e a forma como os valores de honestidade, igualdade e liberdade incidem sobre ele de modo a questionar as oposições entre amor e amizade e as bases que fundamentam o amor romântico.

A centralidade ocupada pelo amor nas narrativas poliamoristas pode ser entendida levando-se em consideração que uma relação apenas é poliamorosa na medida em que tem profundidade emocional. Apesar da importância dada ao conceito, não há uma definição consensual, sendo recorrente nas redes sociais a afirmação de que o amor é indefinível e

incomunicável. Esta é a posição de Reinaldo que defende que se fuja à tentativa de generalizá-lo. Para ele, já que o amor é livre, não se enquadra em categorias, não devendo, portanto, ser “aprisionado”. Para João, moderador da comunidade, o problema da imprecisão do significado do amor se deve à escassez terminológica. Para ele, os gregos eram mais avançados, dispendo de quatro expressões para designar o que genericamente chamamos de “amor”. Ele diz que não é apenas possível conceituar o amor, mas fundamental para que os poliamoristas defendam publicamente sua posição.

Como tenho destacado, a liberdade é o principal valor associado ao amor, o que leva alguns poliamoristas a afirmarem que em uma relação monogâmica só há sentimento de posse e não de amor. João afirma que somos condicionados a pensar que o amor é um sentimento exclusivo: “se ele fosse mesmo, como conseguiríamos amar ao nosso pai, a nossa mãe e aos nossos filhos?” Ele defende que não há impedimento para que o sentimento se manifeste por um número ilimitado de pessoas: “Fomos apenas levados a crer que o amor sexual deve ser exclusivo (...) É o único sentimento que as pessoas querem atribuir exclusividade.” Argumenta, ainda, que até monogâmicos se envolvem com duas pessoas ao mesmo tempo, só que eles se veem obrigados a escolher. No Poliamor nenhuma “escolha exclusiva” precisa ser tomada. João vincula a miserabilidade monogâmica ao “amor romântico”, dizendo que trata-se de uma “cegueira”, uma utopia da completude afetiva, um sentimento único, inabalável, eterno, fruto de uma combinação perfeita entre os parceiros. Esta crença é, para ele, causa de uma frustração universal uma vez que as pessoas se guiam por um objetivo impossível. Alana também é enfática nesse sentido:

“Fizeram a gente acreditar que cada um de nós é a metade de uma laranja, e que a vida só ganha sentido quando encontramos a outra metade. Não contaram que já nascemos inteiros, que ninguém em nossa vida merece carregar nas costas a responsabilidade de completar o que nos falta (...). Fizeram a gente acreditar numa fórmula chamada ‘dois em um’: duas pessoas pensando igual, agindo igual, que era isso que funcionava. Não nos contaram que isso tem nome: anulação. Que só sendo indivíduos com personalidade própria é que poderemos ter uma relação saudável...”

Outro ideal vinculado ao amor que merece destaque é o da “igualdade”, entretanto, como tenho abordado, ele é ambíguo, uma vez que ao mesmo tempo em que hierarquias são questionadas, o anseio por igualdade é tido como constrangedor à livre expressão afetiva. Essa discussão será aprofundada em outro momento.

O ideal da “honestidade” é permeado pela mesma contradição, pois, se por um lado, ser honesto a “si mesmo” permite uma pureza da expressão amorosa, por outro, pode se chocar com o compromisso com o(s) parceiro(s).

4.3.1-(Re) Definindo fronteiras entre amor, sexo e amizade

4.3.1.1- Amor e amizade

Klesse (2006), Barker (2005), Rothblum (1999) afirmam que as fronteiras entre amizade e conjugalidade perdem clareza nos discursos e práticas poliamoristas. Uma das razões apontadas por esses pesquisadores é a de que o Poliamor funciona analogamente à amizade conjugando intimidade à autonomia. Outra aproximação seria a possibilidade de viver tanto amizades quanto amores ilimitados. Tendo em vista estas duas relações, proponho investigar se os pesquisados fazem distinção entre o amor e a amizade. Caso sim, quais seriam os elementos em que se baseiam essas diferenças? E por fim, seriam elas hierarquizadas?

Um usuário, que usa o nome de Auguste Comte⁹², argumenta que o homem moderno tende a separar tudo, impedindo uma compreensão da “vida total” e “verdadeira”. Esta separação, no plano dos afetos, culmina na distinção do amor em relação à amizade que são para ele distintos apenas em função do amor moderno ser a posse de um indivíduo sobre o outro. O fim da “posse” promoveria o rompimento da divisão entre amizade e amor, possibilitando a distribuição ilimitada dos afetos e o pleno exercício da sexualidade.

Daniel⁹³ e Rodrigo travam um caloroso debate sobre a existência ou não de um vínculo mais intenso do que a amizade. Daniel afirma não acreditar no amor, “no sentido romântico”, defendendo que há apenas vontade de compartilhar genes (sexo) e ideias (amizade). Por ser considerado algo imaterial, sagrado, transcendente, o amor é tido como superior ao sexo que, em contrapartida, está associado ao sujo, ao profano, ao pecaminoso e ao imoral. Daniel acredita que nada é transcendente ou sobrenatural:

“Nenhuma filosofia de além mundo me agrada. O sexo é indispensável, inevitável, incontornável e maravilhosamente delicioso. Amizade é o que pode haver de mais interesse no que tange ao convívio social. Existe uma tendência de as pessoas quererem que sexo e amor [não seria amizade?] estejam ligados, imbrincados, acoplados de alguma maneira. Podemos ter essas duas coisas com uma mesma pessoa. Assim como podemos ter somente qualquer uma delas. E em qualquer dos casos, acho ótimo. Conclusão: nenhum lugar para hierarquias.”

Para Rodrigo existe um sentimento mais intenso do que a amizade, um nível mais profundo de envolvimento, e que devemos denominar de “amor”, para facilitar a

⁹² Auguste apresenta-se como um “fake” do filósofo francês. Declara, entretanto, não ser positivista, morar em Bourdeaux (França), ter Pós-Doutorado em sociologia, ser casado e não ter filhos. Define-se como “caucasiano”, “agnóstico” e de “esquerda liberal”.

⁹³ Daniel declara ser morador de Irecê (BA) e se define como uma seita e um partido político de um membro só, arrojado, atrevido, criativo e apaixonado.

comunicação. Daniel diz não acreditar em nada mais intenso do que a amizade, para ele só há confiança, intimidade, lealdade, presteza, atenção e dedicação, sendo essas as bases da amizade e não as do amor, que pressupõe algo de “além mundo”. Rodrigo insiste que amor é um envolvimento mais profundo e que quem afirma o contrário é porque não amou. Daniel responde:

“Nesse ponto chegamos na encruzilhada ardilosa em que eu posso dizer que, se você diz que amizade não é maior do que amor, é porque você nunca sentiu amizade! Ora, é o seu mesmo argumento, só que do outro lado. Claro que não acho que ele esclarece nada. Pretender ter sentido emoções mais elevadas que as demais pessoas parece-me inapropriado. Quem vai dentro das emoções dos outros, e lhes advinha as dores, as inspirações, as malícias, os prazeres, para julgar? Ninguém.”

Rodrigo diz que Daniel está julgando o sentimento dos outros ao dizer que não existe nada maior do que a amizade. Reafirma que considera útil distinguir “envolvimento emocional profundo” de amizade:

“Repito que creio que o problema seja de DEFINIÇÃO. Eu também, há alguns anos atrás, usava o termo ‘afetividade’ pra descrever o que vocês estão chamando de amizade - existia um nível médio, muito baixo, e um mais alto que em geral se consegue com relações conjugais (apesar de não só, mas ser muito raro conseguir fora delas); a questão é que, para FACILITAR A COMUNICAÇÃO, prefiro usar o termo AMOR para nomear a "afetividade profunda" - que é o que, na prática, as pessoas fazem.” (Grifos do pesquisado)

O conflito sobre a distinção entre amor e amizade parece incidir sobre duas dimensões. A primeira é o pertencimento do sexo ao amor e/ou a amizade e a segunda é a possibilidade de afetividade/intimidade profunda em vínculos de amizade. Acredito que isso se deva à permanência da utilização de termos que não são suficientes para definir os novos arranjos conjugais. Os relacionamentos contemporâneos, ao desarticularem o casamento como fonte exclusiva de envolvimento amoroso, promoveram uma aproximação entre sexo, amor e amizade. A fronteira, antes mais bem delimitada, entre o casamento como terreno do sexo, do amor e do compromisso, em contraposição à amizade, como esfera da autonomia e do não sexual, tem, portanto, se dissolvido. A própria crítica à articulação do amor e do sexo ao compromisso expresso pelo casamento reflete a valorização da vivência amorosa em “liberdade”. Os termos “amizade colorida”, “parceria” e “companheirismo”, para os novos arranjos conjugais, expõem as ambiguidades com que são construídos os relacionamentos contemporâneos, rompendo as fronteiras entre amor e amizade, sem, no entanto, criarem novos termos.

Entre os poliamoristas, em função da defesa da não exclusividade amorosa, a aproximação entre amor e amizade é bem acentuada, razão pelo qual a amizade simboliza, para muitos, o modelo ideal para o vínculo amoroso - já que pressupõe autonomia, intimidade e durabilidade. Doutor Love⁹⁴ afirma que as relações de “amizade colorida” são o mais próximo do ideal do Poliamor: “Não exigimos satisfações, não parasitamos ninguém, não nos sentimos donos dos outros. Deveríamos amar os outros como amigos, e não como namorados ou cônjuges para que não nos sintamos donos de ninguém.”

Tanto o namoro quanto o casamento são arranjos recusados por alguns poliamoristas, por estar implícito um contrato prisional. O “ficar” tampouco contempla os relacionamentos poliamoristas, pois dá a ideia de ausência de envolvimento afetivo e de continuidade.

É importante destacar que o que diferencia os arranjos poliamoristas de outros vínculos conjugais contemporâneos não é a aproximação da amizade e do sexo, mas a entre amor e amizade. No Poliamor, os afetos e a sexualidade podem ser compartilhados com um número indeterminado de pessoas, o que tende a esvaziar de sentido o papel social diferenciado de cônjuge. No entanto, existem ambiguidades, bem expressas no diálogo entre Daniel e Rodrigo. Por um lado, busca-se ter mais parceiros, mantendo o papel diferenciado e a distinção entre amizade e namoro, por outro, crê-se que não é necessário definir qualquer status diferenciado a alguém, não mais opondo amigos a namorados.

O amor não entendido como exclusivo se assemelha à relação de amizade que sintetiza a idealização de muitos poliamoristas - a amizade não é regida por contratos - os amigos estão juntos porque querem e não porque devem.

4.3.1.2-Amor e sexo

Outra relação que pretendo investigar mais detalhadamente é a entre sexo e amor. Trata-se de realidades distintas, coexistentes ou opcionalmente relacionadas? Seriam hierarquizáveis?

João, moderador da comunidade do Orkut, afirma perceber entre poliamoristas uma contraposição do sexo ao amor e a crença de que o amor é nobre e superior. Em seguida, pergunta se os demais concordam com esta afirmação.

⁹⁴ Doutor Love declara ter 33 anos e ser morador do Rio de Janeiro, além de “caucasiano”, “heterossexual” e “ateu”.

Brenda e Isabela⁹⁵ afirmam que sim, que consideram o amor superior ao sexo. A primeira diz viver sem sexo, mas não sem amor. Mariana acha que o sexo é apenas a expressão de algo maior (amor, paixão ou tesão), enquanto o amor é o objeto principal. Lúcia⁹⁶ afirma ser mais ligada a sexo do que deveria e que o amor é mais nobre, mais abstrato, envolvente e confuso do que o sexo. Nina⁹⁷ diz que percebemos o sexo como algo errado e sujo e que apenas o consideramos limpo e bonito quando acompanhado de amor.

Para Rodrigo, o menosprezo pelo “sexo casual” se refere a uma reação à objetificação do parceiro nessas experiências. Para ele, entretanto, é possível fazer sexo casual sem tornar a outra pessoa um objeto. Téo⁹⁸ afirma que o privilégio do amor está no fato de estar associado a múltiplas variáveis, como segurança, atenção e amizade, enquanto o sexo apenas se articula à satisfação momentânea e à reprodução. Para Ulisses, a valorização do amor se deve ao fato de ser mais raro de vivenciar do que o sexo. Para Rodrigo, a lógica é inversa, por se valorizar mais o amor, ele é menos recorrente.

O reconhecimento e a valorização das singularidades no meio “poli” faz com que a sexualidade desprovida de elo íntimo seja desvalorizada e até mesmo condenada. Nesse sentido, o vínculo amoroso ocupa um lugar de destaque se contrapondo ao sexo “objetificado”. A preeminência do amor sobre o sexo aparece na contínua busca dos poliamoristas por dissociar o Poliamor de práticas sexuais. Cardoso (2010) afirma que há um medo de ser “sexualizado” por isso implicar um enfoque negativo, o que acaba por operar distinções no discurso poliamorista entre “proibido” e “negativo”, “são” e “patológico”. Klesse (2006) argumenta que há uma política de diferenciação do Poliamor em relação a outras “não monogâmias”, principalmente o swing, a quem recai a classificação de promiscuidade. Klesse argumenta, ainda, que a manutenção da categoria promiscuidade implica o cultivo de um espaço de estigmatização daqueles que procuram sexo apenas por prazer e que têm um alto número de parceiros sexuais, sem procurarem parcerias duráveis:

However, rather than to deconstruct exclusive assumptions at the heart of promiscuity discourses, many polyamorists deploy an argumentative strategy that aims to demonstrate that the promiscuity allegation is not applicable to *them*. This strategy is based on an act of distinction. Polyamory is said to be different from promiscuity, swinging or casual sex. (*ibidem*: 577)

⁹⁵ Isabela declara ser moradora do Rio de Janeiro, ter estudado na UFRJ e viver uma “amizade colorida”.

⁹⁶ Lucia declara ter 23 anos e trabalhar em um salão de beleza.

⁹⁷ Não há informações disponíveis sobre a usuária.

⁹⁸ Téo declara ser morador de Itanhaem (SP), ser casado e bissexual.

A fuga da acusação de promiscuidade retoma a discussão sobre as formas legitimadas de experiência sexual. São, em geral, os polifíeis os que mais utilizam a noção de promiscuidade. Eles procuram limitar as experiências amorosas de forma a dividi-las em duas grandes categorias. A primeira, ao qual pertenceria o sexo sem amor: do banal, profano, cotidiano, formal e público. E a segunda, do sexo com amor, que compreende: o especial, o sagrado, o superior, o privado e o íntimo. Apesar desta distinção também estar presente entre os poliamoristas que defendem relacionamentos abertos, a desvalorização do sexo se concentra sobre a “objetificação” do parceiro, e não sobre o número de parcerias sexuais. Desta forma, a crítica se concentra no “machismo”, na consideração da mulher como objeto de uso masculino e na despersonalização do ato sexual. A pressuposição de “igualdade” e de reconhecimento do outro como sujeito é o que sustenta a crítica e a distinção de poliamoristas a monogâmicos e swingers.

Apresento uma discussão no grupo do Facebook sobre “sexo casual” que demonstra estas duas posições. O debate se instala quando Daniela⁹⁹ afirma:

“Acho putaria só porque um relacionamento é poli os outros acharem que podem sair pegando geral qualquer um por quem se sinta atraído [...] Ser poli não é desculpa pra sair transando com um monte e beijando um monte à toa, na verdade quem faz isso não é poliamorista.”

O “pegar geral”, a “putaria”, são vistos por Daniela como uma forma de desvalorização do vínculo amoroso, uma vez que profaniza, vulgariza o ato sexual, tornando-o “excessivamente” possível.

Para Rougemont (2003), a origem do amor romântico está na tentativa religiosa de supressão da condição mundana. Eros ou “desejo sem fim”, uma das bases do amor romântico não objetiva a realização, mas a idealização, a distância, a interdição¹⁰⁰. A característica intrínseca ao sagrado, como bem demonstrou Durkheim (1996), é de uma valorização que dificulta o acesso, a possibilidade de realização.

Os poliamoristas que vivenciam “relacionamentos abertos” buscam facilitar os envolvimento afetivos e sexuais, não restringindo-os ao casamento, ou ao encontro com uma “alma gêmea”. Objetivam “dessacralizá-los” e veem, portanto, os mecanismos de sedução como barreiras à expansão de um potencial afetivo ilimitado: “O amor bom é facinho¹⁰¹”

⁹⁹ Daniela declara morar em Ribeirão Preto (SP) e estar cursando ciência da computação.

¹⁰⁰ O autor afirma que quanto mais interdito o objeto de desejo, maior é o investimento emocional, uma vez que “a astúcia mais elementar do desejo é o adiamento”. (Rougemont, 2003:78).

¹⁰¹ “O amor bom é facinho” trata-se de um artigo da revista Época, escrito por Ivan Martins (<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI244764-15230,00.html>) debatido no grupo Pratique Poliamor Brasil. Nele faz-se uma crítica a valorização do “esforço”, do “sacrifício” e a desvalorização do

defendem. Ao invés de limitar suas possibilidades, buscam expandí-las, não se restringindo a padrões estéticos muito rigorosos, nem a outros critérios muito restritivos - transformando o amor de artigo raro, “obstaculizado” e “impossível”, em não idealizado e ilimitado. Em contrapartida, os que veem o amor como “sagrado”, defendem que ao aumentar o número de parceiros, os contatos sexuais são mais superficiais, desvalorizando o envolvimento amoroso, perdendo o seu “colorido”, banalizando-o.

Perguntei para Rodrigo se o fato de ter um universo potencial de mulheres “amáveis” extenso, significava não considerar ninguém “especial”. Ele disse que considera muitas pessoas “especiais” e “belas”, quase a totalidade das mulheres. Para ele, o belo não é o raro, o valioso não é o escasso e o amor não é o obstáculo. É importante reafirmar que a “profanização” do amor não implica, segundo os pesquisados, sua desvalorização, assim como a ênfase na autonomia não representa um desejo de não vinculação.

Os poliamoristas não veem no casamento e na constituição de uma família mononuclear o lugar exclusivo ou privilegiado de envolvimento emocional. Não acreditam ser necessário escolher uma única pessoa e a ela voltar todas as suas emoções e expectativas de vida, atribuindo a um único indivíduo uma posição absolutamente diferenciada dos outros. A expansão das possibilidades do amor enfatiza que muitos podem ser “especiais”, “singulares” e “amáveis”. Esta seria uma marcação de distinção com relação aos adeptos de swing, dentre outras modalidades de relacionamentos múltiplos, que colocam a esfera do lar, do casal, como sagrado, local de profundidade emocional, enquanto “a rua”, o clube de swing, seria o terreno do anonimato, da apropriação de corpos genéricos, despersonificados. Os poliamoristas, em contrapartida, afirmam que valorizam a singularidade, e é em geral o que procuram em cada experiência amorosa.

A análise de Goldenberg (2008) sobre as transformações nas relações íntimas e de gênero no Rio de Janeiro elucidam alguns aspectos desta discussão. A antropóloga analisa a trajetória de vida de Leila Diniz, como um grande ícone de questionamento “da moral e dos bons costumes”, em especial do “machismo”, atrelado à falta de desejo sexual feminino e à posição de passividade em relação ao desejo masculino. Leila Diniz, a partir da repercussão pública de sua vida pessoal, simbolizou a transformação que as vanguardas cariocas promoviam nos comportamentos amorosos e sexuais brasileiros. Ela teve envolvimento amorosos simultâneos, alguns mais duradouros do que outros e não viu contradição entre eles.

envolvimento “fácil”. Outra referência poliamorista que contribui para essa discussão é a campanha: “eu escolhi esperar”, de mulheres que optaram por ter sua primeira experiência sexual após o casamento. Esta postura repercutiu em alguns com risos e encorajamento para que fosse criado o grupo oposto: “escolhi não esperar”.

Defendia o “amor livre”, um amor real, desidealizado, como as próprias palavras da atriz mostram: “Meio inconsciente, me tornei mito e ídolo, ou mulher símbolo da liberdade, pregadora-mor do amor livre. Muita gente não entende o que é isso. Só quero que o amor seja simples, honesto, sem os tabus e fantasias que as pessoas lhe dão.” (Goldenberg, 2008: 15).

Leila Diniz não declarava ver no casamento, ou apenas em um homem, o local de destinação exclusiva de amor. Não que ela não desejasse ter um “maridinho”, como disse, mas defendia a liberdade para amar o quanto, como e quem quisesse. A atriz mostrou que não existiria uma desvalorização diante de sua constante realização. A perspectiva é justamente oposta: quanto mais amor mais amor.

A prática poliamorista pode ser analisada a partir da “revolução sexual”, quando o amor e o sexo passam a não ser apenas idealizados, mas praticados em “excesso”. O Poliamor poderia ser entendido como uma radicalização e sistematização dos ideários de “amor livre”.

Há que se destacar que há posições distintas dentro do grupo e que podemos dividi-las em duas: a que defende “relacionamentos abertos”, associada aos ideais de liberdade e autonomia e de descrassalização do amor e do sexo; e a praticante da polifidelidade, que defende a restrição dos elos afetivos e o privilégio dos valores opostos: de negociação e reciprocidade. O primeiro é mais expressivo entre os pesquisados brasileiros, enquanto nas pesquisas nos Estados Unidos e Europa, a polifidelidade parece ter maior adesão. Um dado que confirma esta ideia é a consideração de Anapol (1997), que afirma que o Poliamor e a polifidelidade são sinônimos¹⁰². O Poliamor no Brasil está mais associado ao “amor livre” e pode ser expresso na popularidade de um de seus mais importantes ícones, o psicoterapeuta Roberto Freire.

4.3.2- Duração das relações poliamoristas

“Pessoalmente estou convencido de que a maneira mais fácil e rápida de destruir uma relação é torná-la exclusiva, isolada e fechada.” (Marcos citando Roberto Freire, em Utopia e Paixão.)

A duração das relações poliamoristas é discutida no grupo do Facebook a partir dessa citação. Rodrigo defende que as relações “mono” são mais duradouras porque as pessoas têm menos alternativas, ficando “presas” e conformadas com aquilo que têm e que nos relacionamentos “poli”, em contrapartida, as pessoas só ficam umas com as outras por

¹⁰² Sobre esta relação ver Klesse (2006) e Laclau and Mouffe (1985).

quererem alguém específico e não um “tapa-buracos emocional”. Helô e Vinícius¹⁰³ desvalorizam a importância da duração dos relacionamentos: “Durar com que qualidade?” pergunta o primeiro, e Helô diz que durar não é um dado importante embora viva uma relação há quase 15 anos.

Na comunidade Poliamor Brasil no Orkut foi discutido se é possível um relacionamento poliamoroso durar e se as insatisfações são maiores tendo em vista o envolvimento com mais pessoas. André¹⁰⁴ diz ter vivido um relacionamento triangular por seis anos “muito bem vividos”. Nos momentos de “dúvida” sobre a relação, ao invés de uma “âncora para trazer de volta a calma do cais, foram duas.” Jandira¹⁰⁵ relata uma experiência contrária, em quatro anos de um casamento aberto homossexual, a inclusão de uma terceira pessoa apenas trouxe problemas para a relação. Segundo ela, esta pessoa sentia-se inferior e “tramou algumas coisas ruins.” Jandira defende que toda relação tem altos e baixos, mas uma relação com mais pessoas tem um maior número de “mortos” e “feridos”.

Rodrigo argumenta que apesar de uma pessoa “poli” se envolver com várias ao mesmo tempo o investimento emocional não é menor, portanto o sofrimento da perda é o mesmo. A diferença, para ele, está no efeito da perda; enquanto os monogâmicos se sentem “sem chão”, desestabilizados por terem um vínculo “obsessivo”, o poliamorista é mais autônomo: “O sofrimento que eu sinto quando perco é praticamente o mesmo, mas a capacidade que eu tenho de me reestruturar e de não me destruir aumenta. O impacto na minha estrutura psicológica é menor, mas a dor que eu sinto da perda é a mesma.” Quando perguntado se espera viver um relacionamento eterno diz: “Eu não espero, mas eu gostaria que ocorresse, não conto que irá ocorrer, mas gostaria de ter, inclusive imagino, quando eu estou com alguma pessoa que estou bastante envolvido emocionalmente, passar anos com ela, inclusive coroa.”

Apesar de em alguns discursos poliamoristas a duração aparecer como importante, é ressaltado que ela não pode vir a qualquer custo. O “para sempre” é visto como um contrato prisional, uma abdicação de “liberdade”, um “sacrifício”, e “amor” e “sacrifício” são vistos como oposições. O amor, entretanto, pode permanecer mesmo com o fim da relação. Rodrigo diz que “deixou de parar de amar”:

¹⁰³ Vinícius declara ser morador de São Paulo, advogado autônomo, kardecista impraticante, heterossexual e com visão política “pragmática”.

¹⁰⁴ André declara residir em Porto Alegre (RS), ser médico, fazer Pós-Graduação e praticar Yoga.

¹⁰⁵ Jandira declara ter 25 anos, não ter filhos e morar com os pais em São Paulo. Define sua etnia como “hispanico/latino” e sua orientação sexual como “gay”. Diz ser formada na USP e praticante de Yoga.

“Todo relacionamento que se tornava amor não deixava de ser, mesmo que elas terminassem comigo, eu acho que só terminei com três na minha vida, de resto foram elas, e continuei as amando, passa uma ou duas semanas mesmo sem contato, você quando lembra dela dá vontade de chorar, quando encontra elas também, eu sentia isso por várias durante muito tempo”.

Não é comum, entre poliamoristas, a descrição de sofrimento por amor, assim como o uso de termos como “coração partido” e “abandonado”. A principal fonte de frustração relatada é a de ter a “liberdade” limitada, e também a de sofrer preconceito e incompreensão. Os depoimentos apontam para diferentes motivos para o não compartilhamento de sofrimento por amor nas redes sociais. O primeiro é que o enfoque dado nos fóruns é sobre a possibilidade de amar vários ao mesmo tempo. O segundo está articulado à concepção do Poliamor como mais “evoluído”, o que tende a refutar a ideia de “abandono”. O terceiro, que considero o mais significativo, é que a crença de que “ninguém foi feito para ninguém” reflete uma lógica de permanente abertura de possibilidades, onde o fim de um amor não representa o fim do amor.

Para Milton¹⁰⁶ as relações poliamoristas devem funcionar como as de amizade, não sendo necessário o seu término quando ocorre a diminuição da intensidade. Ele defende que a possibilidade de vários amores simultâneos favorece uma menor expectativa sobre os relacionamentos. Portanto, não haveria a necessidade de se “descartar” amores. Na relação monogâmica quando não é satisfatória, é melhor “não arriscar” esperando melhorar, mas romper, já que se perde um tempo precioso desperdiçando outras possibilidades. Numa relação poliamorosa, segundo Milton, “não se perde nada” e o fim da relação, assim como nas de amizade, deve ocorrer exclusivamente quando uma pessoa se afasta ou se torna inimiga.

Helô escreve no site Poliamor Brasil sobre a “longevidade das relações poli”, argumentando que o que faz uma relação ser longa é a capacidade de adaptação, diálogo e tolerância. Para ela, é difícil unir tolerância e Poliamor, já que muitos concebem tolerar como aprisionar, não havendo grande interesse em lidar com as vontades do outro. Para ela, é preciso entender a tolerância não como uma anulação de si, mas como um conjunto de regras que favorecem o bom convívio e o prazer. Helô também questiona o valor dado à durabilidade: “deve durar mesmo? A todo e qualquer custo?” Os acordos para ela devem ser desfeitos, apesar das pessoas não serem “copos descartáveis”.

¹⁰⁶ Milton declara ser morador de São Paulo e não ter filhos. Define-se como “caucasiano”, “libertário ao extremo” e com “um lado espiritual independente de religiões”. Suas paixões são cinema, cultura pop, arte e ideias subversivas.

4.3.3- O amor romântico e o Poliamor

Para Klesse (2011), as características que sintetizam o amor poliamorista são: não é exclusivo e limitado; é baseado em liberdade; honestidade; comprometimento; dedicação; trabalho; cuidado com o outro e altruísmo. As duas primeiras características são fundamentais, também, para os poliamoristas pesquisados, sendo as seguintes menos representativas, uma vez que contrariam às de autonomia, liberdade e espontaneidade.

Não se trata aqui de negar a importância destas noções na prática nativa. O “trabalho”, por exemplo, alude à “negociação” e busca de consenso, ambas enfatizadas pelos poliamoristas que priorizam os ideais de igualdade e reciprocidade. O amor “poli” também envolve “trabalho” na medida em que há um esforço permanente para despir-se da monogamia, ou seja, abandonar os ciúmes e a tentativa de controle do amado. Esta perspectiva parece contemplar um número maior de poliamoristas, que preocupados em desvendar e lapidar o “eu”, dão menor valor ao trabalho com o outro (“negociação”).

A dedicação ao outro e o “altruísmo” seriam dimensões ainda menos pertinentes entre os pesquisados uma vez que implicariam centralidade nos desejos do(s) parceiro(s), quando o discurso nativo enfatiza o próprio desejo e a aceitação e contentamento com a liberdade do amado. É fundamental reafirmar que o centro norteador do amor poliamorista é o “eu mesmo” e não o outro, razão pela qual são raros os depoimentos que expressam o amor por alguém. As falas de amor referem-se à possibilidade de amar “como”, “quem” e “quantos” quiserem. A ênfase dos pesquisados está na busca por legitimar a própria “liberdade” de amar, o que é reforçado pelo pequeno número de poliamoristas que efetivamente vivem uma relação “poli”. Há, desta forma, um discurso de lamentação sobre a castração amorosa e uma tentativa de superação da regra da exclusividade, não sendo a fala sobre amor endereçada ao outro, menos ainda um “assujeitamento altruístico” ao amado. O principal amado poliamorista é o “si mesmo”, expresso entre alguns pesquisados por um culto à solidão e à solteirice¹⁰⁷.

O ideal de “honestidade” apresentado por Klesse (2011) tem uma diferença fundamental da encontrada entre os pesquisados. O autor afirma que o objetivo deste é permitir um contato íntimo “sem barreiras”, o que faria do amor poliamorista uma expressão contemporânea do amor romântico. Como exposto acima, a ênfase dos pesquisados é em afirmar sua autonomia e não em “fundir-se” no amado. A seguir me concentrarei em mostrar como os ideais do amor romântico de “fusão” e de “eternidade” têm pouca representatividade

¹⁰⁷ Alana afirma ao grupo Poliamor Brasil do Orkut: “Há pessoas solteiras por opção, há pessoas solteiras por falta de opção, eu sou solteira por convicção”.

entre os meus pesquisados. Antes, irei fazer uma breve discussão histórica do tema para reforçar meu argumento.

Rougemont (2003) defende que a origem do “amor romântico” está articulada à poesia provençal francesa do século XII. Para o autor, o “amor paixão” que perdura até o romantismo moderno é sofrimento, “amor recíproco infeliz”, “celebração do inatingível” - marcas do homem ocidental que se reconhece no sofrimento e que prefere a “deliciosa tristeza”. Para ele, o “amor paixão” (Eros), cultuado no Ocidente, é uma fuga para além do concreto da vida, uma promessa de completude e divinização irrealizável. A contraposição a Eros é Ágape, onde o amor é pelo outro e não pela ideia de amor ou de seu mortal e “delicioso ardor”. É um amor possível, presente, feliz e obediente e que está expresso no casamento que santifica.

Rougemont (2003), Flandrin (1982) e Ariès (1982) mostram que a associação entre “amor paixão” e casamento é recente na história do Ocidente. Rougemont estuda a sociedade de corte, em que o amor está associado ao desejo de morte e à busca do adiamento de sua consumação. Flandrin aponta para a sua inexistência nos debates em torno da conjugalidade até o século XX, ou então, quando mencionado, vinha marcado por reprovação: “O homem sábio deve amar sua mulher com discernimento, não com paixão (...) que eles não se apresentem as suas esposas como amantes, mas como maridos”. (Flandrin, 1982: 49). O autor aponta o casamento como interesse de família, basicamente fundamentado na procriação e educação dos filhos. O elo creditado ao casamento é um sentimento sereno que emergiria no decorrer da relação, diferentemente do “amor paixão”, de início súbito e de intensidade incontrolável.

Ariès (1982) destaca que o “amor romântico” moderno aproximou a idealização típica do “amor paixão” e a possibilidade de concretude do “amor reserva”. Na base da gramática do “amor romântico” está associada uma nova percepção do indivíduo, tomado como unidade autorreferida, dotado de “liberdade” e tendo a “felicidade” como projeto existencial. Há, portanto, uma troca de ênfase nos critérios de formação do casal – o afeto e a compatibilidade pessoal tomam o lugar de elementos como a riqueza familiar. O casamento passa de “negociado” à “inclinação”, de domínio público ao campo da intimidade e “espontaneidade pura” – nos termos de Ariès (1982).

Ernest Burgess (1926) defende que o impulso romântico é responsável pela desestruturação da instituição familiar e da infelicidade conjugal. Waller e Hill (1951) reforçam o argumento de Burgess afirmando que nos lugares onde o “amor romântico” é valorizado, os casamentos são instáveis. A consolidação do “amor romântico” nos Estados

Unidos pode ser articulada, segundo Berscheid (2010), ao acelerado crescimento das taxas de divórcio a partir da década de 1950. Jablonski (1991:17) analisa a crise do casamento contemporâneo articulada ao enfraquecimento do conceito de família que cede lugar a preocupações relativas à autonomia, independência, liberdade e auto-satisfação. O autor destaca também a importância da diminuição gradual da influência religiosa sobre os vínculos amorosos para a maior fragilidade do laço conjugal.

Com a disseminação do divórcio e sua institucionalização no Brasil em 1977, ocorreu um crescente processo de flexibilização dos arranjos conjugais - passando o “amor romântico” a não estar mais vinculado exclusivamente ao casamento (Vaitsman, 1994).

Bèjin (1982) analisa as “uniões livres” contemporâneas como uma estratégia juvenil, inconsciente, de conciliar interesses contraditórios na antiga sociedade ocidental, o amor fora e dentro do casamento. A marca dos vínculos conjugais contemporâneos, segundo o autor, é a busca por “ganhar de todos os lados (...) sem nada sacrificar de suas possibilidades”, conjugando a estabilidade e permanência do “amor reserva” com a intensidade do “amor paixão”. (*ibidem*: 184) O casamento, entretanto, não é substituído pelas “uniões livres” que tampouco representam o fim do “amor romântico”, sendo apenas expandidas as possibilidades de sua vivência.

Bauman (2003) defende que, na contemporaneidade, o desejo de estar “ligado” permanentemente a alguém é visto com desconfiança, já que representa uma limitação de outras realizações potencialmente mais satisfatórias e completas. A maior “liberdade” contemporânea é vista, pelo autor, como paradoxal, uma vez que as escolhas são difíceis e as concessões dolorosas. Apesar das transformações, a ideia de uma única união plenamente satisfatória não é desfeita e se manifesta repleta de temores, incertezas e angústias. Tendo em vista o expandido universo de possibilidades, fica-se cada vez menos seguro de se ter de fato encontrado a “alma gêmea”. A diferença passa a estar basicamente na possibilidade constante de troca, impensável na primeira metade do século XX. A tensão paradoxal que Bauman mostra é a mesma que Bèjin (1982) apresentou, já que se deseja conjugar vínculos leves e frouxos a parcerias seguras e duradouras. Deseja-se liberdade para que se possa fazer a melhor escolha possível - definitiva - mas como não se tem certeza de tê-lo feito, opta-se por manter os vínculos frouxos, permitindo a manutenção da busca romântica.

O argumento defendido nesta dissertação é que nem o “amor romântico” e nem os “amores líquidos” descritos por Bauman (2003) se referem aos anseios e construções poliamoristas e que a única correlação pertinente é a valorização da possibilidade de se experimentar tudo aquilo que se deseja, sem nada sacrificar. Poliamoristas consideram todas

as possibilidades desejadas como certas sem desejo de se vincularem à “pessoa certa”, ao(a) príncipe/princesa encantado(a). Apesar de desejarem simultaneamente intensidade nos vínculos e “frouxidão” para encontrar outros amores, acreditam não ser necessário “abrir mão”, pois vários amores simultâneos são conciliáveis. A escolha poliamorista não é excludente, o que mostra um quadro fundamentalmente distinto do elaborado por Bauman.

Helô argumenta no site Poliamor Brasil que Eros não é um sentimento poliamorista, já que é uma ilusão, uma tentativa frustrada e idealizada de “fusão” e “completude” no amado¹⁰⁸. Não há, em sua perspectiva, idealização dos parceiros no Poliamor, que são descritos como reais e repletos de defeitos. Também são recorrentes as afirmações nos fóruns pesquisados de que ninguém se satisfaz integralmente com uma única pessoa e que todos já são completos, independentemente de parcerias amorosas. Outro argumento que afasta o “amor paixão” do Poliamor é o caráter único e especial do amado, expresso em concepções como: “só poderia ser com você”. Para os pesquisados, esse tipo de crença é risível, já que todos são igualmente possibilidades, “únicos” e “especiais”. Em suma, não há qualquer menção à noção de “completude” entre poliamoristas. Ao contrário, inúmeros são os ataques a esse objetivo “monogâmico” e ao “amor romântico”.

O “amor reserva” tampouco é valorizado. Primeiro, porque há uma oposição no grupo às noções de “estabilidade” e “permanência”. A própria adoção hegemônica entre poliamoristas de “relacionamentos abertos” mostra como há um espaço permanente para mudanças. Não só os relacionamentos, mas as pessoas são concebidas como mutantes, proporcionando constantes rearranjos nos relacionamentos. Além da “não permanência”, a “eternidade” também não é um ideal poliamorista. O relacionamento “durará” o tempo em que for satisfatório. Entretanto, é importante destacar que a própria noção de “rompimento” pode não fazer sentido, já que é possível conjugar amores. As transformações do vínculo amoroso tendem a ser vistas como contingências, não sendo suficientes para a ruptura – já que

¹⁰⁸ No site Poliamor Brasil, a paixão não é descrita como uma busca poliamorista. Helô a define como um “vício”, uma busca incessante e insatisfeita por novas “vítimas” capazes de produzir uma “ardência inicial”. Defende que os poliamoristas tendem a se dedicar profundamente a suas relações e que em nome da “armadilha” de Eros não compensa reorganizar uma rede de relações estáveis. Para ela, os relacionamentos poliamorosos não visam conciliar um vínculo “morto” a novas paixões, não se tratando, portanto, de mais uma tentativa de sanar o conflito entre Eros e Ágape - “amor paixão” e “amor conjugal”, amor fora e dentro do casamento. Danilo, membro da comunidade do Orkut, também vê a paixão como algo que pertence à monogamia. Ele a define como algo ilusório cujo alvo é aleatório e se esgota em dois anos. Para ele, casamentos por paixão são equívocos, a procura deve ser por sexo e amizade, que é a base do amor. Roberta declara que não sente mais as “mega-paixões” da adolescência e que descobriu que muito da intensidade do sentimento deriva do medo, da insegurança de perder a pessoa em questão. Descreve a paixão como parte de “uma ansiedade perene nada saudável”. Hoje ela diz se interessar por pessoas de forma mais branda e profunda e que constrói o que sente, sem ser vítima de seus sentimentos.

se pode permanentemente buscar em outro aquilo que não se encontra com o parceiro, sem que seja necessário optar por um deles.

A estabilidade e a segurança psíquica que proporciona a presença de um parceiro permanente em um mundo onde tudo se transforma, não é valorizada por poliamoristas, que defendem “aceitar” e se “alegrar” com a liberdade dos parceiros. Os princípios de “segurança” e “identidade” representados pela parceria amorosa estável e duradoura são apontados por Bauman (2003) e Giddens (1993)¹⁰⁹ como fundamentais na construção dos relacionamentos afetivos na contemporaneidade. A proposta poliamorista, em contrapartida, defende a não constituição de si a partir do parceiro, já que todos são “completos” e apenas compartilham experiências e emoções. Essa lógica de amor é expressa por Roberto Freire (1990), que na “declaração do amante anarquista” diz: “Porque eu te amo, tu não precisas de mim. Porque tu me amas, eu não preciso de ti. No amor, jamais nos deixamos completar. Somos um para o outro, deliciosamente desnecessários.”

No cerne dos ideais poliamoristas está a noção de “liberdade” - tanto própria quanto do parceiro, que refuta a estabilidade do “amor reserva”, e a ideia de fusão do “amor paixão”. A valorização da “liberdade” recusa o amor como “propriedade privada”, já que “ninguém pertence a ninguém”, afirmando o valor dado à “descontinuidade” e à transformação incessante. Ama-se mais a “liberdade”, a “possibilidade” e o “incerto” do que seus próprios “objetos”.

O conceito de individualismo auxilia na compreensão do “mundo poli”. Há um discurso centrado no “eu”, na valorização da “liberdade” e da “igualdade”, como marcas de um mundo “desmagificado”, “horizontal” e “plural”.

Como diz Maurício na comunidade Poliamor Brasil no Orkut: “Somos feitos da igualdade mais libertária que existe, a diferença.” Os pesquisados poliamoristas afirmam que consideram todos igualmente “únicos” e “especiais” e defendem relações desprovidas de “hierarquias” e “competições”, características apontadas como próprias à monogamia. Eles dizem que estabelecem relações sem almejar se sobrepor aos outros: ser o mais feliz, o mais realizado, ter e ser o melhor homem ou mulher. Como defendem a não hierarquização de pessoas, escolher uma única, em um universo de possibilidades, não faz sentido para eles.

¹⁰⁹ Apesar de apontar uma dissociação entre a leitura elaborada por Giddens e o Poliamor, alguns elementos pertencentes à análise do autor referente ao “amor confluyente” devem ser considerados. Para o autor, o “amor romântico” moderno, marcado pela tentativa de completude no outro, além da noção de eternidade, daria lugar a um amor caracterizado pela emancipação feminina, que valorizaria ideais como os de “liberdade”, “igualdade” e de “autossatisfação”. Vale notar ainda que o “amor confluyente” não seria necessariamente monogâmico e nem heterossexual.

Cada uma “atende” a um aspecto, havendo, ainda, o “desconhecido”, as “possibilidades” que negam qualquer garantia de já se ter alcançado o ideal. As “possibilidades” são, na realidade, o verdadeiro amor “poliamorista” - pois atendem aos anseios de se libertarem dos valores sociais que impõem a necessidade de se escolher uma única pessoa e a ela destinar seus afetos mais nobres. Esta visão é expressa por Helô no site Poliamor Brasil:

“Não acredito em amor singular, amor exclusivo, amor excludente. O meu amor é geral, genérico, abrangente. Não acredito em amores finitos, amores limitantes, amores vertentes, verticais, vetoriais. O meu amor é um conjunto infinito de possibilidades, é a possibilidade”.¹¹⁰

¹¹⁰ A autoria do texto é dada ao autor do site: <http://casadozander.com/> que apresenta-se como: “Tenho quarenta anos, carioca, desterrado em São Paulo. Eu era alguém até ontem. Desde o nascimento fui diversas pessoas, personagens, criaturas. Fato é que não quero ser coisa alguma. Estou sendo. Sou transitório, imperene, diáfano e efêmero. Quem eu sou? Um mistério em um livro aberto. Uma farsa, um travesti pós-moderno. O que tenho para o mundo é minha veia aberta, o meu core sangrado e exposto. Ou não.”

4.4- Poliamor (igualdade x liberdade) x monogamia

Procurei neste capítulo analisar os valores básicos da ideologia poliamorista. Por se tratar de um discurso repleto de tensões, divergências e contradições, apresento, a seguir, um quadro que busca sintetizar os principais conflitos e posicionamentos encontrados no grupo, assim como as principais contraposições feitas à monogamia. Cabe lembrar que se trata apenas de um modelo simplificado para visualizar com mais clareza as oposições encontradas na pesquisa.

Poliamor		Monogamia
“Liberdade”	“Igualdade”	Prisão / imposição
Liberdade plena	Liberdade responsável	Prisão
Singularidade/ originalidade	Identidade	Sem individualidade
Espontaneidade	Mutualidade /reciprocidade	Imposição
Autonomia	Autorização/consentimento	Imposição
Mais evoluído	Igual à monogamia	Infantil
Compersão (aceitação do outro)	Regras/ negociação	Ciúme
Cooperação	Ambiguidade	Competição
Horizontalidade	Horizontalidade	Hierarquia
Individualidade	Díade	Fusão
Sem nomenclaturas/conceitos	Nomenclaturas / conceitos (criados)	Nomenclaturas/ conceitos (impostos)
Honestidade a “si mesmo”	Honestidade ao outro	Mentira
“Relação Aberta”	Polifidelidade	Traição
Indivíduo	Indivíduo e sociedade	Sociedade
“Relação Aberta”	Polifidelidade	Traição
Indivíduo	Indivíduo e sociedade	Sociedade
Amor profano (infinitos)	Amor sagrado (limitados)	Amor “posse”
Condenação do amor romântico	Ambiguidade	Amor romântico
“Amizade colorida”	Amizade x amor	Casamento
“Devir”	Duração	Eternidade
Crítica ao sexo “objetificado”	Desvalorização do sexo	Sexo “objetificado”

Considerações finais

O Poliamor se constitui como uma série de discursos de crítica à monogamia. Há, no entanto, uma divergência fundamental entre seus defensores. Para alguns, a crítica se concentra apenas sobre a obrigatoriedade da monogamia. Para outros, a monogamia é vista como um “mal” a ser combatido. No primeiro caso, a busca é por “igualdade” entre todas as formas de conjugalidade. Já no segundo, a ênfase está na “diferença”, afirmando a superioridade do Poliamor e o objetivo de substituir a monogamia por uma nova estrutura legítima de relacionamentos.

O Poliamor não é contraposto apenas à monogamia, mas ao swing, ao “relacionamento aberto” e à poligamia. O swing e o RA são ambíguos para os pesquisados, uma vez que possibilitam novas experiências, mas as restringem ao sexual. Na perspectiva hierárquica, representam um avanço em relação à monogamia, mas um retrocesso em relação ao Poliamor, já que o envolvimento múltiplo afetivo é uma impossibilidade.

Os elementos que permitem diferenciar e hierarquizar as diversas modalidades de conjugalidade são os quatro valores que foram apresentados como base ideológica do Poliamor: a “liberdade”, a “igualdade”, a “honestidade” e o “amor”. São eles, ainda, que justificam a opção pelo Poliamor em detrimento das demais formas de relacionamento amoroso.

O Poliamor é considerado um vínculo mais “livre” do que a monogamia, o “relacionamento aberto” e o swing, uma vez que o estabelecimento de um relacionamento não é impeditivo de outros. Enquanto a monogamia é caracterizada como uma “prisão” - já que há uma única relação legítima por vez - o swing e o “relacionamento aberto” são considerados mais livres do que a monogamia, apesar de menos livres do que o Poliamor. As razões apontadas para a maior liberdade do Poliamor em relação à poligamia são: a possibilidade de todos (homens e mulheres) terem mais de um relacionamento; de vivenciarem o amor em grupo e de amarem pessoas do mesmo sexo e fora do casamento.

Afirma-se que o Poliamor é mais “igualitário” do que a monogamia e o swing, já que os últimos são considerados “machistas”, privilegiando os desejos masculinos e tratando as mulheres como objetos. Afirma-se também que a poligamia é constituída por uma assimetria de gênero, já que necessariamente há apenas um polígamo na relação. Por sua vez, o Poliamor seria marcado pelo combate ao “machismo” e a possibilidade de que tanto homens quanto mulheres amem da forma que desejarem.

Acredita-se que no Poliamor se é mais honesto “consigo mesmo”, já que não é necessário se “moldar” ao(s) parceiro(s) como nas demais formas de conjugalidade, que têm mais regras, expectativas e ciúmes. Na monogamia haveria ainda menos “honestidade ao parceiro” em função da preferência pelo adultério em detrimento do questionamento da regra da exclusividade afetivo-sexual. Entre os praticantes de “swing” e “relacionamento aberto”, como o desejo de envolver-se afetivamente não é aceito, seria preciso optar por ser honesto ao próprio desejo ou aos do parceiro.

O Poliamor seria mais “amoroso” tendo em vista ser o único relacionamento que afirma ser possível e preferível que todos amem mais de uma pessoa ao mesmo tempo.

A “conversão” poliamorista emana, em geral, de processos mais amplos de “autoconhecimento” - de um mergulho em si mesmo em busca daquilo que é “autêntico”, ou seja, o verdadeiro “eu” ou o “eu” mais justo. Há, desta forma, um questionamento sobre tudo aquilo que foi imposto. A monogamia seria apenas uma dessas imposições, um dos equívocos que devem ser extirpados de suas personalidades. Este processo de lapidação do “eu” pode ser entendido a partir das seguintes oposições: Eu velho x Eu novo; Eu monogâmico x Eu poliamorista; Eu ciumento x Eu “compersivo”; Eu infantil x Eu adulto; Eu imposto X Eu mesmo (verdadeiro); Eu condenável x Eu justo.

Apesar do Poliamor se constituir a partir de oposições à monogamia, as práticas conjugais dos pesquisados apontam limites em torno destes binarismos, já que são poucos os que efetivamente vivem poliamores. Há uma série de desafios para superar a “monogamia”, dentre eles: assumir publicamente a opção pelo “Poliamor” e encontrar parceiros adeptos. Há que se destacar a permanência de uma espécie de “Eu” monogâmico residual – associado, em especial, aos ciúmes - a ser permanentemente combatido, o que faria com que nenhum poliamorista esteja absolutamente livre da monogamia. Há, desta forma, um descompasso entre o ideal e a prática poliamorista que pode gerar frustração e vergonha. Apesar das dificuldades para se alcançar a “faixa preta” do Poliamor, os pesquisados acreditam ser preferível enfrentá-las a retornar às “trevas”.

Procurei, ao longo do trabalho, mostrar que os discursos poliamoristas não são homogêneos e que a principal tensão encontrada se dá na articulação dos ideais de “liberdade” e de “igualdade”, tensão que tem quatro desdobramentos principais.

O primeiro está em como conjugar “liberdade” e “singularidade” à identidade. Em um extremo, existem poliamoristas que recusam qualquer identidade considerando-as prisões, padronizações desnecessárias e perigosas. Em outro, é afirmada a importância de serem abstraídas as individualidades a fim de buscarem uma identidade como grupo. Enquanto as

identidades de gênero e as sexuais (“hétero” e “homo”) são as mais questionadas, a poliamorista e a bissexual possuem maior adesão. Uma explicação possível para tal diferença é que ambas são entendidas como “libertadoras”, tendo como principal objetivo questionar as limitações impostas pelas identidades gay, hétero e monogâmica. Afirmar-se “bissexual” e “poliamorista” não é, nesta ótica, entendido como aprisionar-se, mas defender a “libertação” do amor, para que ele possa ser experimentado independentemente dos sexos dos envolvidos e da existência de outros relacionamentos.

A segunda tensão está em como articular individualidade à conjugalidade. Os poliamoristas pesquisados defendem que não há contradição entre elas no Poliamor, uma vez que é possível estabelecer um vínculo amoroso sem que isso gere impedimentos e constrangimentos aos parceiros. É defendida a possibilidade de amar sendo “si mesmo”. Para tanto é fundamental o desenvolvimento do sentimento de “compersão”, atitude de aceitação e de contentamento com a liberdade do parceiro. Como a ênfase dos pesquisados está em suas individualidades, são recusados os objetivos de fusão ou simbiose com o amado, considerados alienações próprias à monogamia.

O dilema mais fundamental da prática poliamorista é entre a valorização dos princípios de espontaneidade e liberdade, de um lado, e reciprocidade e mutualidade, de outro. Em um extremo defende-se que não deve existir regras nos relacionamentos, que o amor deve ser espontâneo e que “reciprocidade é comércio”. Em outro, prioriza-se a equidade nas trocas, argumentando que um relacionamento deve ser negociado e consensual. Enquanto Klesse (2011), Barker e Langdridge (2010) e Cardoso (2010), que pesquisaram o Poliamor nos Estados Unidos e Europa, afirmam a predominância entre seus pesquisados dos valores de “compromisso”, “responsabilidade” e “negociação”, entre os poliamoristas brasileiros percebo a prevalência oposta, da liberdade e espontaneidade sobre a igualdade.

O último conflito é entre hierarquia e horizontalidade. Há poliamoristas que defendem a necessidade de considerar algumas práticas e valores como superiores a outros. São, em geral, as práticas mais “igualitárias” e “libertárias” as consideradas “melhores”: o Poliamor, a bissexualidade e a defesa de grupos minoritários, por exemplo. A monogamia, a homofobia e o racismo seriam exemplos das inferiores. Por outro lado, há pesquisados que negam qualquer forma de hierarquização, ressaltando a “igualdade” entre todos os posicionamentos. Uma forma de hierarquia que é, em geral, questionada é a entre amores, sendo defendida a possibilidade de estabelecer ilimitados vínculos com igual intensidade. Esta seria uma forma de distinção fundamental com a monogamia, o relacionamento aberto e o swing, no qual uma parceria amorosa deve estar acima das demais. É importante ressaltar que a afirmação

poliamorista de que todos são igualmente únicos, possibilita a conciliação entre os valores de “igualdade” e “diferença”, já que são ressaltadas as individualidades, mas recusadas as hierarquias.

Por fim, é importante destacar que a defesa de “igualdade” e “liberdade” no Poliamor também está presente na crítica ao amor romântico, considerado uma “ilusão” monogâmica, uma vez que pressupõe completude amorosa, “príncipes”, “princesas” e “caras metades” - indivíduos abdicando de suas autonomias e individualidades em busca de simbiose. O projeto de “eternidade” amorosa também é criticado, sendo defendido que o vínculo dure enquanto for satisfatório. A amizade pode sintetizar o ideal de conjugalidade dos pesquisados, uma vez que representa um elo sem possessões, possibilitando ilimitadas relações. O amor é mais importante do que o sexo nos discursos dos pesquisados, existindo, inclusive, condenações ao sexo casual, que se concentram sobre a “objetificação” do parceiro e a “profanização” de um ato que deveria ser sagrado.

Podemos, portanto, concluir o trabalho com a afirmação de que a busca do Poliamor pelos pesquisados está em poder ser “si mesmo” e que esse processo de lapidação do “eu” se dá a partir da articulação dos valores de “liberdade” e de “igualdade”.

Referências bibliográficas

ANAPOL, D. *Polyamory: The New Love without Limits*. San Rafael, CA: IntiNet Resource Center, 1997.

ARIÈS, P. O amor no casamento. IN: ARIÈS, P., BÉJIN, A. (orgs.). *Sexualidades Ocidentais*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

_____. O casamento indissolúvel, IN: ARIÈS, P., BÉJIN, A. (orgs.). *Sexualidades Ocidentais*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

BADINTER, E. *Um é o Outro*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira. 1986

BAUMAN Z. *Amor líquido – sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

BARKER, M. This is my partner, and this is my partner's partner: Constructing a polyamorous identity in a monogamous world. *Journal of Constructivist Psychology*, 18,75-88. 2005.

BARKER, M. e LANGDRIDGE, D. Whatever happened to non-monogamies? Critical reflections on recent research and theory. *Sexualities* 13(6):748–772, 2010.

BECKER, H. *Outsiders. Estudos de sociologia do desvio*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

_____. *Uma teoria da ação social*. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

BÉJIN, A. O casamento extra conjugal dos dias de hoje IN: ARIÈS, P., BÉJIN, A. (orgs.). *Sexualidades Ocidentais*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

BENTO, B. *A reinvenção do corpo: Sexualidade e gênero na experiência transexual*. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

BECK, U. e BECK-GERNSHEIM, E. *La individualización. El individualismo institucionalizado y sus consecuencias sociales y políticas*. Barcelona: Paidós Ibérica, 2003.

BERSCHEID, E.: Love in the Fourth Dimension. *Annu. Rev. Psychol.* 61:1–25. 2010.

BOZON M. Sexualidade e conjugalidade: a redefinição das relações de gênero na França contemporânea. *Cad. Pagu* [online]. n. 20, pp. 131-156. 2003.

_____. *Sociologia da sexualidade*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

BURGESS, E. W. (1926). The family as a unity of interacting personalities. *The Family*, 7(1), 3-9. 1926.

BUTLER, J. *Cuerpos que importan. Sobre los limites materiales y discursivos del “sexo”*. Buenos Aires: Paidós, 2008.

_____. *Problemas de gênero: feminismo e subversão de gênero*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

CARDOSO, D. *Amando vári@s – Individualização, redes, ética e poliamor*. Tese de mestrado, Universidade Nova de Lisboa, 2010.

COSTA, J. F. *Sem fraude nem favor. Estudos sobre o amor romântico*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

DOUGLAS, Mary. *Pureza e perigo: uma análise dos conceitos de poluição e tabu*. São Paulo: Perspectiva, 1976.

DURKHEIM, E. *As Formas Elementares da Vida Religiosa*, São Paulo: Martins Fontes, 1996.

_____. *A Divisão do Trabalho Social I*. Portugal: Editorial Presença; Brasil: Liv. Martins Fontes. 1977.

DUMONT, Louis. “Genese, I: do Indivíduo-fora-do-mundo ao Indivíduo-no-mundo”, In: *O Individualismo: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna*. Rio de Janeiro, Rocco, 1985.

EASTON, D., & HARDY, J. W.. *The Ethical Slut: A Roadmap for Relationship Pioneers*. Celestial Arts, 2009.

ELIAS, Norbert. *O processo civilizador*. v. 1,2. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

_____. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

_____. *A sociedade da corte: investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

FLANDRIN, J.L. A vida sexual dos casados na sociedade antiga. IN: ARIÈS, P., BÉJIN, A. (orgs.). *Sexualidades Ocidentais*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

FÉRES-CARNEIRO, T. Casamento contemporâneo: o difícil convívio da individualidade com a conjugalidade. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 11(2), 379-394, 1998.

_____. CONJUGALIDADES CONTEMPORÂNEAS: UM ESTUDO SOBRE OS MÚLTIPLOS ARRANJOS CONJUGAIS DA ATUALIDADE. Disponível em: fundamentalpsychopathology.org, 2008.

FIGUEIRA, Sérvulo Augusto. *O contexto social da psicanálise*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1981.

FOUCAULT, M. *História da Sexualidade - Vol. 1- “A vontade de Saber”*. Rio de Janeiro: Graal. 1977.

FRANK, K., & DELAMATER, J. Deconstructing Monogamy: Boundaries, Identities, and Fluidities across Relationships. In: M. Barker & D. Langdrige, *Understanding Non-Monogamies*. Routledge, 2009.

FREIRE, R. *Ame e dê vexame*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1990.

FRY, P. *Para inglês ver: identidade e política na cultura brasileira*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

FRY, P.; MacRAE, E. *O que é homossexualidade*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

GIDDENS, A. A transformação da Intimidade. *Sexualidade, Amor e Erotismo nas Sociedades Modernas*. São Paulo: Universidade Estadual de São Paulo, 1993.

GOFFMAN, E. *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis: Vozes, 2009.

GOLDENBERG, M. *A Outra: estudos antropológicos sobre a identidade da amante do homem casado*. Rio de Janeiro: Record, 2007.

_____. (Org) *Os Novos Desejos: seis visões sobre mudanças de comportamento de homens e mulheres na cultura brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

_____. *Infiel: notas de uma antropóloga*. Rio de Janeiro: Record, 2006.

_____. *Porque homens e mulheres traem?* Rio de Janeiro: Best bolso, 2010.

_____. *Toda mulher é Meio Leila Diniz*. Rio de Janeiro: BestBolso, 2008.

HARITAWORN, J., LIN, C., & KLESSE, C. Poly/logue: A Critical Introduction to Polyamory. *Sexualities*, 9(5), 515-529, 2006.

HATFIELD, E. Passionate Love, Companionate Love, and Intimacy. In M. Fisher & G. Stricker (Eds.). *Intimacy*. New York: Plenum Press, 1982.

HEILBORN, M. L. *Dois é par: gênero e identidade sexual em contexto igualitário*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

JABLONSKI, B. *Até que a vida nos separe: a crise do casamento contemporâneo*. Rio de Janeiro: agir, 1991.

_____. Amor na Contemporaneidade: amores de verdades x verdades do amor. Em Revista Eletrônica Polêmica, 8, jan/mar de 2003, publicação trimestral da UERJ, Labore (Laboratório de Estudos Contemporâneos); http://www2.uerj.br/~labore/contemp_amor.htm, 2003.

JAMIESON, L. Intimacy, Negotiated Non-monogamy and the Limits of the Couple, in J. Duncombe, K. Harrison, G. Allan and D. Marsden (eds), *The State of Affairs*, pp. 35–57. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, 2004.

KINSEY, A.C, POMEROY, W.B, MARTIN, C.E. *Sexual Behavior in the Human Male*. Philadelphia, PA: W.B. Saunders, 1948.

KLESSE, C. Polyamory and its 'others': contesting the terms of non-monogamy. *Sexualities*, v.9, n.5, 565-583, 2006.

_____. 'Bisexual Women, Non-monogamy, and Differentialist Anti-Promiscuity Discourses', *Sexualities* 8(4): 445–64, 2005.

_____. Notions of Love in Polyamory - Elements in a Discourse on Multiple Loving. *Laboratorium*. Vol. 3, no. 2:4–25, 2011.

LACLAU, E. e MOUFFE, C. *Hegemony and Socialist Strategy*. London: Verso, 1985.

LÉVI-STRAUSS. *As estruturas elementares de parentesco*. Petrópolis: Vozes. 1976.

LINS, R.N. *A cama na varanda. Arejando nossas ideias a respeito de amor e sexo*. Edição revista e ampliada. Rio de Janeiro: Best Seller, 2010.

LUHMANN, N. *O Amor como Paixão. Para a Codificação da Intimidade*. Rio de Janeiro: Sigmund Brasil, 1991.

MAUSS M. "Uma categoria do espírito humano. A noção de pessoa. A noção do eu". In: M Mauss. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac & Naify. 2004.

MAUSS, M. Ensaio sobre a dádiva. Forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In : _____. *Sociologia e Antropologia*. v. II. São Paulo : Edusp, 1974.

MEAD, G, H. *Mind, self and society: from the standpoint of a social behaviorism*. Chicago: The University of Chicago Press, 1962.

MUNSON, M. e STELBOUM, J.P. (orgs). *The lesbian polyamory reader*. London: Harrington Park Press, 1999.

NEARING, R. *Loving More: The Polyfidelity Primer* (3rd edition). Captain Cook, HI: PEP Publishing, 1992.

PAGE, E. H. Mental health services experiences of bisexual women and bisexual men: An empirical study. *Journal of Bisexuality*, 3, 137-160. 2004.

PALLOTTA-CHIAROLLI 'Choosing Not to Choose: Beyond Monogamy, Beyond Duality', in K. Lano and C. Parry (eds) *Breaking the Barriers to Desire*, pp. 41–67. Nottingham: Five Leaves Publications, 1995.

RITCHIE, A., & BARKER, M. 'There Aren't Words for What We Do or How We Feel So We Have To Make Them Up': Constructing Polyamorous Languages in a Culture of Compulsory Monogamy. *Sexualities*, 9(5), 584-601, 2006.

ROTHBLUM, E. 'Poly-Friendships', in M. Munson and J. P. Stelboum (eds) *The Lesbian Polyamory Reader*, pp. 71-84. London: Harrington Park Press, 1999.

- ROUGEMONT, D. *A História do amor no ocidente*. São Paulo: Ediouro, 1992.
- RUST, P. C. 'Monogamy and Polyamory: Relationship Issues for Bisexuals', in B. A. Firestein (ed.) *Bisexuality*, pp. 53–83. London: Sage, 1996.
- SALEM, T. "O casal igualitário: princípios e impasses". *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 3, n. 9, p. 24-37, fev. 1989.
- SIMMEL, G. *The Sociology of Georg Simmel*. New York: Free Press, 1950.
- _____. *On individuality and social forms*. Chicago: University of Chicago Press, 1971.
- SHEFF, E. 'Polyamorous Women, Sexual Subjectivity, and Power', *Journal of Contemporary Ethnography* 34(3): 251–83, 2005.
- VAITSMAN, J. *Flexíveis e plurais: identidade, casamento e família em circunstâncias pós-modernas*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- YOUNG, I. M. *Justice and the politics of difference*. Princeton: Princeton University Press, 1990.
- WALLER, W. W. and HILL, R. *The Family, A Dynamic Interpretation*. New York: Warner Books, 1951.
- WEBER, A. Survey results: Who are we? And other interesting impressions. *Loving More* 30: 4–6. 2002.
- WILKINSON, E. What's Queer about Non-monogamy Now? Pp. 243–254 in: *Understanding Non-Monogamies*. Edited by Meg Barker and Darran Langdrige. London, UK: Routledge, 2010.
- WITTIG, M. "The Point of View: Universal or Particular?" *Feminist issues*. v.3, n.2, p. 63-69, 1983.
- WOLFE, L.P. *Jealousy and transformation in polyamorous relationships*. Dissertação. The Institute for Advanced Study of Human Sexuality San Francisco, California, 2003.
- WOSICK-CORREA, K. Agreements, rules, and agentic fidelity in polyamorous relationships. *Psychology and Sexuality* 1(1): 44–61. 2010.
- VON DER WEID, O. *Adultério consentido: Gênero, corpo e sexualidade na prática do swing*. Dissertação. PPGSA, UFRJ, 2008.